

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

“Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

MARCILAINE MARTINS DA SILVA OLIVEIRA

GOIÂNIA
2014

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

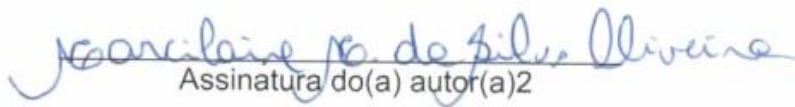
Nome completo do autor: Marcilaine Martins da Silva Oliveira

Título do trabalho: "Como vender balinha": a presença das mulheres no tráfico de drogas

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 05 / 03 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro; Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

MARCILAINE MARTINS DA SILVA OLIVEIRA

“Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – FCS/UFG – como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em sociologia, sob orientação da Profa. Dra Dalva Borges de Souza.

GOIÂNIA

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Martins da Silva Oliveira , Marcilaine

Como vender balinha: a presença da mulher no tráfico de drogas
[manuscrito] / Marcilaine Martins da Silva Oliveira . - 2014.
156 f.

Orientador: Prof. Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Sociologia, Goiânia, 2014.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, gráfico, algoritmos.

1. Criminalidade feminina . 2. Tráfico de drogas. 3. desvio. I.
Borges de Lima Dias de Souza , Dalva Maria, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

MARCILAINE MARTINS DA SILVA OLIVEIRA

Aos vinte e três dias de setembro de 2014, às 09:00 horas, na Sala 29 da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado da mestranda **MARCILAINE MARTINS DA SILVA OLIVEIRA**, intitulada "*Como vender balinha*": a presença das mulheres no tráfico de drogas. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 044/2014-FCS, de 01 de setembro de 2014, pelos seguintes Professores Doutores: Dalva Maria Borges de L. D. de Souza (Presidente/UFG), Elaine Cristina Pimentel Costa (UFAL), Eliane Gonçalves (UFG) – Suplente: Flávio Munhoz Sofiati (UFG). A candidata apresentou o trabalho, os examinadores a arguíram e ela respondeu as arguições. Às 11:30 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta, pela qual foram atribuídos à mestranda os seguintes resultados:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dra. Dalva Maria Borges de L. D. de Souza

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dra. Elaine Cristina Pimentel Costa

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a)

Dra. Eliane Gonçalves

Resultado Final

Reaberta a sessão pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Marcelo Augusto Parrillo Rizzo, Secretário do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pelos membros da Banca Examinadora.

Marcelo Augusto Parrillo Rizzo

DEDICATÓRIA

À Minha **mãe** pelo amor e incentivo. Mulher batalhadora e guerreira

Aos meus filhos **Pâmella** e **Vitor** pela compreensão das minhas ausências, conviveram com uma mãe mergulhada nos estudos e sempre cansada, mas os abraços calorosos no momento de exaustão foram fundamentais.

Ao meu amor **Herbes** pelo companheirismo e incentivo para realização deste sonho.

A todos meus **familiares** que mesmo distante torceram por mim.

Agradecimentos

A DEUS em primeiro lugar, espírito e iluminação, por estar comigo em todos momentos fortalecendo minha trajetória a cada conquista. Por ter colocado no meu caminho pessoas tão especiais.

À minha orientadora **Prof^a. Dr^a Dalva Maria Borges** pela atenção, paciência e confiança. Agradeço o apoio. Pela oportunidade de amadurecer intelectualmente.

Ao amigo **Guilherme** pela oportunidade de vivenciar experiências tão ricas, leituras e ideias iluminadas. Você nem imagina o quanto clareou as minhas ideias às vezes tão obscuras. Sua companhia em campo tornou-se mais feliz, foram várias aventuras que jamais esquecerei. Você faz parte dessa história e vamos colher frutos juntos. Com certeza o crédito desse trabalho compartilho com você.

À amiga **Najla** pela sabedoria, leituras, por acreditar em mim e incentivar seguir em frente, a amizade de todas horas.

A amiga **Laisse** obrigada pelo companheirismo, lealdade, pelo incentivo e por ouvir minhas angústias.

A amiga **Francy** por proporcionar desde a graduação o interesse pelo o tema.

Aos novos amigos que fiz durante o mestrado, em especial: **Samara, Simone, Adriano, Joubert, Débora, Raclene, Daisy, Lilian, Tatiele, Julyana Beatriz, Joyce, Rogério, Paula, Gabriela Peixoto, Gabriela Fraga**

Aos Professores e Professoras do programa do mestrado pelos ensinamentos e competência: **Eliane, Telma, Ricardo, Jordão, Nildo, Dijaci e Luiz Mello**

Às todas **Reeducandas** do Centro de Inserção Social Consuelo Nasser e Presídio de Trindade, em especial àquelas que me emprestaram um pouco de suas histórias, suas valiosas falas contribuíram muito para essa pesquisa.

À **Keilla Milhomen** e **Fernando** pela acolhida e por facilitar o meu acesso aos espaços intramuros.

Aos **Diretores, Supervisoras de Segurança e Agentes** das unidades prisionais que me acolheram e permitiram total liberdade ao trabalho de campo.

Ao **CNPQ** pelo apoio financeiro para realização dessa pesquisa.

A todos que direto ou indiretamente, contribuíram para este trabalho o meu muito obrigada.

“Nas coisas ditas humanas, não há o que criticar, não há o que crucificar, não há o que ridicularizar. Somente há o que compreender”
BENTO ESPINOSA – FILÓSOFO.

Resumo

Durante anos o mercado ilegal das drogas foi descrito como uma atividade quase que exclusivamente masculina. Contudo, nos últimos tempos, os dados de aprisionamento de mulheres por envolvimento nesse tipo de comércio ilícito têm apontado para uma nova perspectiva em que há a inserção gradativa delas nessas práticas criminalizadas. Se antes as explicações da adesão de mulheres ao tráfico de drogas ocorriam por conta de relações afetivas, o estudo aqui apresentado, pioneiro sobre a criminalidade feminina em Goiás, aponta para uma mudança de comportamento na entrada das mulheres no comércio ilícito de drogas, assinalando para certa autonomia de escolha e decisão por parte delas. Nesse sentido, os objetivos desta dissertação, por meio das contribuições teóricas do Interacionismo Simbólico, foram compreender a inserção das mulheres encarceradas pelo crime de tráfico de drogas e as experiências vividas por elas.

Palavras chaves: criminalidade feminina, tráfico de drogas e desvio.

Abstract

For years the unlawful drugs market was described as an almost solely male activity. However, in the recent times, the data of women imprisonment for their involvement in this kind of illicit trade have pointed to a fresh perspective in which there are gradual insertion of them in such practices criminalized. If before the explanations of the accession of women to drug trafficking occurred for the account of affective relationships, the study presented here, a pioneer about the female criminality in Goiás, points out a change in behavioral in the entrance of women in the illicit drug trade, pointing to certain autonomy of choice and decision on their part. In that sense, the aim employee in this dissertation, the theoretical contributions through Symbolic Interaction, objective sought to understand the insertion of the women incarcerated for the crime of drug trafficking over the experiences lived by them.

Key words: female crime, drug trafficking and deviance.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	17
1.1 Criminalidade na sociedade brasileira contemporânea.....	18
1.2 Drogas, homicídios e juventude.....	22
1.2.1 Aumento da criminalidade em Goiânia.....	25
1.3 Relações de gênero	32
1.4 Mulheres na criminalidade.....	35
CAPÍTULO 2	39
2.1 A escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico	40
2.2 A sociologia do desvio de Howard S. Becker.....	47
CAPÍTULO 3	51
3.1 A pesquisa	52
3.2 Aspectos históricos das Unidades Prisionais: Centro de Inserção Consuelo Nasser e Centro de Inserção Social de Trindade.....	55
3.3 Local e condições das entrevistas com as reeducandas	64
3.4 Perfil das reeducandas entrevistadas	66
3.5 O cotidiano das reeducandas	79
3.6 Relações de poder	84
3.7 Relações de amizade e solidariedade	90
3.8 O dia de visitas	93
3.9 Medo de ir embora	98
3.10 Reincidência	101
3.11 Trabalho prisional.....	104
3.12 Trajetórias de vida e as marcas da violência	106
CAPÍTULO 4	111
4.1 Experiências de vida: da infância ao primeiro contato com as drogas	113
4.1.1 As drogas	120
4.1.2 A inserção da mulher no tráfico de drogas	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142
ANEXOS	150

INTRODUÇÃO

Introdução

Muitos pesquisadores vêm se dedicando aos estudos sobre violência e criminalidade, mas poucos estudos têm se preocupado especificamente com a presença de mulheres na criminalidade no estado de Goiás. Assim, o tema discutido nessa dissertação, além de pioneiro, é relevante para compreender a inserção gradativa de mulheres na criminalidade no estado de Goiás.

Constantemente, vimos a mídia brasileira divulgar o crescimento da participação das mulheres no tráfico de drogas. O comércio de drogas ilícitas tem evidenciado que o tráfico deixou de ser uma atividade exclusivamente masculina, pois a inserção gradativa das mulheres nessas atividades é cada vez maior, se tomarmos como indicador o número de aprisionamento de mulheres por envolvimento no tráfico de drogas. Acredita-se que muitas ingressam na criminalidade motivadas por relações afetivas ou, por necessidade de obtenção de renda. Segundo Barcinski (2009) muitos discursos e pesquisas acadêmicas associam o envolvimento das mulheres nessas atividades ilícitas a posições marginais e secundárias, principalmente por suas relações afetivas com os companheiros, cabendo à mulher o papel de subordinação. No entanto, é pelo envolvimento nessas atividades desviantes que muitas mulheres desenvolvem performances que ocupam lugares de protagonismo. Ou seja, saem do papel de subordinação em busca de poder e status e assumem a responsabilidade pelas suas escolhas, ainda que vários fatores contribuam como motivação para o seu envolvimento no tráfico de drogas como: obtenção de renda, dinheiro fácil, relações afetivas e aquisição de drogas e etc.

Cada vez mais as mulheres estão conquistando sua emancipação, ocupando espaços no mercado de trabalho, na vida social, política, nos movimentos sociais e econômicos, e buscando maior igualdade entre os sexos. Atualmente elas atuam em diversas áreas, até mesmo naquelas consideradas exclusivamente masculinas. Porém, as mulheres ainda se encontram em condições inferiores à dos homens, por exemplo, ao exercerem a mesma ocupação, recebem salários mais baixos, e ao exercerem trabalhos mais

precários e desvalorizados. De acordo com os dados do Censo (2000) produzidos pelo IBGE o percentual de famílias chefiadas por mulheres correspondia a 36,14%. Ao analisar os dados do último Censo referente ao ano de 2010 constata-se que 59,36% das famílias possuem a mulher como chefe de família. Os dados apresentam o crescimento de famílias chefiadas por mulheres, bem como a mudança no papel das mulheres nos últimos anos.

Segundo Crenshaw (2002) as mulheres, sobretudo, as marginalizadas carregam o peso de sustentar a família, além de si próprias. Tais mulheres acabam em uma posição econômica que as força a assumir ainda mais trabalhos. Mulheres jovens e de áreas mais periféricas têm muita dificuldades de acesso a vários serviços de qualidade como saúde, educação, lazer e etc.

Assim, tais desvantagens e a precariedade do mercado de trabalho acabam facilitando a inserção de mulheres em atividades consideradas desviantes, sobretudo, o tráfico de drogas e, muitas vezes, elas buscam nessas atividades uma fonte para obtenção ou complementação de renda. Contudo, segundo o criminologista Drapkin (1978) “à proporção da criminalidade feminina aumenta, à medida que aumenta a participação da mulher na vida social, política e econômica do país em que vive” (p.161), isto é, conforme as conquistas ocorrem, igualmente a proporção da criminalidade feminina aumenta.

A inserção das mulheres no mercado ilícito das drogas se dá de forma secundária a partir de suas relações afetivas como demonstram alguns estudos. No entanto, cada vez mais a mulher posiciona-se como agente de suas escolhas, agindo como protagonista.

O presente trabalho almeja discutir a inserção gradativa das mulheres no tráfico de drogas ilícitas. Busca identificar se essas mulheres estão nessas atividades a partir de suas escolhas, compreender e avaliar as motivações da inserção das mulheres no mercado de drogas ilícitas, identificar o círculo de relações afetivas dessas mulheres e a influência que exercem os parceiros, irmãos e filhos nessas atividades. Perceber as funções desempenhadas pelas mulheres na hierarquia do tráfico de drogas e o grau de autonomia dessas mulheres na determinação das suas escolhas. Caracterizar quem são as mulheres inseridas no mercado de drogas ilícitas quanto a: estrato social, idade, ocupação, vínculo com o mercado de trabalho, escolar e familiar.

Em Goiás há poucos estudos no que se referem às mulheres na criminalidade, principalmente envolvidas no tráfico de drogas. Assim, um estudo nessa área é importante para compreender e avaliar as motivações da inserção das mulheres no mercado de drogas ilícitas e, propor políticas públicas capazes de evitar a continuidade dessa inserção.

Ao analisar os números da população carcerária, observa-se que a participação masculina em atividades criminosas é proporcionalmente maior do que a feminina. Porém, não se pode considerar que as mulheres sejam alheias às atividades criminosas. De acordo com os dados estatísticos do Ministério da Justiça - InfoPen – No Estado de Goiás entre o período 2005 a 2012 pode-se observar a gradativa inserção das mulheres nas práticas de crimes. O encarceramento é aqui tomado como um indicador da criminalidade feminina, ainda que se considere que, nos últimos anos, cresceu o encarceramento no Brasil e, provavelmente, as mulheres foram também alvo do Estado punitivo.

O primeiro contato com o objeto da pesquisa foi em 2006, a partir da atividade da disciplina “Antropologia II” como exercício tinha-se a oportunidade de realizar um trabalho de campo: escolhia-se o tema, elaborava um relatório sobre a experiência e contato com o campo. Esse exercício propiciou o primeiro contato com as reeducandas no Presídio Feminino Consuelo Nasser no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia. Assim, surgiu o interesse pelo o tema e desdobrando no meu trabalho de conclusão de curso.

A coleta de dados na qual se baseia o trabalho foi realizada no Presídio Feminino Centro Inserção Social Consuelo Nasser e Centro Inserção Social em Trindade com amostra de 25 mulheres, embora tenham sido também realizadas 8 entrevistas com reeducandos com intuito de diferenciar suas práticas. A metodologia escolhida foi à pesquisa qualitativa. Com um roteiro previamente elaborado para conduzir as entrevistas semi-estruturadas com objetivo de compreender os motivos da inserção cada vez maior das mulheres no tráfico de drogas.

CAPÍTULO 1

1.1 Criminalidade na sociedade brasileira contemporânea

No Brasil cada vez mais têm aumentado os índices de criminalidade e violência urbana. De acordo Adorno (2002), esse crescimento constitui atualmente uma das maiores inquietudes da sociedade brasileira, especialmente para os moradores das regiões metropolitanas. A violência urbana “arrombou as portas e tomou conta do cotidiano” (ZALUAR, 1994). A vida cotidiana mudou por conta do crime e do medo e várias estratégias de proteção e reação foram criadas. Cotidianamente na imprensa, nas conversas das pessoas, comentários, narrativas, debates, nos estudos científicos tem o crime como tema. Para Caldeira (2000):

A fala do crime promove uma reorganização simbólica de um universo que foi perturbado tanto pelo crescimento do crime quanto por uma série de processos que vêm afetando profundamente a sociedade brasileira nas últimas décadas [...] A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Ela, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal e criminaliza certas categorias sociais (p.10-11).

Ao criar os estereótipos e preconceitos a fala do crime separa e reforça desigualdades e normalmente discrimina e criminaliza certos grupos, por exemplo, os pobres, negros, nordestinos e mulheres e etc.

Desde os anos 1970 “a sociedade brasileira vem experimentado o progressivo crescimento do crime urbano violento, além de outras manifestações de violência nas relações sociais e interpessoais”(ADORNO', 2007,p.12). Os crimes que mais ocorreram foram: tráfico de drogas, roubos, furtos, extorsão mediante sequestro e homicídios (p.12) . Acompanhado ao crescimento da “criminalidade individual” surge um novo perfil das pessoas envolvidas em práticas delituosas. Além do mais, no início dos anos 80, o país vivia uma das maiores crises, como a recessão econômica, a inflação. O desemprego, o crescimento da economia informal. Concomitantemente, aumentaram as notícias sobre violência e as altas taxas de criminalidade.

Segundo Peralva, além das taxas de delinquências e criminalidade aumentarem a partir de 1970, em 1980 as taxas de homicídios explodiram. A autora destaca que o aumento da violência se dá a partir da análise de conduta, destacando quatro pontos: primeiro aumento da violência policial que é maior comparado ao período da ditadura. O segundo proveniente do primeiro a “inexistência de instituições ineficazes de manutenção da ordem pública” com isso a delinquência e a criminalidade encontram oportunidades abertas em decorrência do déficit de ordem pública e pela impunidade. O terceiro refere-se à privatização da segurança e dos fenômenos da justiça ilegal que também está diretamente ligado aos dois primeiros pontos. Todas as camadas sociais recorrem a segurança privada. Para Peralva, uma sociedade de consumo leva a oferta de serviços ampliar e com formas menos sofisticadas que torna-se o serviço acessível a todas camadas da população, especialmente a população de baixa renda. Uma das variantes desse tipo de violência é a justiça ilegal, por exemplo, os linchamentos, as chacinas. Atualmente o país está vivenciando uma onda de justiça com as próprias mãos. Em 06 de maio de 2014 a dona de casa Fabiane Maria de Jesus no Guarujá foi a 20ª vítima de “justiçamentos” até aquela data. Após o boato a partir do retrato falado de uma mulher que sequestrava crianças para utilizá-la em rituais de satânicos, a dona de casa morreu de forma brutal depois de ser espancada pela população. Essas ações de justiça com as próprias mãos estão ligada diretamente a insegurança urbana e onde não é possível contar com o poder público, como também a falta de estrutura da polícia, do sistema prisional os “justiceiros” insatisfeitos sente-se no direito de julgar os suspeitos e condená-los a castigos bárbaros em alguns casos até a execução. Quanto às chacinas provavelmente são oriundas de acertos de contas e vingança. Alguns casos são cometidos pela própria polícia. Em novembro de 2011 no Jardim Olímpico em Aparecida de Goiânia ocorreu uma chacina envolvendo seis pessoas entre elas uma criança de 4 anos, apenas um bebê de 10 meses foi poupado. A primeira hipótese levantada pela polícia que umas das vítimas seria o pivô do crime uma mulher de 21 anos que tinha envolvimento com drogas, prostituição e teria um relacionamento com um presidiário. No entanto, após um ano a partir de uma carta anônima enviada ao Ministério Público do Estado de Goiás atribuindo aos policiais militares a autoria desse crime, entre outros. O quarto

tipo de violência é “a inexistência de políticas públicas adequadas de garantia a ordem pública. Certos conflitos que derivam da modernização sociocultural no quadro de uma sociedade democrática adquiram entre nós expressões extremas ” (p.9).

Segundo Souza e Frattari (2013) “o crime de homicídio é o indicador mais adequado para se avaliar a dimensão da violência urbana” (p.45). Para autoras o crime de homicídio causa maior reação moral e institucional.

O sentimento de medo e insegurança diante do crime tornou-se mais intenso em todas as classes sociais. Porém, a percepção altera-se com valores sociais de cada classe. Misse (2006) considera que o crime pode ocorrer em qualquer classe social “existem diferenciais históricos de designação e perseguição de certas ações como criminais” (p.22). Contudo, as ações criminais cometidas pelas classes mais baixas têm uma maior visibilidade e também causa maior reação social e moral para a sociedade. Desse modo, a sociedade exige nova e mais forte políticas de criminalização.

Para Adorno (2002) o tráfico de drogas e o tráfico de armas provocam intensos desarranjos na sociedade brasileira. O autor identifica razões que compõem as dinâmicas criminais no Brasil entre elas:

o elevado número de mortes; a desorganização da vida associativa e política das comunidades; o regime despótico impostos às favelas e aos bairros populares; o recrutamento de crianças e adolescentes cuja vida é prematuramente comprometida; a disseminação de valores belicistas contrários ao universalismo democrático e do cidadão; a degradação da lealdade comunitária tradicional; o fortalecimento do patriarcalismo, da homofobia e da misoginia; o entrelaçamento com os crimes do *colarinho branco* e com outras modalidades criminosas(p. 27).

Nesse sentido, o tráfico de drogas impõe entraves ao monopólio estatal da violência. Porque o tráfico de droga substitui a autoridade das instituições sociais regulares pelo caráter despótico pelas regras definidas pelos traficantes. De acordo com Misse (2008) no Brasil, o Estado jamais alcançou completamente o monopólio do uso legítimo da violência, e também “nem foi capaz de oferecer igualmente a todos os cidadãos acesso judicial à resolução

de conflitos” (p. 374). Resultando uma “incompletude no processo de modernização do país, que atingiu tanto o Estado quando a sociedade, e que é, em parte, responsável pelos efeitos de violência que nós estamos assistindo hoje”. Para Adorno (2007) com a crise da segurança pública que se arrasta há mais de três décadas os crimes no Brasil aumentaram e se tornaram mais violentos; a criminalidade organizada se difundiu pela sociedade obtendo atividades econômicas muito além das tradicionais, por exemplo, crimes contra o patrimônio, alto índice de homicídios, principalmente entre adolescentes e jovens adultos, e desarranjando modos de vida social e padrões de sociabilidade inter e entre classes sociais.

Em grande medida, foi a partir de 1980 que o crescimento dos crimes e da violência no Brasil passou a se interligar especialmente ao tráfico de drogas. O tráfico de drogas “necessita de um mercado consumidor em emergência”. Para esse mercado são recrutados cidadãos de baixa renda, desempregados ou sem perspectiva de futuro, mesmo em proporção pequena entre eles as mulheres. Por outro lado, “eles devem obedecer a comandos externos, incluindo matar desafetos e promover a desordem urbana” (p.13). O crescimento da criminalidade demonstra que houve mudanças nos padrões de delinquência e criminalidade urbanas. Até o período de 1960, predominavam ações individualizadas, sendo em grande parte contra o patrimônio. O acesso e a difusão da arma de fogo eram bem menores. A maior parte dos homicídios era motivada por relações interpessoais e intersubjetivas envolvendo desarranjos afetivos e conflitos por vingança pessoal.

1.2 Drogas, homicídios e juventude

No Brasil a venda e porte de “entorpecentes” passou a ser criminalizada pelo Código Penal de 1940, a pena prevista era de reclusão de um a cinco anos e multa. Em 1968 e também 1971 com alterações em Decretos nos casos de flagrantes houve endurecimento das medidas penais, com aumento da pena de reclusão e das multas, caso de vendas por bando ou quadrilhas aumento da pena. Mas até 1976 não havia distinção entre usuário e traficante, mas com a nova legislação a distinção foi feita e reservou aos traficantes penas mais duras. Contudo, com a ambiguidade quanto à definição do que seria usuário ou traficante, compete à polícia o enquadramento (MISSE, 2007, p.145). Mas, a Lei n.11.343/2006 trouxe inúmeras modificações relacionadas à figura do usuário de drogas, ampliou-se o número e o rol de substâncias abarcadas pela criminalidade de tóxicos. Com a nova Lei não há pena privativa de liberdade para aquele que adquire, guarda, traz consigo, transporta droga para consumo pessoal. No entanto, não houve descriminalização da conduta, o fato continua a ter natureza de crime, mas as sanções só podem ser aplicadas por juiz criminal e não por autoridade administrativa. Cabe ao Juiz “decidir-se ou pelo consumo ou pelo tráfico, aos seguintes tópicos: a) natureza e quantidade da substância; b) local e condições em que se desenvolveu a ação; c) circunstâncias sociais e pessoais; d) conduta e antecedentes do agente.”

O mercado de drogas, para Misse (2003) “até os meados dos anos 60 concentrava-se principalmente no varejo da maconha, consumida principalmente nas franjas do ‘*submundo*’ criminal” (p.02) locais como: zonas de prostituição, quadrilhas de assaltantes, cais de porto, detentos penitenciários considerados como “maconheiros”. Porém, esse perfil de consumidores modifica-se com o crescente interesse de jovens artistas, intelectuais e universitários de classe média. Mas, a partir dos 70 com a enorme oferta e preços mais acessíveis a cocaína chega às áreas mais pobres. Assim, chegada da cocaína mais barata “consolida a transição para o tráfico a varejo com base nas favelas, morros, conjuntos habitacionais de baixa renda e bairros da periferia da cidade.”(p.04)

Segundo Senna (2013) no Brasil tem se destacado a questão de homicídio relacionado a drogas, especialmente a correlação entre status socioeconômicos dos/as autores/as quanto das vítimas, por exemplo, moradores de periferia, jovens, negros/as, pardos/as. Apesar da grande maioria serem masculinos, há um crescimento de mulheres autoras como também vítimas.

Para Caldeira (2011) “a violência e o medo combinam-se a processos de mudança social nas cidades contemporâneas, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social” (p.09). De acordo, com a autora nas últimas décadas assim como no Brasil diversas cidades pelo o mundo têm usado o medo da violência para justificar a utilização de novas tecnologias de exclusão social. Manchetes dos grandes jornais no Brasil demonstram diariamente os altos índices de violência entre eles: latrocínio, homicídios, chacinas, estupros, sequestros relâmpagos, assaltos e etc. Nesse contexto, as pessoas por medo se enclausuram, se trancam, individualizam, não há mais solidariedade e assim aumentam as diferenças entre as classes sociais. Segundo a autora os discursos sobre o medo incorporam preocupações raciais e étnicas, preconceitos de classe e referências negativas aos pobres e marginalizados. A “fala do crime constrói sua reorganização simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos” (p.10). Essa criminalização simbólica é tão propagada que até as próprias vítimas dos estereótipos a reproduzem.

A partir de um intenso trabalho de campo no Conjunto Habitacional Cidade de Deus Zaluar (1994) nos apresenta o cotidiano dos moradores ao estudar os jovens na periferia assinala que a violência atinge de diferentes formas, com isso reflete nas concepções segundo a classe social da qual está inserido.

É nesse cenário opressor, nesse espaço de segregação moral, nesse campo definido de fora como o campo da criminalidade, que os trabalhadores urbanos de baixa qualificação arrumam e enfeitam suas casas, educam seus filhos, inventam estratégias de sobrevivência, montam organizações vicinais para reivindicar melhorias no bairro e para tornar alegre seu lazer. A convivência com os que optaram pela vida criminosa é inevitável, mas a experiência da

violência é diária e constante e vai muito além daquilo que se delimita como o mundo do crime. Ela perpassa hábitos diários da vida familiar, está presente nas rotinas da opressão de classe, seja pela presença do aparato policial que se comporta de maneira caracteristicamente repressiva diante da população pobre, seja pelo quadro de miséria que desfila sempre pelas ruas e casas de seu bairro, seja pela imagem construída por certa imprensa do criminoso e do crime, vinculando-o sempre a esta população pobre. (p.15)

Para Misse (2006) no Brasil apesar da mídia reproduzir que há relação entre “pobreza-crime” é “execrado na Universidade, seja porque é estatisticamente espúrio, seja porque não passaria de um estereótipo lançado aos favelados e aos pobres, mas trabalhadores” (p.21). Por causar maior reação moral e social, maior visibilidade a “*criminalidade pobre*” desperta maior interesse da mídia e dos políticos.

Embora o crime ocorra em qualquer classe social, existem diferenciais de designação de certas ações consideradas criminais. O sistema prisional brasileiro historicamente e até os dias atuais é constituído por cerca de 95% por indivíduos pertencentes as classes mais baixas. Mas, para o autor não significa “que a maioria dos criminosos brasileiros seja de pobres; que a pobreza é a principal causa da criminalidade em geral”(p.23). No entanto, como dito anteriormente, são os crimes que provocam mais reação moral e social são os chamados “*crimes violentos*”. Que os agentes pobres “tendem estar mais sujeitos ao emprego da violência como meio criminal”(p.23). A reprodução de práticas criminais numa situação criminalidade urbana no Brasil que estão inseridos crimes: crimes passionais, estupros, vinganças pessoais, tráfico e consumo de drogas, assaltos, sequestros relâmpagos, brigas de torcidas organizada, estes por causarem maior visibilidade, e configuram-se com causas complexas, sendo o desafio sociológico provém:

da constatação de que a maioria dos agentes provém das camadas pobres, mas que, ao mesmo tempo, a esmagadora maioria dos pobres não opta pela carreira criminal. Uma hipótese razoável poderia detectar (se isso fosse estaticamente possível, mas não é) uma taxa de incidência criminal proporcional em todas as classes, mas com maior visibilidade nas classes pobres do que as ações

criminais de agentes provém das camadas médias e das classes dominantes, seja porque o contingente de pobres é imenso, seja porque operam ações criminais que provocam maior reação social e moral, inclusive entre os pobres, dada a sua específica visibilidade social. (p.27)

Misse (2006) desvincula a relação de pobreza e criminalidade. A pobreza não é um ingrediente óbvio da criminalidade. Sendo assim, todos os pobres estariam envolvidos na criminalidade, conseqüentemente todos os criminosos seriam pobres. Todos os dias ocorrem crimes nas mais altas instâncias das atividades econômicas os chamados “crimes do colarinho branco”. O termo “White collar crime” criado por Sutherland para dá ênfase à posição social dos criminosos, crimes cometidos por empresários e políticos. Os pobres e negros são presos “porque a polícia segue um roteiro típico que já associa de antemão a pobreza (ou a marginalidade e também os negros e desocupados) com a criminalidade” (p.33). Dessa forma, percebe-se que o sistema policial deixa a criminalidade das classes mais abastardas de fora.

1.2.1 Aumento da criminalidade em Goiânia

Constantemente a mídia e também dados da polícia divulgam que o aumento da violência e vários homicídios ocorridos com jovens em Goiânia e Região Metropolitana estão associados com o tráfico de drogas. Assim, internalizando pelo senso comum que muitas práticas criminosas cometidas pelos os jovens têm relação direta com as drogas. Embora, em muitos casos que a polícia não investigou e nem elucidou recai a culpa sobre esses jovens.

Souza e Frattari (2013) sugerem que o ponto chave para compreender os altos índices de homicídios nas grandes metrópoles, inclusive a Região Metropolitana de Goiânia, é a relação entre a “organização social do território” e a “criminalidade violenta”. As autoras ressaltam:

O rápido processo de urbanização, migração rural-urbana, concentração populacional nas áreas metropolitanas, incapacidade do Estado de prover a população urbana dos serviços necessários a

uma vida digna e de exercer o controle social, enfraquecimento do controle social espontâneo, pobreza, desigualdade, exclusão social e segregação urbana. Soma-se a isso, característica do tempo atual, o crime globalizado, especialmente o tráfico de drogas e de armas.(p.45-46)

Por certo que as cidades que tiveram crescimento populacional desmedido nas últimas décadas há uma maior incidência de homicídio.

Os jovens, e principalmente por serem menos qualificados são os mais prejudicados em relação à inserção no mercado de trabalho formal, isto é, não há mercado suficiente para absorvê-los. Assim, o jovem encontra dificuldades ao inserir no mercado de trabalho. Muitas famílias de classe social mais baixa necessitam do trabalho do jovem para complementação da renda familiar, sobretudo, famílias chefiadas por mulheres. De tal modo, os jovens desempregados acabam sendo recrutados para criminalidade.

Muitos jovens que sofrem ou até mesmo praticam violência estão associados à sua condição de vulnerabilidade social. Considerando vulnerabilidade social:

Como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade.(ABRAMOVAY, 2002, p.13).

De tal forma, a condição de vulnerabilidade combinada às condições socioeconômicas de vários países latino-americanos proporciona uma tensão entre os jovens podendo fomentar o aumento da violência e da criminalidade.

Para Dubet (2006) muitos jovens pobres “vivem em uma sociedade de massa, na qual os modelos de realização das classes médias se impõem, na maior parte” (p.23). Assim, muitos desses jovens sentem-se excluídos seja devido ao fracasso escolar, à ausência de emprego formal ou à falta de lazer, entre outros.

De acordo com seu estudo sobre a Região Metropolitana de Goiânia, Souza e Frattari (2013) verificaram um número expressivo de jovens vítimas de

homicídio na faixa etária de 20 a 24 anos, do sexo masculino constataram que cerca de 70% das vítimas são pardos e negros.

Em torno dos anos de 1960 no Brasil as principais causas de morte dos jovens eram as epidemias e doenças infecciosas. No entanto, a partir dos anos de 1980 foram substituídas por “causas externas” oriundas de acidentes de trânsito e homicídios. Em 2011 de acordo com os dados do Mapa da violência o percentual de jovens mortos por “causas externas” atingiu o patamar 73,2%. Sendo o homicídio maior responsável pela mortalidade. Enquanto, “no ano de 1980, quando a taxa foi de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes, até o ano 2003, quando a taxa chega a 28,9 com uma gradiente de 4% de crescimento anual” (WASELFISZ, 2013, p.16). Entre o período de 2003 a 2007 as taxas de homicídio caíram com as campanhas de desarmamento. Entretanto, a partir de 2007 houve o reinício da escalada no Brasil.

Waiselfisz (2013) indica uma mudança nos padrões de “violência homicida” no Brasil a partir de diversos mapas elaborados desde 2004 como a *interiorização da violência*. A violência que acontecia na capital e região metropolitana desloca para os municípios do interior, como também a disseminação. Estados considerados tranquilos passam a experimentar altos índices de violência. Embora Souza e Frattari, discordem com a tese da interiorização e comprovem que a violência continua alta nas cidades que têm integração alta com a capital. Para as autoras: “as taxas de homicídios por 100.000 habitantes na Região Metropolitana de Goiânia apresentam um crescimento acelerado.”(p.04). Em 2001 os números de homicídio dos municípios que compõem a Região Metropolitana de Goiânia superam os da capital. No entanto, para Waiselfisz, com a mudança locacional da indústria brasileira saindo do eixo Sul-Sudeste e partindo para diversas regiões do país, isto é, interiorizando-se, surgem novos polos de crescimento, atraindo investimentos e grande emprego e renda, mas também atrativos para a criminalidade. O autor chama atenção para que toda migração – pessoas, polos e etc – apresenta fatores impulsores da mudança sendo eles: fatores expulsivos – local de origem e fatores atrativos – local de destino. Waiselfisz diz:

Fatores Expulsivos: estagnação econômica nas grandes capitais e regiões metropolitanas tradicionais com a concomitante reversão dos fluxos migratórios para o local de origem ou para novos polos; investimentos na segurança e consequente melhoria da eficiência repressiva dos aparelhos de segurança. **Fatores Atrativos:** surgimento de novos polos de crescimento no interior de diversos estados; atrativos de investimentos; de população e também criminalidade e violência; melhoria da situação econômica de estados fora dos eixos tradicionais. (p.92)

Nesse sentido, para Camargo (2011) quando ocorrem fluxos migratórios intensos, a migração passa a ser percebida como “problema social”. O migrante é um desconhecido que deve ser mantido à distância, pois é considerado perigoso, evitando assim, a relação ou a interação social. Consequentemente os conflitos gerados podendo transformar em atos de violência.

Assim, lugares antes considerados tranquilos, sem violência, atualmente apresentam altos índices de violência.

Ainda que os homicídios atinjam em muito menor proporção as mulheres, evidencia-se um elevado crescimento das taxas no período de 1980 a 1996 de 4,6% ao ano. Em 2006 o índice cai levemente. Também é o ano que entra em vigor a Lei Maria da Penha aumentando o rigor das punições da violência contra as mulheres no âmbito doméstico. Notando uma queda em 2007 nas taxas de 7,6%. Porém, em 2008 retoma o crescimento superando até os anteriores. O estado de Goiás está entre os cinco estados onde duplicaram o número de homicídio de mulheres. (Waiselfisz, 2013).

No dia 25 de junho de 2014 o Jornal O Popular divulgou o aumento do índice de homicídio entre mulheres. Segundo, o Delegado titular da delegacia de investigação de homicídio o motivo seria porque a proporção de assassinato aumentou, consequentemente seria normal também aumentar o índice de mulheres assassinadas. Desde 2000 os índices de assassinatos entre mulheres no estado de Goiás oscilavam entre 6 a 7% do total. Mas, em 2011 houve mudança desse cenário passando para 13% do total duplicando ao comparar a década anterior.

Recentemente em Goiânia tem ocorrido uma série de assassinatos que tem intrigado a Polícia Civil como também toda a sociedade Goiana, causando pânico entre as mulheres, principalmente depois que uma mensagem de voz compartilhada pelo aplicativo do celular WhatsApp. Na gravação, uma voz feminina não identificada afirma que um serial killer está agindo em Goiânia, segundo o áudio:

amigas é o seguinte estou mandando essa mensagem pra todas minhas amigas. Eu queria que vocês mandassem também pra todas as amigas de vocês e pra todas as meninas que vocês conhecem. Eu acabei de sair da clinica e hoje foi uma mulher lá a pedido de uma Delegada e ela está passando esse alerta pra todos os estabelecimentos que têm muitas mulheres, mas isso é um alerta pra todas as mulheres de todos os lugares. Tem um serial kiler solto em Goiânia. É um serial kiler mesmo! É o seguinte: ele tem uma moto preta, capacete preto. Ele em qualquer lugar, seja lugares que têm muitas mulheres, estabelecimentos, residências, enfim, ele aborda a pessoa na rua e pede o celular armado quando a menina vai dá o celular ele atira e ele não rouba a menina ele foge. Então ele já matou 12 meninas aqui em Goiânia. Geralmente os ataques estão acontecendo no Jardim América, Sudoeste e Nova Suíça. Ela pediu um alerta muito grande porque estão quase pegando esse cara e pediu pra não espalhar pra homens, pediu pra espalhar só pra mulheres esse é um alerta pra as mulheres. Porque é uma investigação sigilosa pro cara não fugir de Goiânia. Então meninas cuidado! Isso é uma alerta pra todos os lugares daqui de Goiânia e não só pra esses setores. Então a pedido dela, ela falou assim: em qualquer lugar seja a noite ou no final da tarde se vocês verem motoqueiro parado de capacete preto, se ele tiver de capacete parado em algum lugar com vocês chamem a polícia, porque a polícia chega lá e vai investigar, vai dá um baculejo no cara , e vê porque ele está parado e o que ele está fazendo capacete preto? Geralmente as abordagens estão sendo feita assim. Então se cuidem e repassem essa mensagem pra todas as suas amigas. Cuidado! Beijo! (áudio divulgado pelo aplicativo WhatsApp em 28/05/2014)

O Delegado titular da Delegacia de Investigação de Homicídio entrevistado pelo o Jornal O Popular nega a veracidade das informações

contidas no áudio, segundo o Delegado isso acaba atrapalhando as investigações, ressalta o risco de o boato ser levado a sério é fazer julgamentos precipitados. Com isso, gerar uma onda de justiça com as próprias mãos. Nas palavras do Delegado segundo entrevista no Jornal O Popular: “pode haver um alvoroço e até agressões a pessoas que usam motocicleta e capacete preto. Nada indica que isso seja verdade”. Para o Delegado a maioria dos assassinatos de mulheres na capital já tem autoria conhecida e tem motivações diversas entre elas latrocínio, passional e envolvimento com o tráfico de drogas. A hipótese levantada pelo o Delegado que algum criminoso assumiu a figura e a fama de um assassino em série. Isto é, se não existia uma assassino em série agora ele existe.

Apesar de cinco casos as mulheres terem características semelhantes mortas com um tiro no peito por homens em motos este ano, de acordo, com a Polícia Civil é apenas coincidência e sem indícios de que foram cometidos pela mesma pessoa. As vítimas são mulheres sem antecedentes criminais e sem envolvimento com drogas, tem idade entre 15 a 27 anos, nem sempre estão desacompanhadas, elas foram assassinadas por motoqueiros usando armas de fogo que as abordaram nas ruas. Dos dez últimos casos envolvendo mulheres até o mês de junho/2014 apenas dois foram tipificados como latrocínio, é solicitado o aparelho celular e ao entrega-lo ou fazê-lo menção de entregar a vítima é executada com um tiro.

No dia 08 de março desse ano – data que comemora o dia internacional da mulher - ocorreu uma chacina envolvendo quatro jovens com idades entre 15 a 19 anos no Morro do Mendanha região Norte da cidade de Goiânia. A primeira hipótese levantada pela polícia que as jovens estariam envolvidas com o tráfico de drogas e prostituição.

No dia anterior numa entrevista com o reeducando preso pelo o artigo 33 em Trindade, ele cita que preferia trabalhar com mulheres para distribuição das drogas. Nas suas palavras:

só trabalho com mulher, não sou chegado em homem não. Como falei pra você, tenho 12 homens trabalhando pra mim, e muitas mulheres [...] Mulher tem umas 18 trabalhando comigo [...] Hoje em dia tem muita mulher. Mulher é mais esperta [...] Porque mulher é

mais inteligente, mulher anda mais arrumadinha, mulher não gera suspeita. (Ônix, 28 anos)

Entre os objetivos dessa dissertação é tentar compreender a inserção cada vez maior das mulheres no tráfico de drogas. Nesse sentido, problematizar: mulher se envolve nessas atividades porque não gera suspeita a polícia e a sociedade? Pois, socialmente é menos esperado que a mulher cometa tais crimes.

Outro tema abordado com Ônix seria como resolvia os problemas com as dívidas:

eu cobro da pessoa. Não cobro do pai, da mãe, só da pessoa. Mas, aí não interessa se ela é mulher, se ela é criança. Se ela é criança de 14 anos, ela pegou e tem responsabilidade, pode ser homem ou mulher, se ele não pagou eu vou deitar¹

A partir dessa chacina com as quatro jovens e a entrevista, especialmente nessas duas falas do entrevistado, seria possível concluir que a hipótese da polícia fazia sentido. No entanto, 45 dias depois foi apurado pela Polícia Civil a partir da prisão dos suspeitos que a motivação da chacina não tinha sido porque eram traficantes e nem prostitutas.

Segundo Michele C Franco (2014) em entrevista ao Jornal O Popular analisar somente pelo prisma que os assassinatos de mulheres é a partir do suposto envolvimento delas com a criminalidade, sobretudo, com o tráfico de drogas, pode acarretar perdas de elementos fundamentais para compreender melhor o contexto social no qual a vítima estava inserida. Nesse sentido, nas palavras de Franco (2014):

quando você vive em contexto de violência, ela se torna a maneira mais recorrente para solucionar todo e qualquer conflito. Não, necessariamente, é apenas o envolvimento com o tráfico ou com qualquer outro crime que justifica a prática desse tipo de homicídio.

¹ Deitar na linguagem nativa significa matar

Como é amplamente divulgado pela mídia o Poder público de maneira imediata justifica os casos de homicídio sempre pelo viés do tráfico de drogas, sem ao menos investiga-los. Para Franco Goiânia está num contexto cada vez mais violento, onde a segurança pública não tem conseguido resolver os crimes. Daí com intuito de sancionar e resolver os conflitos a “justiça com as próprias mãos” ganha força.

1.3 Relações de gênero

Como dito na introdução desse trabalho a taxa de criminalidade feminina comparada à masculina é bem inferior. Os estudos sobre criminalidade feminina são escassos, e parece haver pouco interesse acadêmico acerca das particularidades dos crimes cometidos por mulheres. A criminalidade é interpretada amplamente como masculina, e o crime problematizado a partir de uma visão androcêntrica. O estudo das motivações do envolvimento das mulheres em atividades criminosas está frequentemente subordinado ao estudo da criminalidade masculina.

As categorias do masculino e feminino são construídas socialmente e estão associadas a valores, símbolos, experiências, costumes e etc. O termo sexo define tais categorias a partir das diferenças físicas e biológicas, enquanto gênero são construções sociais.

De acordo com Piscitelli (2002) a partir da década de 1980 o conceito de gênero nos convida a um outro olhar sobre a realidade, situando as distinções das características que hierarquizam homens e mulheres presentes no social.

Para a autora diversas correntes do pensamento feminista asseguram a existência de subordinação feminina, mas não o caráter natural dessa subordinação, pois ela é construída socialmente. Como explica Rubin (1993):

Homens e mulheres são de certo diferentes. Mas eles não são tão diferentes quanto o dia e a noite, a terra e o céu, o yin e yang, a vida e a morte. De fato, do ponto de vista da natureza, homens e mulheres são mais próximos entre si do que qualquer um dos dois em relação a uma outra coisa – por exemplo, montanhas, cangurus ou coqueiros. A ideia de que homens e mulheres são mais diferentes entre si do que

cada um o é de qualquer outra coisa deve vir de algum outro lugar que não a natureza. (p. 11-12)

Para Heilborn (1994) gênero é uma construção social do sexo, tendo sua origem na cultura. “Essa noção aponta para o fato da vida social, e os vetores que a organizam como, por exemplo, tempo espaço ou a diferença entre os sexos, são produzidos e sancionados socialmente através de um sistema de representações” (p.01). Assim, gênero não é uma relação pré-determinada por diferenças biológicas e psicológicas porque os indivíduos se constituem nas interações sociais. A ideia de gênero como construção social desmitifica a condição natural da subalternidade. Atitudes e comportamentos femininos e masculinos são ensinados desde que se nasce, assim, vão sendo incorporados a ponto de serem confundidos como naturais. No entanto, na realidade, tudo seja produto de cada cultura e de cada grupo social.

As mulheres hoje experimentam várias conquistas, estão cada vez mais ativas no mercado de trabalho, e diminuíram as desigualdades entre gênero, por exemplo, exercem funções públicas, e até mesmo atividades exclusivamente masculinas. Ainda assim, muitas mulheres, independente da condição econômica, enfrentam dificuldades e preconceitos provenientes sua condição subordinada em relação aos homens.

Segundo Piscitelli (2008) o debate internacional desde final da década 1990 está marcado por categorias que registram uma pluralidade de distinções que se articulam à categoria gênero. São “categorias de articulações e interseccionalidades” que possibilitam “o uso de ferramentas analíticas para apreender articulação de múltiplas diferenças e desigualdades [...] Mas, diferença, em sentido amplo para dar cabida às interações entre possíveis diferenças presentes em contextos específicos. (p.266). Mas o que são interseccionalidades?

Crenshaw (2002) define interseccionalidade sendo:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que

estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.(p.177)

Nesse sentido, a interseccionalidade é a coexistência de diversos fatores, visto que, por exemplo, ser mulher, pobre, negra e ainda envolvida em atividades ilícitas o resultado seria uma mulher que sofre várias subordinações por diversos motivos. “As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas devem negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos” (2002, p.177). Desse modo, segundo a autora, algumas mulheres sofrem discriminação de gênero por serem vulneráveis devido à raça e à classe.

Assim, ao analisar o perfil das mulheres encarceradas no estado de Goiás, percebe-se que a maioria são mulheres jovens, pobre e pertencentes a classes mais baixas.

De acordo com Brah (2006) “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (p.351).

A noção de experiência de Scott contribui para uma breve discussão sobre subjetividade. A partir dessa perspectiva evidenciar as experiências, as histórias de vidas dessas mulheres envolvidas na criminalidade procurando analisar suas vivências, suas influências familiares, influências externas de grupos das quais essas mulheres interagiram. Deste modo, tornar visível a experiência dessas mulheres envolvidas em atividades consideradas desviantes.

Scott (1998) destaca a importância do papel da história na construção da experiência:

Quando a experiência é tomada como origem do conhecimento, a visão do sujeito (a pessoa que teve a experiência ou o historiador que a reconta) torna-se o suporte da evidência sobre a qual a explicação é elaborada. (p.301)

Para a autora, é necessário “referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são indivíduos que têm experiências, mas sim sujeitos que são constituídos pela experiência” (p.304). Assim, as experiências são constituídas no cotidiano, nas interações dos sujeitos. Procura-se neste trabalho apresentar por meios das narrativas das mulheres, as suas experiências desde a infância e o percurso trilhado até chegar ao envolvimento em atividades consideradas ilícitas.

1.4 Mulheres na criminalidade

Segundo Lemgruber (1999), vários autores procuram compreender as desigualdades entre os sexos nas taxas de criminalidade. “Por muito tempo, as explicações centraram-se nas diferenças de características físicas e psicológicas entre homens e mulheres e pouca atenção foi dada aos fatores sócio-estruturais” (p.2).

Para Lombroso e Ferrero em seu trabalho de 1895, *A Mulher Criminosa*, as mulheres têm menor disposição ao crime por fatores biológicos. De acordo com Lombroso “o criminoso portaria uma predisposição biológica ao crime evidenciada através de uma série de características como tamanho do crânio, tipo de sobrancelhas, formato da testa etc” (apud, LEMGRUBER, 1999, p.2). Entretanto, analisando a mulher criminosa, os autores concluíram que pelo o fato das mulheres terem evoluído menos do que os homens, por serem menos ativas, desprovida de desafios, organicamente mais passivas, “à imobilidade do óvulo comparada à mobilidade do espermatozoide” assim tenderiam menos ao crime.

Para Otto Pollack (apud, LEMGRUBER, 1999) a diferença nas taxas de criminalidade entre homens e mulheres se dá pelo o fato de que os crimes cometidos por mulheres são menos detectáveis do que aqueles cometidos por homens, e quando descobertos são menos relatados às autoridades, assim, de certa maneira a criminalidade feminina é ‘mascarada’. O autor afirma que as

mulheres tem a capacidade de enganar os outros, tal capacidade está diretamente relacionada à fisiologia feminina. Segundo Pollack:

pouca atenção foi dada ao fato fisiológico de que o homem deve atingir a ereção no ato sexual e não pode esconder uma falha... uma pretensa resposta sexual impossível para ele... o corpo da mulher, no entanto, permite de certo modo, tal pretensão e a falta de orgasmo não impede de participar do ato sexual. (apud, LEMGRUBER, 1999, p. 4).

Porém, o autor não considera que o desequilíbrio de poder entre homens e mulheres, resulta em dominação da mulher que muitas vezes é coagida a concordar com o ato sexual, mesmo contra a vontade. Em contrapartida, também não acredita que a criminalidade feminina pudesse ser explicada por outras características além da fisiologia feminina.

Contudo, para Lemgruber a partir da 'teoria dos papéis' nos 70 do século XX, ocorreu uma mudança significativa nos estudos sobre criminalidade feminina, esses teóricos negam as explicações a partir dos fatores biológicos ou psicológicos, centraram seus estudos na diferente socialização e nas diferentes reações sociais ao crime entre homens e mulheres. Nesse sentido, Hoffman e Bustamante, evidenciam que as consequências da diferente socialização das meninas em nossa cultura estariam relacionadas ao tipo e à participação em crimes cometidos por mulheres. Sempre ensinadas a comportarem de maneira não-agressiva, com docilidade, consequentemente quando se envolvem em crimes, esses não guardam características violentas. Porém, a 'teoria dos papéis' apresenta algumas limitações, primeiramente por não analisar as 'origens sociais dos papéis', muito menos em explicar em termos históricos, econômicos e culturais a natureza da inferioridade do status feminino. Além disso, não questionando a motivação e intenção como parte integrante da criminalidade feminina, ou seja, a teoria não explica porque determinado número de mulheres estão na criminalidade.

Ainda de acordo com a autora, diversos autores argumentam que o aumento das taxas de criminalidade está diretamente ligado ao início "Movimento de Libertação da Mulher", ou seja, conforme as mulheres buscam equipara-se aos homens, tendem ao crime com maior frequência.

Porém, para Adler (apud, PARENTE, 1992) as mulheres criminosas assim como qualquer ser humano têm as mesmas necessidades e anseios que os homens. Mas, conforme vão diminuindo as diferenças entre homens e mulheres, o crime tem a mesma configuração para ambos os sexos.

No entanto, para Lemgruber (1999) o crescimento das taxas de criminalidade feminina está relacionado com a maior participação da mulher no mercado de trabalho e maior igualdade entre os sexos. Em suma, possivelmente à medida que as diferenças sócio-econômico-estruturais entre os sexos diminuem, cresce a criminalidade feminina.

Apesar de que quando se refere à criminalidade violenta as mulheres não são as protagonistas em sua maioria, mas isso não quer dizer que elas não cometam esses tipos de crimes. Para Zaluar (1994) “a presença delas é, pelo contrário, diversificada e complexa” (p.224).

Pimentel (2008) problematiza que grande parte dos estudos criminológicos “trata-se da tendência de se pensar os crimes praticados por mulheres apenas pelo viés biopsíquico, negando-se as dimensões socioculturais.”

Segundo o relatório estatístico do Ministério da Justiça em dezembro de 2012 a população feminina do sistema penitenciário no Estado de Goiás era de 760 sendo que quase 60% estavam presas pelo artigo 33 da Lei de Tóxicos – Lei 11343/06 que remete ao crime de tráfico de drogas e entorpecentes. Entre o período 2005 a 2012 pode-se observar o gradativo aumento do encarceramento das mulheres, como demonstra a tabela:

Quadro 1 – População Carcerária feminina no Estado de Goiás	
ANO	POPULAÇÃO CARCERÁRIA FEMININA
2005	349
2006	498
2007	475

2008	485
2009	553
2010	669
2011	734
2012	760

Fonte: Dados do Sistema integrado de informações Penitenciárias InfoPen

Houve o aumento entre esse período de 118% da população carcerária feminina. A partir desses dados surgem dois questionamentos: primeiro esse aumento se dá porque as mulheres estão cometendo mais crimes? ou há apenas um maior rigor punitivo que também alcança as mulheres? No decorrer da dissertação busca-se encontrar essas respostas.

CAPÍTULO 2

2.1 A escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico

A perspectiva teórico-metodológica adotada foi a Escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico. A escolha dessa abordagem se deu devido à busca pela compreensão dos aspectos subjetivos a partir da perspectiva das agentes, isto é, mulheres envolvidas no tráfico de drogas. Nesse sentido, “a meta do emprego desses métodos é elucidar as significações que os próprios agentes põem, em prática para construir seu mundo social”(Coulon, 1995,p.22)

No final do século XIX surge o primeiro departamento universitário de Sociologia, na Universidade de Chicago. A Escola de Chicago tem um papel essencial o que diz respeito ao desenvolvimento de estudos e pesquisas, por exemplo, sobre criminalidade, imigração, as relações étnicas, desorganização social, as gangues, a delinquência juvenil e, contribuição para trabalhos de orientações interacionista, como a teoria da rotulação onde os desviantes sociais enquanto alguém distinto do restante do grupo social. Assim, os temas principais da Escola de Chicago eram os problemas da cidade moderna, especialmente, da própria Chicago. Segundo Sottani (2008), a cidade de Chicago naquela época vivia um espantoso quadro de crescimento populacional, especialmente a chegada contínua de imigrantes (irlandeses, suecos, alemães, poloneses e italianos), no último recenseamento de 1840 a população contava com 4.470 habitantes cinquenta anos após a população saltava para 1 milhão e cem mil, em 1930 atingindo 3 milhões e meio. Chicago tornou-se uma cidade industrial e grande centro comercial. Nela foram construídos os primeiros arranha-céus dos Estados Unidos. Mas, a cidade também viveu uma situação de desorganização social, marcada pela existência

de guetos, greves, multiplicidade racial e linguística. A noção de desorganização é encontrada em grande parte dos estudos da Escola de Chicago utilizada para estudar as transformações sociais em decorrência do acelerado crescimento das cidades americanas.

Os autores Shaw e Mckay (1942) em seus estudos mapearam o local de residência de jovens que haviam cometido crimes em diversas regiões da cidade de Chicago, constando que grandes partes residiam nas regiões centrais da cidade, áreas adjacentes ao comércio e indústria. Deste modo, existindo conexão entre as áreas de ocorrência de crimes e o cenário das áreas urbanas. No local onde as taxas de delinquentes são altas, são caracterizados pela grande diversidade de normas e padrões de comportamento, existe uma grande dificuldade de compartilhar valores comuns. As crianças que vivem nessas comunidades estão expostas a uma variedade de padrões e formas de comportamento contraditório ao invés de um padrão convencional. Essas crianças têm contato tanto com jovens delinquentes quanto infratores mais velhos, que por sua vez tiveram contato com delinquentes anteriores, esse contato significa que as tradições da inadimplência são transmitidas por gerações. Os jovens encontra na carreira criminal uma alternativa que oferece a promessa de ganho econômico e prestígio. Assim, para os autores quanto mais as comunidades, vizinhanças são desorganizadas mais geram criminalidade.

Para Coulon (1995) a “desorganização social corresponde a um declínio da influência dos grupos sociais sobre os indivíduos, manifesta-se por um enfraquecimento dos valores coletivos e por um crescimento e uma valorização das práticas individuais” (p.34). Quando as atitudes individuais não encontram satisfação nas instituições acontece à desorganização. Ainda segundo o autor o estado de desorganização social é provisório, precedendo da reorganização. Desse modo, a “desorganização social acarreta reações espontâneas de formação de gangues de jovens” (DUBET, 2006,p.20). Partindo dessa perspectiva, as gangues de jovens são uma reação ‘normal’ à desorganização social, criando uma solidariedade e regras, mas não são necessariamente delinquentes e violentos, suas identidades mobilizadas são territoriais, identificando-se ao seu território.

Segundo Coulon (1995) as gangues nascem nas ruas de encontros de jovens desocupados espontaneamente entre jogos, bebidas, são solidários entre eles. Embora a característica principal seja o fato de os grupos se deslocarem e entrarem em conflito com outros grupos. Uma gangue conhece bem seu território e não se afasta muito dele. Através da interação social, papéis e posição de cada membro surgem os líderes das gangues, assim surgindo uma ordem natural, como diz o autor:

A gangue é um grupo intersticial que se forma, em um primeiro momento, de maneira espontânea, para depois se consolidar por meio do conflito. Caracteriza-se pelos seguintes tipos de comportamentos encontros hostis, perambulações, deslocamentos em grupo, conflitos e projetos criminosos. A consequência desse comportamento coletivo é o desenvolvimento de uma tradição, de uma estrutura interna não refletida, de um *esprit corps*, de uma solidariedade, uma moral, uma consciência de grupo e uma ligação a um território.(p.64)

A Escola de Chicago desenvolveu técnicas de pesquisas, segundo a orientação empiricista, e tal como a tendência intervencionista, ligada aos problemas sociais e ao planejamento social. O uso de documentos pessoais, o trabalho de campo, a história de vida, a observação participante, as entrevistas, as fontes documentais, o uso de cartas, diários, documentos públicos, painéis de discussão e conversas. Para Sottani (2008) dois aspectos caracteriza a Escola de Chicago: o primeiro é a marca da sociologia urbana nos estudos, e segundo aspecto a preocupação com a pesquisa empírica em solucionar os “problemas sociais concretos que vivenciavam àquela época” (p.117).

Mas, Joas (1999) reitera que é preciso livrar-se de vários equívocos da Escola de Chicago, primeiro equívoco é que a escola adotava somente uma orientação empírica, apesar da fidelidade ao espírito pragmatista, possibilitou o compartilhamento de um quadro teórico. Segundo equívoco é considerar que a Escola estava interessada promover reformas sociais, as principais personalidades da Escola de Chicago “repudiavam a pesquisa social desprovida dos padrões profissionais, cujo o objetivo era convencer a opinião pública da existência e gravidade dos problemas sociais “(p.143). Em contraste

ao reformismo a profissionalização das ciências sócias não deveria renunciar “as responsabilidades extracientíficas”. Terceiro equívoco acreditar que a Escola de Chicago é consequência do pensamento europeu e apropriação de suas ideias, embora o pensamento alemão tenha influenciado muitas personalidades da escola. Assim, a Escola de Chicago origina da filosofia social do pragmatismo, partindo de uma escola de pensamento autenticamente americana.

Duas fases principais abrange a história da Escola de Chicago, sendo a primeira, durante os anos 1915 a 1940, inclui Albion Smal, William I. Thomas e George Herbert Mead, entre outros. A segunda fase entre o período 1945 a 1960, nessa fase tem como importantes representantes Robert E. Park e Ernest Burgess. A segunda geração de Chicago é associada a pesquisadores e pensadores formados por Park, como Louis Wirth, Everett Hughes, Herbert Blumer, William Foote Whyte, Erving Goffman, Howard Becker e Anselm Strauss. Com a segunda geração possibilitou o desenvolvimento do interacionismo.

Entretanto, segundo Nunes, “as reconstruções da formação do Interacionismo simbólico diverge em vários pontos no que se refere à determinação de sua origem” (2005, p.21). Para o autor na escola sociológica de Chicago houve incorporação e adaptação dos princípios do pragmatismo à metodologia sociológica, no sentido em que tanto as ideias científicas quanto o cotidiano baseavam na experiência, porém, os fundamentos da escola não foram integralmente denominados pelo pragmatismo. Para Joas (1999) “o pragmatismo desenvolve o conceito de ação a fim de superar os dualismos cartesianos” (p.133). Surgindo uma compreensão da intencionalidade e da sociabilidade diferente do utilitarismo. Comparando com a abordagem utilitarista, a teoria pragmática da ação introduz novos campos de fenômenos e também repensar campos conhecidos. Para Coulon (1995) o indivíduo ao agir persegue uma meta, tem sentimentos e emoções, assim, o pragmatismo deve ser considerado em três dimensões: biológica, psicológica e ética. No entanto, segundo os filósofos de Chicago deveria ter uma influência sobre a realidade. Joas aponta três possíveis objeções ao modelo pragmático de ação:

1) a crítica de que esse modelo reduz o conceito de ação de um modo instrumentalista ou ativista perdeu muito da sua plausibilidade [...] a disponibilidade passiva do indivíduo à experiência e ao aperfeiçoamento da experiência em relação ao presente. 2) no modelo pragmático de ação a consciência se encontra orientada para não são armazenadas na consciência dos agentes, mas utilizadas para novas ações que, rotineiras no caráter, seguem seu curso fora da consciência deles. 3) o modelo de ação descrito acima parece tão genérico que sequer distingue a relação do agente com os objetos de seu meio da relação desse agente com seus semelhantes. A teoria de signos de Pierce contém, além do objeto significado e da peculiaridade quantitativa do detentor do signo, uma consciência interpretativa pertence ao sujeito que quer transmitir sua intenção a outro ou a si mesmo. (p.137-138)

Para Nunes, as pessoas devem interpretar o significado das coisas, eventos e ações que emerge da interação social. A compreensão pragmática do conhecimento e do significado que Blumer herda de Pierce, Dewey e Mead é oposto ao modelo de conhecimento científico tradicional de herança cartesiana com diferenças entre o “sujeito e objeto, sensação e pensamento, mente e corpo” (2005, p.31).

O termo “interacionismo simbólico” foi cunhado por Herbert Blumer num artigo de 1938, tentando ser fiel ao pensamento de Mead, abordando, sobretudo a natureza da interação simbólica, a natureza da sociedade e vida em grupo, “seu enfoque são os processos de interação – ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca” (JOAS,1999,p.130), esses processos de interação fundamentam num conceito de interação que favorece o caráter simbólico da ação social.

Blumer resume os pontos de partida do interacionismo simbólico em três premissas, sendo a primeira, é a de que os indivíduos agem em relação às coisas dependendo dos *significados* que as coisas têm para eles. A segunda, premissa é a de que o significado destas coisas resulta da *interação* social que uma pessoa tem com as demais. A terceira premissa “é a de que esses significados são manipulados em um processo interpretativo e modificados através desse processo, que é utilizado pela pessoa para lidar com as coisas com as quais se depara” (Flick,2009, p.69). Para Nunes (2005), essas

premissas já indicam uma aproximação metodológica a uma sociologia interpretativa. Segundo Haguet (2003) o processo interpretativo acontece em duas etapas:

a)Primeiramente o ator indica a si mesmo as coisas em direção das sentido. Isto representa um processo social internalizado no qual o ator interage consigo mesmo de uma maneira bem mais diversa daquela na qual interagem os elementos psicológicos [...] b) Em seguida em virtude deste processo, a interpretação passa a significar a forma de manipulação de sentidos, ou seja, o ator seleciona, checa, suspende, reagrupa e transforma os sentidos à luz da situação na qual ele está colocado e da direção de sua ação.(p.35)

O interacionismo simbólico, segundo Nunes (2005) se aproxima da hermenêutica e da sociologia interpretativa , se partir da ideia de um conhecimento adquirido a partir da experiência que é armazenado e se torna disponível para comunicação.

O conceito de definição de situação, de acordo com Nunes (2005), colabora para a compreensão do quadro teórico do Interacionismo Simbólico. A definição de situação está expressa no assim chamado ‘teorema de Thomas’ : “Se os homens definem as situações como reais, elas são reais em suas consequências”. Nesse sentido os pesquisadores precisam vê o mundo pelo ponto de vista dos sujeitos que estudam, da história pessoal deste, porque os indivíduos atuam com base em sua apreensão do mundo e do que há nele. Uma característica da ‘situação’ é o ajuste de formas de comportamentos socialmente reconhecidos num processo interativo.

Segundo Dubet (1994) é impossível apresentar em algumas linhas tudo sobre o termo interacionismo de Blumer passando por Goffman, entretanto: “não são os papéis, as normas e os valores que comandam a ação social, mas as relações cara a cara nas quais os atores põem em prática estratégias e competências que fixam as suas identidades e realizam as de outrem.” (p.82) Nesse sentido, o ator de Goffman é definido a partir da interação na qual está empenhado de forma que o sucesso do reconhecimento é o objetivo. Porém, a dificuldade do ator é da “face” da encenação de si no seio de uma vida no dia a

dia que funciona ela própria como encenação. O indivíduo surge como um “empreendimento de papéis” que tem por função ser credível para os outros.

Desse modo, o interacionismo simbólico como um referencial teórico que trata da interação social que uma pessoa tem com as demais, seus sentimentos e atitudes, a partir dos significados interpretados e o sentido que os atores dão as situações, objetos, símbolos, e como relacionam com as experiências vivenciadas e assim constroem seu mundo social.

Assim, o interacionismo simbólico é uma abordagem que contribuirá para a pesquisa, pois permite a compreensão dos aspectos subjetivos, a maneira como os agentes sociais percebem e interpretam os fatos e a realidade a sua volta, desta maneira dando prioridade ao ponto de vista dos agentes.

2.2 A sociologia do desvio de Howard S. Becker

Numa perspectiva interacionista Becker, em *Outsiders*, propõe compreender as formas de transgressão como de 'desvio social'. Segundo o autor, no início dos anos de 1960, os estudos procuravam quais eram as causas do comportamento desviantes em relação a normas fixas legalmente aceitas. Para Nunes (2005) a distinção de 'desviante' é estabelecida socialmente, e não está vinculada a padrões de comportamento funcionalmente articulados à estrutura social. Para Gilberto Velho (2003) "não existem desviantes, mas sim uma relação entre atores que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com o seu comportamento, limites e valores de uma determinada situação sociocultural"(p.23). O ato desviante refere-se a um ato livre de quebrar normas socialmente estabelecidas. Entretanto, para Becker (2008), as causas do desvio não estão localizadas na situação social do desviante, mas sim que "grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como *outsiders*"(p.21-22). As pessoas rotuladas de desviantes partilham o rótulo e a experiência de serem rotuladas como desviantes. Se um ato é desviante ou não, depende da maneira como as pessoas reagem a ele, isto é, na medida em que como as pessoas reagirão varia imensamente, e também depende de quem faz e quem se sente prejudicado por ele. Determinados atos que abrangem quebras de regras, como diz Nunes (2005):

São rotulados como moral ou legalmente condenáveis por pessoas que ocupam posições de poder. O comportamento de quebrar regras aparece numa frequência constante, enquanto sua rotulação como desviante varia de acordo com o contexto. (p.47)

Nesse sentido, Becker, ressalta que as regras são frutos da iniciativa de alguém, classificados pelo o autor como 'empreendedores morais' de dois tipos: os criadores de regras e os impositores de regras. Não obstante, de forma seletiva, os impositores diante das pressões de sua condição de

trabalho, aplicam as regras e criam os outsiders. Desse modo, o 'desvio' é sempre produto de empreendimento. Sendo assim, o desvio, é o resultado de iniciativas dos outros, encadeando um processo de seleção, identificação e tipificação dos indivíduos. Por conseguinte, *outsiders*, são aqueles indivíduos considerados desviantes por outros, isto é, dependerá de como os outros responderão ao ato cometido. Nas palavras de Becker (2008):

O desvio não é uma qualidade simples, presente em alguns tipos de comportamento e ausente em outros. É antes o produto de um processo que envolve reações de outras pessoas ao comportamento. O mesmo comportamento pode ser uma infração das regras num momento e não em outro; pode ser uma infração quando cometido por uma pessoa, mas não quando cometido por outra; algumas regras são infringidas com impunidade, outras não. Em suma, se um dado ato é desviante ou não depende em parte da natureza do ato (isto é, se ele viola ou não alguma regra) e em parte do que outras pessoas fazem acerca dele. (p.26)

No entanto, para o autor, o indivíduo que recebe o rótulo de desviante pode ter um ponto de vista diferente da questão. A pessoa pode rejeitar a regra imposta e pode não aceitar aqueles que a julgam como 'legitimamente autorizados' para julgá-los. Dessa maneira, o indivíduo que viola as regras pode sentir que seus juízes que são desviantes. Desenvolvendo ideologias que explicam porque eles estão certos e porque aqueles que o desaprovam e os punem estão errados.

Becker aponta que é necessário um 'modelo' que propõe a lidar com a "sequência de passos, de mudanças o comportamento e nas perspectivas do indivíduo, a fim de compreender o fenômeno" (p.34). A concepção de 'carreira' é importante ao desenvolvimento de 'modelos sequenciais' de diversos tipos de comportamento desviante. Sendo o primeiro passo o de infringir conjunto de regras. O que interessa são as pessoas que cometem e conservam um padrão de desvio permanente, fazem do desvio um estilo de vida, constituem suas identidades em torno de um padrão de conduta desviante. Muitas atividades desviantes derivam de motivos socialmente aprendidos durante o processo de interação com desviantes mais experientes. Mesmo que essas atividades

ocorram de “maneira privada, solitária e secreta” (p.41), as motivações tem um caráter social. A experiência de ser pego e marcado publicamente como desviante constitui no processo de construção de um padrão regular de comportamento desviante e, também consequências para a participação social e autoaceitação do indivíduo, sendo a mais relevante uma modificação “drástica em sua identidade pública” (p.42). Ser apanhado cometendo uma ação inadequada confere um novo status. O tratamento dado aos desviantes impede que “as rotinas da vida cotidiana sejam acessíveis à maioria dos indivíduos” (p.45), em decorrência, desse impedimento, o desviante desenvolve “rotinas ilegítimas”. Por fim, o último passo para “a carreira de um desviante é o ingresso num grupo desviante organizado” (p.47), sendo o traço comum aos membros do grupo é o desvio, proporcionando um sentimento partilhado para encarar as mesmas dificuldades, com isso desenvolvendo uma “cultura desviante: um conjunto de perspectiva e entendimentos sobre como é o mundo e como deve lidar com ele [...] O pertencimento a esse grupo solidifica a identidade desviante” (p.48). Quando o indivíduo adere um grupo desviante organizado tem maiores probabilidades de permanecer nesse caminho, justificando a atividade desviante ao racionalizar a sua posição, e também, através do aprendizado de como levar adiante a atividade desviante evitando os contratempos que possa surgir.

No estudo de condutas desviantes, de acordo com o autor, não temos estudos suficientes desse comportamento, pois a falta de dados concretos, a escassez de fatos e informações em que podemos basear teorias gera dificuldades. Como consequências dessa insuficiência de dados se constroem teorias falhas ou inadequadas sobre o desvio. Contudo, não é fácil estudar os desviantes, visto que esse tipo de conduta tende a ser mantida oculta para que não seja punida. Cabendo ao pesquisador a tarefa de convencê-los que não haverá contratempo ou consequências do lhe revelarem. Entretanto, o processo de conquistar confiança daqueles que estudamos pode demandar mais tempo do que no estudo de instituições consideradas respeitáveis.

Outro aspecto que o autor enfatiza é referente ao ponto de vista do pesquisador quando estuda o desvio, porque as práticas dos indivíduos que pesquisamos são convencionalmente reprovadas. Assim, ao estudar essas práticas devemos adotar o ponto de vista de um dos grupos envolvidos, seja

dos desviantes, seja dos que rotulam como tal. No livro 'Uma Teoria da Ação Coletiva' Becker afirma "não podemos evitar tomar partido por motivos que estão socialmente calcados na estrutura social" (p.122). Contudo, deixando claro de que lado estamos. Seja qual for o lado que escolhermos, não há posição a partir do qual nosso estudo seja realizado que não contenha 'bias' em uma ou outra direção. Cabe, entretanto, ao pesquisador ter convicção independente do ponto de vista que seja adotado se o estudo irá atender aos padrões do trabalho científico, não sendo invalidado em decorrência das nossas afinidades.

3.1 A pesquisa

No trabalho de conclusão de curso constatou-se que a maioria das mulheres que estavam presas em Goiás, estavam enquadradas no artigo 33 da Lei de Tóxicos – Lei 11343/06 que remete ao crime de tráfico de drogas. Desse modo, propôs-se nesta dissertação compreender a inserção gradativa das mulheres no tráfico de drogas ilícitas. Entre os objetivos da pesquisa era caracterizar quem são essas mulheres quanto a: estrato social, idade, ocupação, religião, vínculo com o mercado de trabalho, escolar e familiar.

A seleção das entrevistadas recaiu sobre mulheres encarceradas a partir de 2006 e obedeceu aos seguintes requisitos: mulheres que têm companheiros e familiares na prisão, mulheres que praticaram crimes violentos, mulheres com antecedentes criminais, mulheres que tiveram filhos durante o período em que estão presas, mulheres que não recebem visitas familiares, mulheres que foram presas ao tentar entrar no presídio portando drogas ilícitas. Em suma, o roteiro de entrevista pretendeu por meio da biografia relatada das reeducandas² verificar escolaridade, religião, atividades de trabalho, desemprego, convivência familiar, histórico de violência, convivência dentro da instituição prisional, trajetória no crime, reincidência, contato com as drogas, perspectiva de futuro e etc.

As encarceradas se dispuseram a participar da pesquisa voluntariamente, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e autorizaram a gravação de áudio. Os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios³, de modo a preservar a sua identidade.

O método proposto é o da indução analítica. Segundo Flick (2008) o procedimento de indução analítica inclui as seguintes etapas:

Formula-se uma definição bruta do fenômeno apresentado; formula-se uma explicação hipotética do fenômeno; estuda-se um caso a luz da hipótese com o objetivo de determinar se ela corresponde aos fatos daquele caso; se não corresponder aos fatos a hipótese é reformulada ou o fenômeno a ser explicado é redefinido, de forma

² A partir do momento que são julgadas e condenadas passam a ser chamadas de reeducandas.

³ Os nomes escolhidos como fictícios foram os nomes de pedras preciosas e semi-preciosas. Também nomeei os homens como pedras preciosas são eles: Ônix, Quartzo, Opala, Jaspe, Citrino, Berilo e Ametrino

que esse caso seja excluído, pode-se obter certeza prática depois de estudar um pequeno número de casos, mas a descoberta por parte do investigador em questão, ou qualquer outro, de um único caso negativo, refuta a explicação requer uma reformulação. (p.49)

Assim, de acordo com Becker (2008) esse método exige que todos os casos selecionados no estudo comprovem a hipótese. A indução analítica aplica-se aos estudos sobre desvio de conduta.

O acesso a uma instituição prisional muitas vezes é dificultado e negado. Possivelmente pelo temor de que as mazelas dessas instituições sejam expostas ao público. No entanto, desde o primeiro contato, a direção se manteve a disposição para colaborar com a pesquisa. Porém, necessitava do consentimento da Gerência de Políticas Penitenciárias que prontamente atendeu à solicitação autorizando a inserção ao campo, embora com algumas restrições, por exemplo, não permitindo a realização de imagem fotográfica e filmagens das reeducandas.

Nas primeiras idas a campo uma das recomendações foi não usar calça preta, pois segundo a Agente o regimento interno não permite para não ser confundida com as Agentes. Outra recomendação foi não entregar nenhum objeto diretamente as reeducandas. Fui advertida já na primeira ida ao campo ao devolver um lençol que a reeducanda havia emprestado para forrar a mesa onde realizamos a entrevista.

O Período de coleta de dados⁴ iniciou-se em julho de 2013 e terminou em julho de 2014. Durante a idas e vindas ao Complexo Prisional e ao Presídio e Trindade pude observar a rotina tanto intra-muros quanto nas imediações extra-muros: reeducandas/os encaminhando-se para as indústrias;

⁴ A ida a campo foi um momento de superação. A necessidade de chegar às duas instituições que apresentavam dificuldades de acesso por transporte público fez com que meu medo/fobia de dirigir fosse superado. Para a coleta de dados nas duas instituições fui acompanhada do amigo Guilherme Borges que também estava coletando dados para sua dissertação intitulada "Sujeitos do 33: tráfico de drogas e homicídios na Grande Goiânia". Assim, fazíamos o trajeto juntos. Como o trajeto era numa estrada vicinal e o período era chuvoso encontramos diversos obstáculos: o primeiro foi um caminhão estragado na ponte que atravessávamos, impossibilitando a nossa passagem; segundo ao desviar desse caminhão com maior dificuldade tivemos que seguir por outro trajeto no qual havia muita enxurrada e buraco, acabamos atolando o carro num banco de terra ao fazer o retorno. Nesse momento não tínhamos ideia de como sairíamos dessa situação. Depois de várias tentativas debaixo de chuva tentando empurrar o carro apareceu um ciclista que nós ajudou a retirá-lo; Terceiro como a chuva estava muito forte desistimos de continuar na estrada vicinal, decidíamos encarar a BR-153 no horário de pico, mas enfim, percurso superado. Para ir ao Presídio em Trindade outro obstáculo precisava ser vencido o percurso era mais longo. Daí o trajeto escolhido foi um que não tinha o tráfego intenso da região central com congestionamento, o trajeto escolhido foi o Anel Viário onde, me deparei com um tráfego intenso de caminhões. Daí, mas um obstáculo vencido. Assim, a pesquisa foi o impulso que faltava para enfrentar o medo e contribuiu muito para que a fobia fosse superada.

reeducandas/os executando atividades dentro das unidades; familiares levando pertences e mantimentos aos reeducandas/os; novas/os reeducandas/os chegando a instituição, e trabalho voluntário de instituições religiosas.

3.2 Aspectos históricos das Unidades Prisionais: Centro de Inserção Consuelo Nasser e Centro de Inserção Social de Trindade

O Centro de Inserção Social Consuelo Nasser está situado em Aparecida de Goiânia, cidade da Região Metropolitana de Goiânia, no complexo prisional. O complexo prisional é uma área de 70 alqueires correspondendo a 3.388.000 m². No complexo estão situados: o Centro de Inserção Consuelo Nasser; a Casa de Prisão Provisória; a Colônia Agrícola do Regime semiaberto; Núcleo de Custódia e a Penitenciária Coronel Odenir Guimarães.

Figura 1: complexo Prisional de Aparecida de Goiânia



Fonte: Imagens satélite Complexo Prisional: Google Maps

Figura 2: Entrada do Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia



Fonte: Marcilaine Martins

O Presídio Feminino que integra o Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia é o único exclusivamente para mulheres no estado de Goiás, foi construído em 1985. Em março de 2003 recebeu o nome de Centro de Inserção Social Consuelo Nasser durante a Semana da Mulher por ocasião de 8 de março – Dia Internacional da Mulher como forma de homenagem e memória à Jornalista e Advogada Consuelo Nasser.

O Centro Inserção Social Consuelo Nasser tem a capacidade para 48 vagas (quarenta e oito vagas). Atualmente está com a capacidade máxima, isto é, 48 reeducandas.

O Corpo administrativo é composto pelo Diretor, Supervisora de segurança, Agentes prisionais, Assistente social, Enfermeira, Técnica de enfermagem, Fisioterapeuta, Psicóloga, Médica e Dentista. Tradicionalmente desde a criação do presídio em 1985 o cargo de direção do Presídio Feminino era exercido somente por mulheres, mas em 2012 o atual Diretor torna-se o primeiro homem assumir a direção do Presídio Feminino Consuelo Nasser.

Segundo o Secretário de Segurança Edmundo Dias a nomeação do primeiro homem a exercer o cargo direção da unidade é uma inovação, da mesma forma a escolha da primeira mulher a dirigir a Casa de Prisão Provisória.

O prédio está localizado no centro de um terreno, não aparenta ser um presídio, aparência no entanto desmentida pelos altos muros com cercas elétricas, guaritas (apesar de não ter visto ninguém na guarita em todas as idas a campo), grades, agentes armadas. O prédio é adaptado e há um salão e 12 celas, uma cozinha, três cômodos reservados a administração. No fundo há uma horta cuidada por duas reeducandas e dois reeducandos e são cultivadas: cebolinha, alface, cenoura, beterraba, abobrinha, salsa, pepino, tomate, quiabo e jiló. As verduras e legumes são vendidas a preços simbólicos, mas quem toma conta da renda é a administração. Também há um campo society, parquinho infantil, um telefone público, uma tenda com cadeiras onde são realizados os encontros com instituições religiosas. Na frente há um gramado e várias rosas e outras plantas e quem toma conta da jardinagem é uma reeducanda. Dentro da unidade prisional Consuelo Nasser está localizada umas das indústrias instaladas no Complexo Prisional. A indústria produz tachas de iluminação.

Figura 3: Presidio Feminino Consuelo Nasser



Fonte: Imagens satélite Centro Inserção Social Consuelo Nasser: Google maps

Figura 4: Entrada do Presídio Feminino Consuelo Nasser e entrada da Indústria



Fonte: Marcilaine Martins

Como citei anteriormente o interesse pelo tema surgiu a partir de um trabalho de campo de antropologia em 2005. Nesse período percebi que as reeducandas ficavam livres no pátio, muitas não trabalhavam na indústria, as atividades que existiam eram na própria instituição, por exemplo, bordados em roupas entre outras. Mas, ao retornar em 2012 notei uma mudança, pois havia grade com cadeado separando as reeducandas das Agentes. Imediatamente questionei o porquê dessa grade?. Segundo a Agente “de uns tempos pra cá o ambiente começou a ficar mais hostil”. Confirmando assim a mudança de perfil das mulheres presas. Como se observa na seguinte fala:

O informante nós matou ele depois, não pode deixar vivo não. Nós falou que ia repartir, mas não pode deixar vivo não. Todo informante não pode deixar vivo porque quando o cinto aperta eles entregam até

a mãe dele. Exemplo, você trabalha numa firma, aí a senhora é informante nossa, o patrão chamou uma reunião pra vocês lá que a polícia fala mesmo que tem informante. Aí eles começam a dá pressão e tem informante que não aguenta: foi fulano, cicrano, beltrano e pra não complicar ele entrega, por isso tem que matar. (Pérola, 23 anos)

Figura 5: Entrada do Presídio em Trindade



Fonte: Sapejus

Figura 6: Entrada do presídio Trindade



Fonte: Sapejus

A unidade Prisional de Trindade foi inaugurada em dezembro de 2009 com capacidade para 300 reeducandos, mas sua lotação atual é 320 reeducandos. O prédio foi adaptado a partir das instalações do Centro de Excelência de Recuperação de Dependentes Químicos nunca utilizado, área foi cedida pela Igreja Católica. Em 2008 o Juiz Eder Jorge havia determinado a interdição do Centro de Inserção Social, o antigo presídio de Trindade, em decorrência da superlotação e as péssimas condições de salubridade. O novo complexo dividiu a arquitetura de acordo com a periculosidade. Adotou o chamado “módulo respeito”⁵ são reeducandos com bons comportamentos. Há uma cozinha industrial onde são preparadas diariamente as refeições dos reeducandos e reeducandas como também todo o corpo administrativo da instituição. Parte dos alimentos são produzidos na horta localizada ao fundo da instituição e os próprios reeducandos cuidam dela. Na unidade há uma confecção onde os reeducandos trabalham. As reeducandas trabalham com artesanatos e quem fornece o material para confecção dos artesanatos são os

⁵ Módulo respeito: em Goiás o módulo de respeito começou a funcionar em 2009. Para participar é necessário que o reeducando tenha um bom comportamento, trabalhe, estude, limpeza e conservação da ala.

familiares. O corpo administrativo é composto por Diretor, Chefe de Cartório, Supervisor Administrativo, Supervisor de Administrativo, Supervisor de Produção, Psicóloga, Assistente Social, Técnica de Enfermagem, Dentista, Auxiliar de Dentista, Supervisor de Segurança e Agentes.

Figura 7: Presídio Trindade



Fonte: Guilherme Borges

Figura 8: Presídio Trindade – Ala feminino



Fonte: TV Goiânia

Figura 9: Presídio Trindade – Ala masculina



Foto: TJGO

Figura 10: Presídio Trindade



Fonte: Guilherme Borges

A unidade está localizada a cinco quilômetros do centro da cidade. Não há acesso de transporte coletivo ao presídio, sendo possível somente com veículo particular. Muitos familiares nos dias de visitas utilizam a linha de ônibus do Bairro Jardim Cerrado localizado na divisa entre Goiânia e Trindade e percorrem o trajeto de 2 km a pé numa estrada vicinal. Em uma das idas a campo nessa unidade tivemos que encerrar uma entrevista na metade, pois tínhamos que deixar a instituição porque haveria o “procedimento”. Nome dado à operação de revista nas celas dos reeducandos. A estratégia utilizada pela Direção para essa operação foi colocar agentes do GOPE – Grupo de Operações Penitenciárias - dentro do caminhão baú e informar aos agentes da unidade para abrir o portão porque haveria entrega de “colchões”. Pois na unidade os reeducandos conseguem ver pela tela quem chega à instituição.

. Figura 11: Presídio Trindade



Fonte: Imagens satélite Unidade Prisional em Trindade: Google maps

3.3 Local e condições das entrevistas com as reeducandas

As entrevistas foram realizadas em duas Unidades Prisionais, a priori seriam somente na Unidade Prisional Consuelo Nasser em Aparecida de Goiânia. Mas, como eu tinha um contato na Unidade Prisional em Trindade facilitando o meu acesso, optei também por realizar entrevista nesse local. Quando cheguei ao local, porém, o Diretor me impediu de realizar as entrevistas e solicitou que eu seguisse todos os tramites legais, apresentando um memorando com autorização da pesquisa dentro da unidade prisional. Mas, ainda assim, o contato na instituição foi primordial para que tivéssemos confiança dos reeducandos e reeducandas.

Figura 12: Local das entrevistas no Centro Inserção Consuelo Nasser



Foto: Sapejus

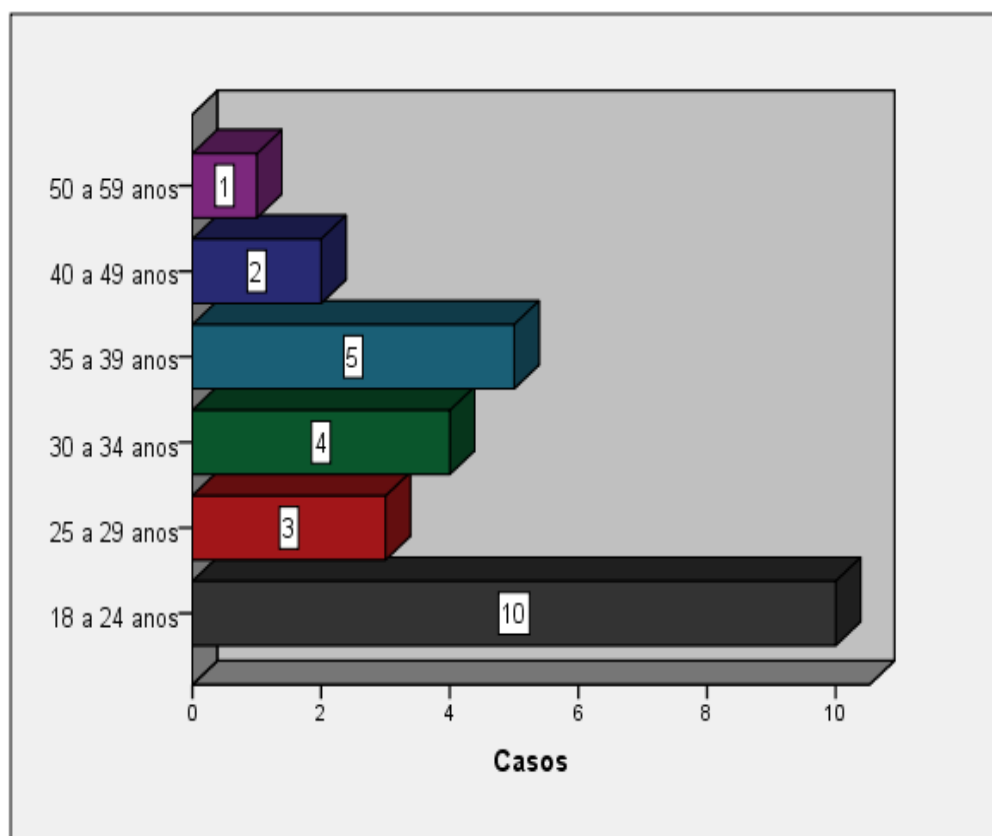
Desde a primeira ida a campo na Unidade Prisional Consuelo Nasser uma das minhas inquietudes seria o local onde realizaria as entrevistas, em decorrência da temática abordada, e a confidencialidade e o sigilo era elemento fundamental para preservação da identidade das reeducandas. No

início imaginei a Agente acompanhando cada entrevista ao meu lado. Entretanto, fui surpreendida pela supervisora da Segurança que sugeriu eu entrevistá-las no pátio da instituição onde há uma mesa construída de cimento com quatro bancos embaixo de uma mangueira, local muito agradável onde fiquei a sós com cada reeducanda, embora, com a Agente à distância observando, mas isso não impossibilitou a relação de confiança entre a pesquisadora e entrevistada, pois em decorrência da distância as Agentes e nem outras reeducandas não teriam a possibilidade de ouvir seus relatos.

3.4 Perfil das reeducandas entrevistadas

No período da pesquisa na Unidade Prisional de Trindade a população feminina era de 15 reeducandas e no Centro de Inserção Consuelo Nasser havia 48 reeducandas. Entretanto foi feito um recorte e entrevistei 06 reeducandas na Unidade Prisional de Trindade e 19 no Centro de Inserção Consuelo Nasser. A partir de dados coletados durante as entrevista foi possível traçar em linhas gerais um perfil das entrevistadas. A idade das reeducandas entrevistadas variou de 20 a 55 anos. Observa-se que são bastante jovens, a maioria têm entre 20 a 24.

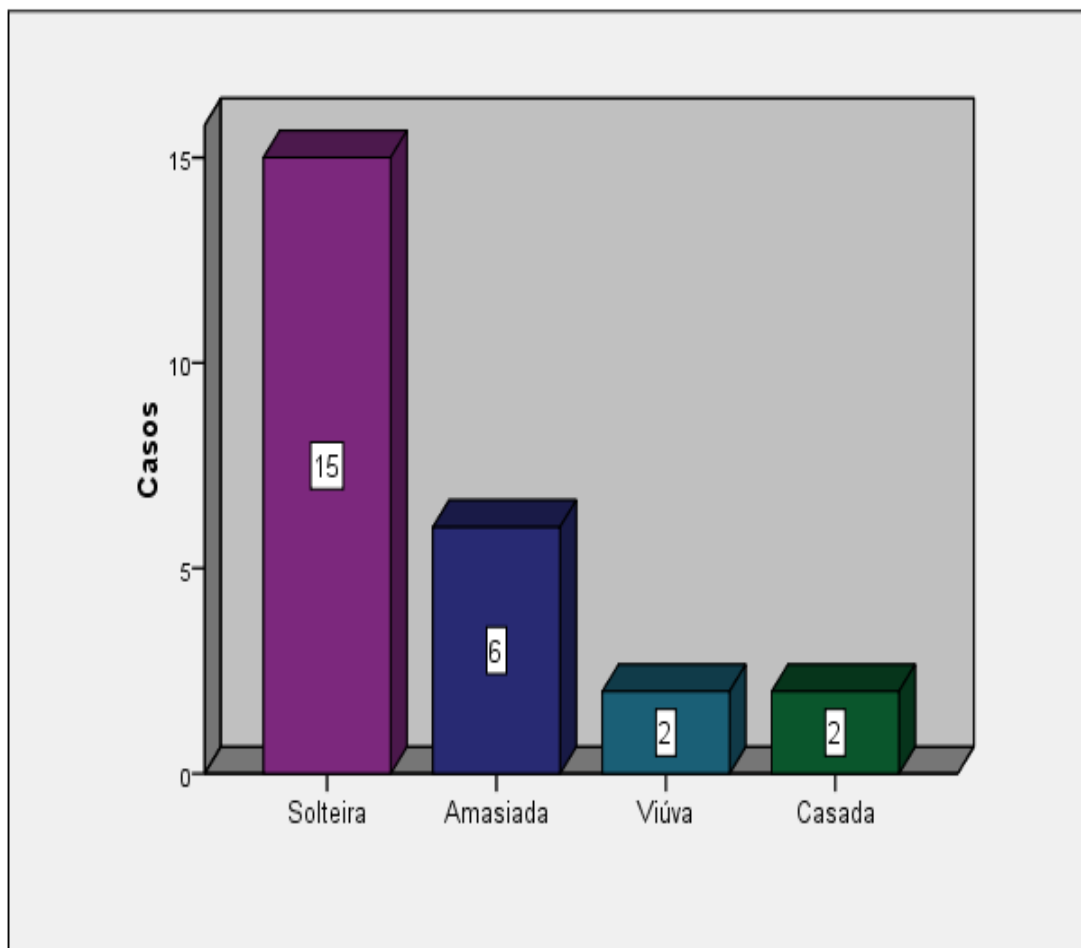
Gráfico 1 - Idade das entrevistadas



Fonte: Pesquisa "Como vender balinha": a presença das mulheres no tráfico de drogas.

Em relação ao estado civil quando perguntadas as reeducandas tendem a enfatizar sua condição legal, mesmo tendo a opção de dizer que são “amasiadas” ou “união estável”. No início das entrevistas elas se declaravam solteiras, mas no decorrer da entrevista ressuscitavam seus relacionamentos e foi possível de perceber as uniões estáveis. Mas, diante da questão, para uma análise mais objetiva, preservei o que foi dito espontaneamente no início da entrevista sobre o estado civil.

Gráfico 2 - Estado civil das entrevistadas



Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

No que concerne o grau de instrução das reeducandas foi notável o baixo nível de escolaridade. Abordei a escolaridade em relação aos pais que também apresentou baixo nível de escolaridade. As reeducandas em sua

maioria não tem o ensino fundamental completo como demonstra o gráfico 3. Busquei saber os motivos que as levaram a não continuação dos estudos. Nos seus relatos justificavam terem parado de estudar por diversos motivos entre eles: filhos, trabalho e envolvimento com as drogas:

:

Eu tinha três filhos pequenos e ficou difícil pra mim (Hematita, 41 anos)

Eu fui mãe muita nova. Eu parei de estudar por causa da minha filha. Eu fui mãe aos 14 anos! (Topázio, 33 anos)

parei de estudar porque comecei a usar drogas (Amazonita, 23 anos)

Parei de estudar porque é difícil ou você escolhe trabalhar ou estudar. Escolhi trabalhar (Calcita, 20 anos)

Embora exista uma escola no Complexo Prisional, localizada na Unidade Masculina, não há muita adesão entre as reeducandas. Possivelmente o desinteresse seja por fatores econômicos, porque na indústria elas podem exercer atividades remuneradas. Para maior parte das reeducandas o trabalho é uma fonte de renda para cobrir seus gastos na prisão, e até mesmo ajudar os familiares.

Se eu falar pra você que ganhei mil reais levando seis quilos de pasta base pra lá e hoje eu gasto na cadeia mais do que eu ganhei. (Calcita)

Eu trabalho, eu mesmo me mantenho dentro da cadeia. (Safira, 27 anos)

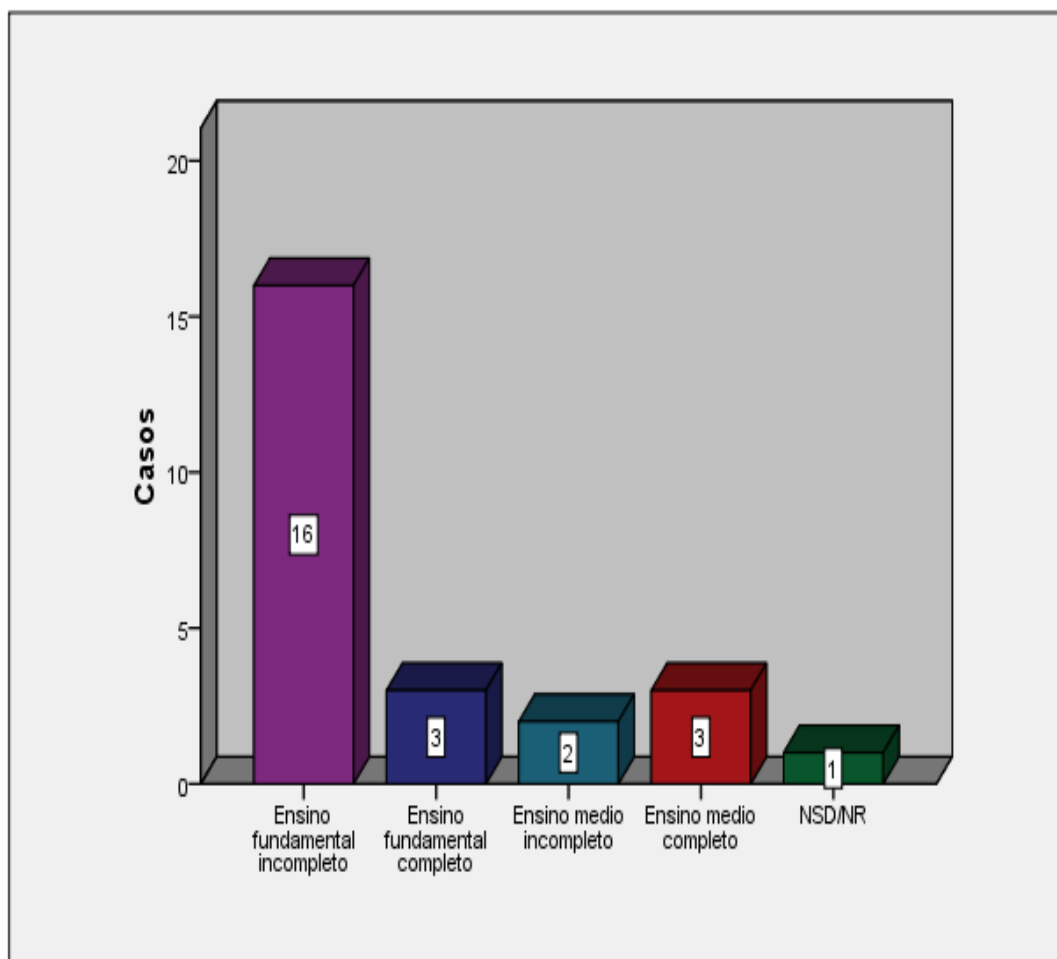
Porque sou que ajudo minha mãe. O meu salário e da casa (administração) é pra minha mãe (Calcidônia, 38 anos)

Há também reeducandas que optam por trabalhar na unidade, porque o horário é meio período e dá pra conciliar com os estudos. Para Calcedônia:

Eu trabalho de manhã na direção e estudo a tarde [...]Aqui pode trabalhar e estudar. Na indústria você trabalha o dia todo. Agora

quem trabalha na casa tem opção de manhã ou a tarde. Como eu trabalho na direção então eu limpo a direção de manhã e a tarde eu vou pro colégio e volto as 4 hs. (Calcidônia, 38 anos)

Gráfico 3 - Escolaridade das entrevistadas



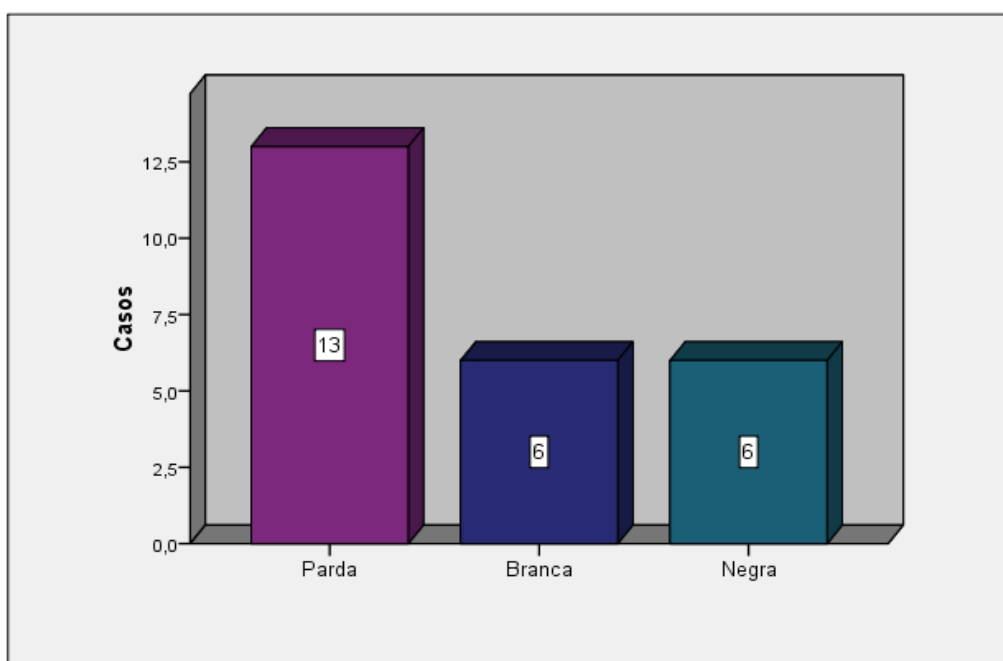
Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

Em relação à distribuição das reeducandas segundo a cor constatou-se que a maioria são pardas. Esses dados foram retirados dos prontuários. Entretanto, esse resultado revela um processo apontado por Adorno (1994) de “empardecimento” da população no sistema prisional:

no curso do processo penal, indiciados e réus são submetidas a várias e distintas instâncias de interrogatório, oportunidade em que se preenchem formulários diversos. Em algumas delas, o funcionário

burocrático, por sua conta e risco, examina o réu e atribui-lhe uma cor. Em outras oportunidades, o funcionário apenas transcreve dados extraídos de formulários anteriores, ou se fia no depoimento de testemunhas. Há ainda situações em que se pede ao réu que se autoclassifique. Evidentemente, procedimento como este turvam a fidedignidade das informações. Ademais, a leitura dos processos penais permitiu identificar o processo de “empardecimento” dos protagonistas. Durante o desenrolar do processo penal, a cor do réu converge para uma espécie de ponto médio. Em determinados casos, negros clareiam e se tornam pardos, em outros casos, brancos escurecem e se tornam, eles também, pardos. (p.147-148)

Gráfico 4 - Cor das entrevistadas



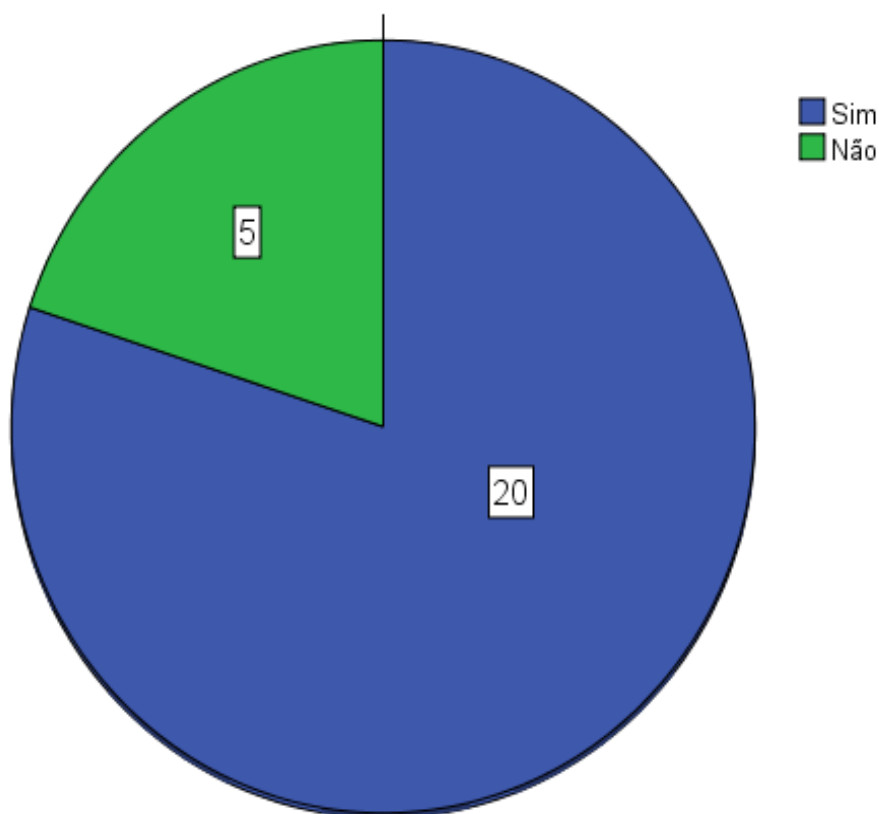
Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

No gráfico 5 observa-se $\frac{3}{4}$ das reeducandas têm filhos. Alguns relatos demonstram que as reeducandas tiveram gravidez precoce:

A mais velha está com o pai ela é a que eu tive com 14 anos.
(Topázio)

Eu engravidei e não tive o apoio de ninguém. Engravidei com 14 anos. logo que eu engravidei ai eu já parei de estudar, ai já envolvi com um rapaz e parei de estudar”(Larimar, 38 anos)

Gráfico 5 - Entrevistadas com filhos



Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

A grande maioria das reeducandas na duas Unidades Prisionais são mães. As mulheres que vivem em situação de encarceramento vivenciam com mais pesar a perda do vínculo familiar. Segundo Lemgruber (1999) “para a mulher, tal situação reveste-se de característica ainda mais dolorosa já que o rompimento do contato contínuo com seus familiares e, sobretudo, seus filhos, é extremamente difícil de suportar.” (p. 96)

Embora para os homens a quebra do vínculo com os filhos já existia mesmo antes do seu encarceramento:

Tenho duas filhas, elas cresceram. Vi elas umas duas vezes e nunca mais vi elas [...] Elas moram no como se diz, no Paraguai na Bolívia pro lado de lá. (Citrino, 65 anos)

Convivência só tive com o mais velho, os outros não participei de nada, não fui em quadrilha, reunião na escola. Só fui em quadrilha do mais velho, eu tinha acho que na época 17 anos. O mais velho me ligou dizendo que ia ser pai de gêmeos, aí disse se ele ia mexer com coisa errada, ele me disse que não, não queria ser um pai ausente como fui pra ele, ficar na cadeia e não dar atenção. (Ônix)

Tenho duas filhas: uma de 16 e outra de 18 anos [...] Quem toma conta é as mães [...] são mães diferentes (Quartzo, 40 anos)

Quartzo afirmou que nunca permitiu que suas filhas o visitassem na prisão por não querer que elas tenham contato com outras mulheres de reeducandos ao aguardarem nas filas para adentrar a instituição. Ao questioná-lo sobre se ele sabe se suas filhas querem visita-lo ele diz:

Não, não, eu não perco tempo pensando nisso não

Já para as mulheres isso envolve uma série de conflitos: o tormento da separação, a angústia de não participar do cotidiano de seus filhos/as. Mães e filhos/as sofrem muito com a ruptura do vínculo afetivo materno.

[...] meus filhos principalmente o de 16 anos, porque eu sei que ainda precisa muito de mim e o de 4 anos, o que tá me pesando aqui dentro é só eles, essas três pessoas que eu penso, meu filho de 16, meu marido e esse menininho de 4 anos que eu adotei. (Larimar)

Minhas filhas estão precisando muito. As duas que perdeu o pai estão inconsoladas. (Topázio)

Além disso, as reeducandas se vêem privadas do convívio com seus filhos, por vezes de forma definitiva. Como ocorreu com a reeducanda Turquesa:

Essa de oito meses eu perdi antes de vim presa. Perdi na lei guarda provisória [...] Essa de oito meses está com um casal de lésbica. Elas moravam na mesma cidade que eu. Acho que foi uma denúncia só

pode. Quem passou a guarda dela foi assessora da Promotora. Porque minha mãe foi no dia pra pegar a neném, mas eles não deixaram. Não tinha Promotor, não tinha juiz. A assessora falou que era Promotora que ia passar a guarda provisória pra esse casal. Foi e passou. (Turquesa, 23 anos)

Nesse sentido, segundo a “Cartilha direitos e deveres das mulheres presas” elaborada pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo quando a reeducanda é condenada por mais de dois anos de reclusão, o juiz da Infância e Juventude determina a suspensão do poder familiar e guarda dos filhos apenas provisoriamente. Embora a legislação ampare a reeducanda em relação à guarda dos filhos. A suspensão do poder familiar é o último recurso, quando esgotadas todas as possibilidades.

Muitas das reeducandas exerciam o papel de chefes de família. Durante o período que estão cumprindo suas penas encaminham seus os filhos para os familiares (avós, tias, irmãos), companheiros, madrinhas e amigos, e em algumas situações o filho mais velho assume essa responsabilidade de cuidar dos irmãos. Como o caso da reeducanda Galena que tem seis filhos e quem cuida dos demais é a filha mais velha. Em alguns casos os filhos, além da separação materna, sofrem também com a separação dos irmãos, especialmente quando há um número maior de filhos como Bronzita que tem sete filhos

Três [...] estão com a minha mãe. A [...] está com avó dela em Goiânia a mãe do pai dela. O [...] está com a madrinha dele que mora aqui em Aparecida. Quando eu fui presa cada um foi pro um lado. As [...] estão com a madrinha delas. (Bronzita, 32 anos)

Rubi tem oito filhos, a mais nova tem sete meses e está com ela na Unidade Prisional. Safira e Esmeralda também relatam quem toma conta de seus filhos:

Eu tenho seis meninas e dois meninos. As meninas avó paterna cuida. Eu não tenho mais mãe. Os dois meninos são de maior e cada um cuida da sua vida. (Rubi, 39 anos)

Os mais velhos são minha ex-sogra de 11 e 09. Um é a minha irmã e a [...] que está comigo. (Safira)

Tenho três. Uma filha de 11 anos, um menino de 8 anos, ela de 1 ano e cinco meses. (Esmeralda, 25 anos)

Durante o período de coleta de dados na Unidade Prisional Centro Inserção Consuelo Nasser havia três reeducandas com filhas na instituição com idades: 07 meses, 01 ano e cinco meses e 01 ano e sete meses. No que diz respeito às garantias de condições mínimas de assistência às mães que estão privadas de liberdade possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação a Lei 7.210/84 – Lei de Execução Penal – LEP garante:

Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamentá-los, no mínimo, até 6 (seis) meses de idade. (LEI 7.210/84 art.88)

Entretanto a LEP não faz referência sobre o limite de tempo que as crianças permaneçam na instituição. Mas, assegura o direito da reeducanda de permanecer com o filho durante o período de amamentação com instalação de berçários. A reeducanda Safira tece elogios referente à Direção por poder ficar com sua filha até o momento:

[...] Assim, graças a eles eu posso só te dizer que minha filha está nos meus braços até hoje. Porque na lei ela permaneceria até seis meses. Minha filha já tem um ano e sete, graças a Deus eles nunca tocaram no assunto tal dia vai ter que mandar embora, eu que sempre procuro, e eles sempre me falam 'enquanto não tiver dando problema vou deixando' (Safira)

Todavia, de um lado a alegria de ter o filho por perto, do outro a penalização por considerar que quem tem que ficar presa não é a criança, mas sim ela por ter cometido o crime. Nas palavras de Esmeralda:

Depende do meu comportamento. Já teve caso de criança ficaram mais de dois anos. Enquanto eu tiver tendo um bom comportamento ela vai ficando comigo. Mas, eu não quero que ela fique aqui mais de dois anos porque quanto mais ela ficar aqui mais ela vai entender de onde ela tá, do que se trata. Então acho que não vai ser interessante pra ela mesmo ficar aqui. Eu também vou tá sendo injusta porque quem está presa sou eu. Ela está perdendo muita coisa lá fora. Igual tem os irmãos dela que ama demais ela.

De acordo com o art. 89 a LEP assegura que os presídios femininos sejam dotados:

seção para gestante e parturiente e de creche para abrigar crianças maiores de 6 (seis) meses e menores de 7 (sete) anos, com a finalidade de assistir a criança desamparada cuja responsável estiver presa. Parágrafo único. São requisitos básicos da seção e da creche referidas neste artigo: I – atendimento por pessoal qualificado, de acordo com as diretrizes adotadas pela legislação educacional e em unidades autônomas; e II – horário de funcionamento que garanta a melhor assistência à criança e à sua responsável.

Embora, seja assegurada na LEP no Centro Inserção Consuelo Nasser não possui creche, somente o berçário que é uma cela que foi adaptada para esse fim. Na Unidade Prisional de Trindade por possuir somente ala feminina e não ser presídio feminino não há berçário e nem creche. Até mesmo em decorrência do espaço precário da instituição. Ala feminina possui espaço bem limitado.

No que tange a situação religiosa das reeducandas entrevistadas observa-se no gráfico 6 que maioria são protestantes. Nas prisões há um trabalho de evangelização das igrejas: católicas, protestantes e kardecistas. Mas, em seus relatos disseram que já tinha alguma religião antes de ingressar na prisão, mas estavam desviadas.

Eu sou evangélica. Assembleia de Deus [...] Eu sempre fui, mas estou desviada agora. Mas eu sempre fui da Assembleia de Deus. (Bronzita)

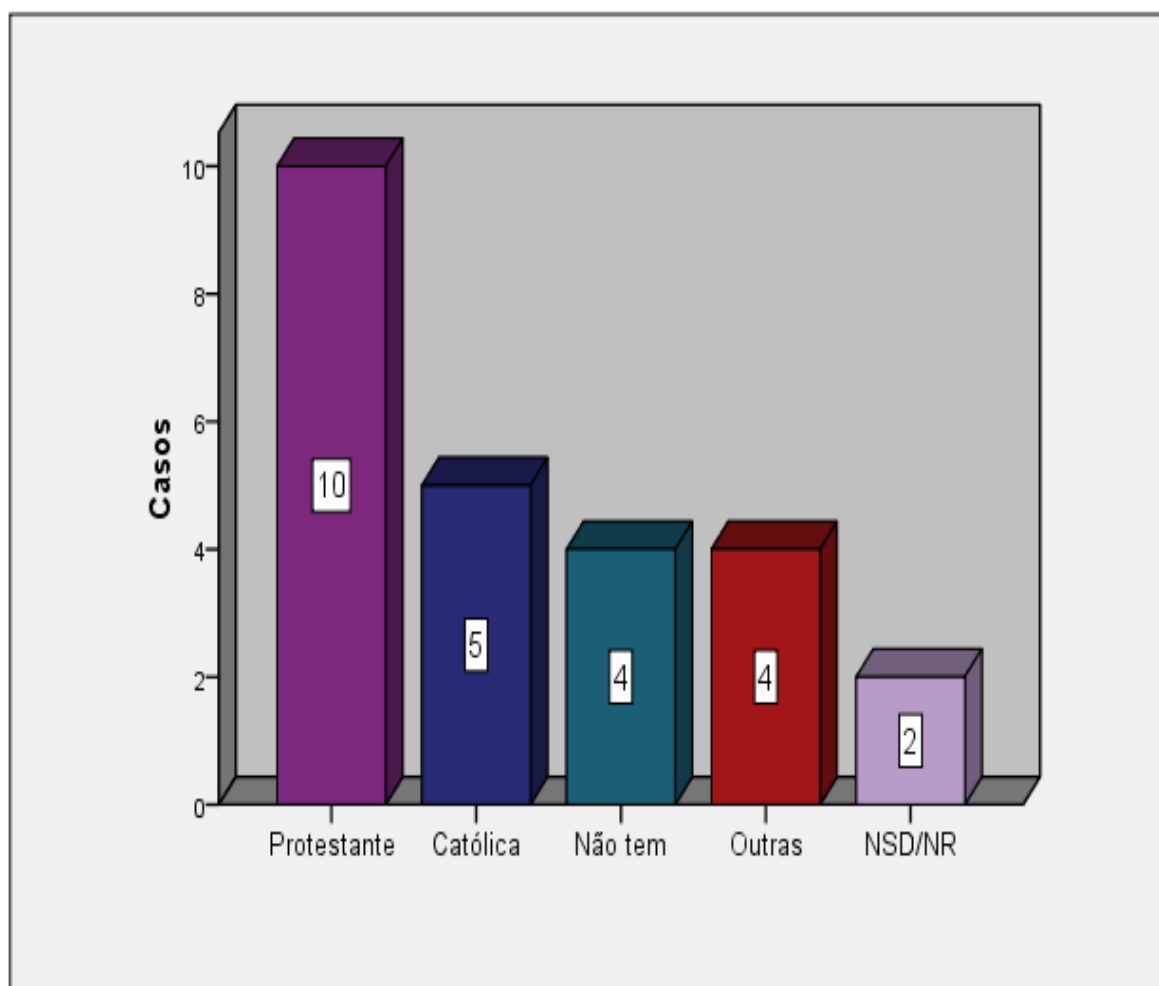
Crente da Universal. Mas, hoje não frequento mais. Quando eu era pequena participava mais. Chegou uma certa idade que a cabeça

muda. Aos 14 anos desviei e fui pra farra. Agora eu não estou participando, mas quando eu sair eu quero voltar a participar.
(Calcita)

Embora, haja casos em que se convertem ou mudem de religião depois que são presas:

Eu passei pra ser crente tem pouco tempo estou na Assembleia de Deus.(Turmalina, 32 anos)

Gráfico 6 - Religião das entrevistadas



Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

Quanto à naturalidade das entrevistadas o maior contingente delas são do Estado de Goiás, em seguida do Estado do Tocantins.

Tabela 1 – Naturalidade das entrevistadas

Cidades - UF	Casos
Goiânia-GO	10
Aparecida de Goiânia-GO	1
Araguaçu-TO	1
Betim-MG	1
Cocos-BA	1
Cristalândia-TO	1
Cromínia-GO	1
Curitiba-PR	1
Fazenda Nova-GO	1
Goiatuba-GO	1
Imperatriz-MA	1
Mara Rosa-GO	1
Mossâmedes-GO	1
Novo Acordo-TO	1
Paraúna-GO	1
Santa Bárbara-GO	1
Total	25

Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

No que se refere à ocupação observar-se na tabela 2 a baixa qualificação, ocupações socialmente desprestigiadas, assim como as profissões de seus pais. Nos relatos informaram que ingressaram no mercado de trabalho ainda muito crianças. Embora de acordo com as leis brasileiras somente aos 14 anos é admissível o contrato de aprendizagem, e aos 16 anos salvo na condição de aprendiz. Assim, muitas trabalhavam informalmente e exerciam atividades como:

Com 5 anos de idade. Minha mãe punha nós pra fazer as coisas porque nós morava na roça, tudo ela ensinava pra nós. Foi muito bom

o que ela ensinou. Campinar, fazer comida no fogão de lenha. Sofri muito. (Azurita, 55 anos)

[...]10 anos trabalhando na casa dos outros. Só não fazia cozinhar porque era muito pequeninha e povo não deixava eu cozinhar. (Rubi)

09 anos de babá. Era meninas de três, quatro anos. Só cuidava deles.(Galena, 40 anos)

Tabela 2 – Última ocupação das entrevistadas antes de ser presa

Profissão	Casos
Costureira	3
NSD/NR	3
Sem profissão	3
Cabelereira	2
Garçonete	2
Artesanato	1
Auxiliar de produção	1
Balconista	1
Comerciante	1
Cozinheira	2
Do lar	1
Doméstica	1
Estudante	1
Secretaria	1
Serviços gerais	1
Trabalhadora rural	1
Total	25

Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

3.5 O cotidiano das reeducandas

Monotonia todo o dia é a mesma coisa (Rubi)

No dia a dia muitas vezes não percebe-se o que se passa talvez por parecer tão comum e rotineiro. Mas, ao estar privada de liberdade o dia a dia se torna ainda mais rotineiro:

O meu dia é rotineiro. Todo dia é a mesma coisa (Safira)

Numa prisão como denomina Goffman (1974) “Instituição total” os indivíduos realizam todos os aspectos do cotidiano no mesmo lugar sob a mesma autoridade. E todas as atividades são realizadas juntamente para que todos sejam tratados da mesma forma e são obrigados a fazerem em conjunto e em horários estabelecidos. As refeições e os horários de saída e retorno às celas são todos programados. Ao chegar à prisão o indivíduo é submetido a novas experiências definidas pela cultura carcerária e pela convivência com diferentes indivíduos condenados por diferentes crimes.

Um dia típico das reeducandas no Centro Inserção Social Consuelo Nasser obedece a seguinte programação:

Quadro 2 – Horário de atividades das reeducandas	
Atividades	Atividades
6 hs	Despertar e tomar banho
7 hs	Ida para indústria
7 hs 30 min	Inicia os trabalhos de quem trabalha na própria instituição
8 hs	Abertura da cela de castigo para banho de sol de 2 horas
10 hs	Retorno a cela de castigo
11 hs 15 min	Almoço
12 hs 15 min	Retorno pra indústria
13 hs	Ida pra escola na outra instituição - Presídio Masculino
16 hs	Retorno da indústria
16 hs 30 min	Retorno da escola
17 hs	Tranca da cela
21 hs	Silêncio. “apaga-se as luzes”

Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

As reeducandas na Unidade Prisional Consuelo Nasser não ficam as 24 horas restritas à cela, pois exercem atividades laborativas ou educacional. As que trabalham na indústria saem às 7 hs, as que trabalham na cozinha, limpeza, horta, jardinagem às 7:30. Na cozinha é realizado o almoço, mas, é pago, muitas reeducandas preferem essa refeição ao invés da refeição que é cedida pela instituição, a intitulada “Xepa”. Há uma rejeição quanto a “Xepa” por ser considerada de má qualidade. Apesar de que, segundo a instituição, é a mesma comida servida aos funcionários de todas as unidades do Complexo Prisional. No entanto, as reeducandas preferem a comida da cantina, mas essa refeição é paga. Segundo as reeducandas:

A Xepa chega todo dia, mas eu não como, hoje tem três dias que eu não como. (Azurita)

Tem essa comida ai que eles mandam pra nós, mas é uma comida que ninguém come, vai tudo jogada fora. Por que não presta, a comida. (Turmalina)

Hoje mesmo almocei agorinha porque eu ganhei um prato de comida [...] A xepa não é todos os dias que é comível. Tem vez que vem azeda, tem vez que vem com muita nojeira! (Calcedônia)

Atualmente no complexo prisional de Aparecida de Goiânia são duas empresas terceirizadas que fornecem as refeições – com cardápios distintos – Cada empresa fornece para unidades específicas. Uma para presos condenados e servidores do complexo e a outra para presos provisórios. Conforme o edital as regras do cardápio são a mesma para duas empresas. No entanto, variam o cardápio, com isso gera reclamações sobre a qualidade da refeição entre os reeducandos, por exemplo, o mau cheiro das refeições.

De acordo com a reportagem do Jornal O Popular em abril/2014 os valores das refeições por cada reeducando acertado desde 2011 no edital emergencial:

Tabela 3 – Valor da alimentação das reeducandas

Refeição	Valor (R\$)
Desjejum	1,96
Almoço	6,36
Jantar	6,36
Total	14,68

Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

Segundo o Promotor de Justiça da área de Execução Penal, Haroldo Caetano⁶, os valores das refeições são elevados. As refeições eram realizadas na cozinha industrial até 2011, mas pegou fogo, assim foi necessário realizar um edital com dispensa de licitação em caráter emergencial. Atualmente a cozinha está pronta e não está sendo utilizada. Para o Promotor, além de diminuir os custos seria a oportunidade de abrir vagas de trabalho para os presos.

As 12:15 as reeducandas terminam o intervalo do almoço e vão para as indústrias, e as demais que trabalham em outras atividades na unidade só trabalham no período da manhã, exceto na cozinha.

As 16:00 retornam das indústrias externa e as 17:00 hs são trancadas nas celas. Embora quem trabalhe na cozinha / cantina e na indústria que fica na área interna do presídio feminino fica até as 21 hs.

Vou pra cozinha ajudar de novo. A gente trabalha até as 9 hs da noite. Nós faz torta, pizza, salgado. (Rubi)

Eu trabalho na Esfera fazendo sinalização de asfalto [...]12:30 venho pra cá e só saio as 21 hs. A minha filha sempre comigo, na onde eu vou ela vai junto comigo. Nunca deixo ela sozinha. (Esmeralda)

As rotinas das reeducandas são estabelecidas pela a organização da instituição, o que independe de suas escolhas. Quando o indivíduo ingressa

⁶ Reportagem do Jornal O Popular 13/04/2014

neste tipo de instituição ele é despido de sua aparência individual, provocando uma despersonalização. Essas instituições são estufas para transformar as pessoas. A barreira entre o mundo do interno e externo aponta a primeira “mutilação do eu”. De acordo com Goffman (1974):

Além da deformação pessoal que decorre do fato de a pessoa perder seu conjunto de identidades, existe a desfiguração pessoal que decorre de mutilações diretas e permanentes do corpo – por exemplo, marcas ou perda de membros. Embora essa mortificação do eu através do corpo seja encontrada em poucas instituições totais, a perda de um sentido de segurança pessoal é comum [...] Várias justificativas para a mortificação do eu são muito frequentemente simples de racionalizações, criadas por esforços para controlar a vida diária de grande número de pessoas em espaços restrito e com pouco gasto de recursos [...] (p.29,48).

Com “o processo de mortificação do eu” a fim de evitar incidentes, o recluso busca um comportamento que o afaste de sofrimentos físicos e psicológicos.

Muitas reeducandas prestam serviços para outras reeducandas, por exemplo, lavando, roupas, serviços de cabelereira, manicure e pedicure, entre outros para obter algum dinheiro para garantir a compra de cigarro, produtos na cantina, cartões telefônicos⁷ e drogas.

Mexo com cabelo aqui dentro. Uso as meninas aqui tudo de cobaia.
(Safira)

As vezes tem as meninas que quer lavar pra gente, aí a gente paga pra elas lavar. (Ametista, 33 anos)

Nos dias que transcorreram as entrevistas e coleta de dados foi possível notar o cheiro da maconha nas duas unidades prisional. Da mesma forma, provavelmente guardavam algo ilícito. Mesmo que eu não fizesse parte da

⁷ Havia um orelhão no pátio. Mas foi retirado após reportagem apresentada no Fantástico da TV Globo, sobre suposta regalias que os reeducandos tinham no Presídio Odenir Guimarães. Após a reportagem o ex-Secretário Edmundo Dias foi exonerado. Algumas medidas do atual Secretário Joaquim Mesquita foi retirar o orelhão que tinha no pátio do Presídio Feminino Consuelo Nasser.

instituição, as reeducandas não se intimidaram em comercializar drogas à minha frente. Corrobora essa situação as falas:

:

A cadeia ficar sem maconha? já puxei muitos anos a cadeia, eu já vi Diretor liberar 3 quilos de maconha pra cadeia ficar calma. Porque a maconha tem que ter. (Ônix)

Não existe presídio sem drogas e sem celular. (Jade, 21 anos)

Fico na indústria até 4 hs da tarde. Chego e tomo um banho e fumo um brau. (Bronzita)

O lugar onde mais tem droga é dentro do presídio. Às vezes na rua você não vê tanta droga igual você vê dentro de um presídio. Você vê demais, toda hora você está ali tombando na frente. (Larimar)

A reeducanda Pérola antes de ser presa já era usuária de maconha. Mas, foi no presídio que experimentou o crack pela primeira vez. Segundo a reeducanda depois que soube da sua sentença optou por experimentar o crack já que diziam que era bom pra esquecer os problemas:

[...] Tinha uma menina lá fumando deixa eu experimentar esse trem se faz eu esquecer os problemas. Coloquei e nem soube fumar o trem joguei tudo fora, coloquei de novo ela falou: segura a fumaça. Segurei e soltei. Aí ela perguntou: deu alguma coisa não? Não essa merda faz é feder vou escovar os dentes. Sai foi o prazo de cinco minutos eu queria mais. Não tinha. Aquela fissura. Eu queria mais. Aí foi onde eu fui fumando, fumando, fumando, fumando. Na rua eu só assaltava e fumava maconha. Experimentei o crack e gostei e estou até agora. (Pérola)

Pérola na sua visão procurou uma justificção plausível para consumir o crack como forma de fuga para aliviar seu sofrimento por ter sido condenada há 22 anos.

3.6 Relações de poder

Um aspecto relevante no cotidiano de uma prisão são as relações de poder e o conjunto de regras aplicáveis pelas reeducandas. De acordo com Ramalho (1983) assim como a direção do presídio possui suas regras de funcionamento e as impõe às reeducandas, estas também possuem regras que têm vigência entre elas. Há regras de proceder dentro da instituição que, se não cumpridas, acarretam sanções. As principais regras que o autor cita são:

Regras que se referem à vida cotidiana no interior do xadrez; regras que se referem às trocas e circulação de objetos entre os presos em geral; regras que se referem às prescrições de solidariedade e ajuda mútua entre os presos em geral; regras que se referem às atitudes morais dos presos de modo geral e finalmente, a fundamental não caguetar. (p.45)

Observa-se que a regra mais severa é imposta aos “dedos-duros” que recebem uma sanção imediata e violenta. Muitos aprendem a manter a boca fechada e não importa o que tenha presenciado.

Há de ressaltar, a sanção cometida a quem dedura, cagueta muitas vezes é a violência física entre elas usam o termo “tampar”⁸.

A reeducanda Angelita revelou:

⁸ tampar – ato de encobrir com o cobertor ou manta para que a pessoa a ser punida não identifique as agressoras

Tem uma pessoa aqui que vive caguetando, a gente vai deixando, mas uma hora ela vai embora, daí a gente pega ela, você já deve ter ouvido que morre muita gente quando põe o pé lá fora, então é só a gente avisar. (Angelita, 47 anos).

Nessa fala demonstra que há um preço alto a pagar caso quebre a regra do silêncio na prisão, isto é, a pessoa pode pagar com a vida.

Muitas aprendem a manter a boca fechada e não importa o que tenham presenciado. Segundo a reeducanda Alexandrita:

aqui eu aprendi a falar menos, ouvir mais. (Alexandrita, 37 anos).

Para Alexandrita na prisão você tem que se calar para vários acontecimentos, se quiser que a convivência seja pacífica.

Porém, há casos de confusões e brigas que chegam a agressões extremas. Como, por exemplo, Diamante que foi transferida de unidade depois de um conflito no Presídio em sua cidade natal:

tem três anos que eu estou aqui eu vim transferida pra cá porque eu esfaqueei uma mulher dentro do presidio de lá [...] Foi assim briga de cela a mulher avançou em mim e peguei e esfaqueei ela. (Diamante, 35 anos)

Nesse episódio percebe-se assim como há confrontos em presídios masculinos há também em presídios femininos. Que os artefatos utilizados para agressões são os mesmo “facas” feitas artesanalmente dentro da instituição. A reeducanda que foi ferida não foi a óbito, mas a responsável pela agressão foi transferida para outra unidade prisional. Em certos conflitos para não agravar a situação, a direção opta por transferir a reeducanda para outra unidade prisional:

eu sou muito custosa, eu já fui transferida pra Itumbiara e fiquei lá três meses de castigo. Porque lá é castigo mesmo a gente fica num buraco. (Pérola)

No que tange a relação de hierarquia entre as reeducandas ao questioná-las se há relação de poder. Para Rubi:

Bom aqui tem uma pessoa que diz que manda. Mas, mandar o quê? Tem uma pessoa, mas [...] Porque a direção fez. Na realidade quando eu puxei cadeia era diferente, não existia isso. Não tinha aquela grade, era um lugar maravilhoso de se viver. No tempo da S.N, era tudo aberto. O conflito dentro da cadeia é a disputa pelo o poder. Então o que acontece quando a S.N saiu, porque ela não admitia, ela nunca deu poder pra preso. As coisas aqui era do forma dela. Era regime militar, se pegasse você com baseadinho era delegacia na hora, ela não passava mão na cabeça de ninguém, nem eu por ser feia e nem a outra por ser bonita, por ter mais tempo. Não tinha diferença. Não tinha presa que mandava, quem mandava era ela, era do jeito dela. Mas, aí quando trocou a direção eu não estava aqui na troca da direção. Mas, o que as meninas comentam quando trocou a direção, a direção de agora deu poder a essa presa.

Segundo as reeducandas a atual direção do Centro Inserção Consuelo Nasser escolheu uma reeducanda para que faça a mediação caso haja algum conflito entre elas, tenha a função de receber o Cobal⁹ às quintas-feiras e repassar às reeducandas, como também quando necessário fazer o pedido de medicamentos a farmácia. Mas, há o respeito por aquela que tem mais tempo de prisão:

Tem sempre uma pessoa que respeita, essa pessoa chega e conversa, mais velha de cadeia, elas sabem conversar e tal, ela compreende. (Jade)

No Presídio de Trindade também há uma reeducanda que as demais a respeitam em decorrência por estarem mais tempo no presídio:

Eu e a R.. somos as mais velhas. A R.. não tem tanta autonomia assim, as muié respeita mais eu. Pela posição mesmo, eu ajo certo pra poder cobrar, porque se eu for errado ai eu não posso falar [...]Tem que se impor né, se não se impor vira aquela picuinha de mulher, aquele tanto de mulher junta é aquele tanto de fofoca só

⁹ Cobal – a direção das unidades prisional autoriza as famílias a levar alimentos, roupas e medicamentos aos reeducandos/as

Jesus na obra, então se não tiver um pulso firme pra falar vira bagunça.(Dolomita, 33 anos)

Assim como nos presídios masculinos há também uma relação de poder pela qual é necessário respeitar o que tem mais tempo na prisão. Entretanto, nos presídios masculinos é mais comum ocorrerem conflitos de forma mais violenta. Como observa-se nas palavras de Jaspe:

Tinha um anjo lá no Bloco 2 B da CPP. Resumindo já tinha dado minha sentença eu ia ser morto. Lá na CPP tem os blocos tem o pátio, tem a galeria. Aí nesse dia eu fui na cantina eu percebi que tava meio assim... Sentei com o dono da cantina ele falou: realmente quem matou sua mulher foi fulano e tal. Soube que minha vida já estava a prêmio. Só que o pessoal não podia matar eu sem antes falar com ele. 'está acontecendo que eles estão querendo te matar. Aí eu intercedi, mas você vai ter que sair da ala' Ai eu agradecei peguei o colchão. Nesse intervalo chegou o agente chamando dois pra subir pro Cepaigo. Na hora que chamou os caras eu já sai junto. Fui pro isolamento fiquei isolado. Até então eu não sabia o que estava acontecendo. Ai o G... falou você vai pro bloco 3 ele vai te ajudar no que precisar. Eu falei que queria ir pra lá e me levou. (Jaspe,52 anos)

Nesse sentido, como Coelho (2005) denomina "xerife", ao chegar na prisão o preso/a deve apresentar-se a ele/a que é o responsável, frente a administração, pela ordem na cela coletiva. O "xerife" repassa as regras do convívio. Geralmente quem ocupa esse posto é a reeducanda mais antiga, mais experiente e mais respeitada. Cabe a esse/a "xerife" responder pelas desordens, inimizades à administração, como também tentar apaziguar a partir de recursos pessoais como a força física e liderança.

Nas unidades masculinas há quem seja o 'dono da cela' diferente da unidade feminina que tem a 'responsável', mas ela não é dona da cela tal como considerado na unidade masculina na qual há inclusive um mercado de negociação em torno da cela:

A celinha, onde eles moram. Cada um tem sua cela, mas aqui do lado dos homens é comprada, né e aqui do lado das mulheres já não é. Meu marido era dono da cela, quando ele for embora, ele tem o direito de vender a cela dele pra outra pessoa [...] Na época que ele saiu de lá ele vendeu a dele no valor de 8.000,00 mil, agora eu fiquei sabendo que tá numa faixa de 16 / 17 mil. É porque na ala C é mais cara né. Porque lá diz que a ala C é mais é patrão do tráfico, né [...] tem a favela, periferia e tem o setor sul que é os que eles fala que é os que têm dinheiro [...] A favela custa em torno de 2 mil por aí. No Setor sul já tem tudo som, televisão, tem vídeo game, tem de tudo, tem sinuca [...] Tudo que você pensar lá tem, tem tanta coisa! É muita coisa que eles coloca nas celas deles, sabe é muita coisa mesmo! Mas as sinucas ficam pro lado de fora da cela. Aí é tipo um bar assim, sabe. (Turmalina)

Ao questioná-las sobre os motivos das discussões entre as reeducandas:

Assim eu nunca tive briga com nenhuma delas, já tive uma discussãozinha com algumas nem todas, né. Motivo banal também, porque às vezes... que eu gosto muito de limpeza, eu sou muito asseada com as minhas coisas, sabe, aí eu morava lá no salão e lá no salão os banheiros é muitos... tem umas que lavava direito, outras lavava mal lavado [...] Tem sempre assim uma que às vezes, tem ciúmes da gente com amiga aí fica... muita fofuquinha, aquele leva e trás, aquelas confusãozinhas bobas, sabe. Só que eu nem, não ligo muito pra essas coisas, não dou muito moral porque eu sempre eu falo que tenho um Deus vivo comigo, que eu quero é paz, que eu tô aqui pra puxar a minha cadeia, o que eu devo quero pagar e quero sair daqui sem nem um problema com ninguém. (Turmalina)

Nas conversas informais com as reeducandas no Centro de Inserção Consuelo Nasser elas relataram que a nova direção não as escuta, faz vistas grossas, há muitos acontecimentos conflituosos dentro da instituição. Paradoxalmente, remetem ao período da antiga direção que era mais rígida e caso uma reeducanda fosse flagrada com algum tipo de droga era encaminhada diretamente à delegacia e não à cela de castigo como é a punição atualmente.

Entretanto, não há só críticas quanto à nova Direção. Safira e Celista tecem elogios para a atual direção:

Essa direção daqui é maravilhosa, são pessoas competentes, são pessoas que estão dispostas sempre a nos ajudar, nunca nos prejudicar e nada. Trata a gente com devido respeito (Safira)

Sr. L... dá muito oportunidade. Ele sempre dá chance pra nós. Ele é um diretor que compreende nós. (Celista, 20 anos)

O convívio diário entre as reeducandas nem sempre é amistoso. A obrigatoriedade de conviver todos os dias com opiniões, temperamentos diversos acaba gerando tensão e conflitos.

Ao ingressar numa prisão há uma cultura, padrões de comportamento, segundo Donald Clemmer (1940) denominou de “prisonização” o indivíduo deve adaptar-se as regras, aos modos de convivência, a costumes da instituição. Para que seja aceito no grupo pacificamente.

Têm as brigas delas, mas eu vou entrar no meio? Eu não. Eu não quero ser flagrantemente dos outros. Eu não faço nada de errado pra não me prejudicar. Eu quero cuidar da minha vida e não me prejudicar. Tem as regras da cadeia e eu vou fazer errado pra quê. (Azurita)

Assim, a prisão dispõe de um conjunto de regras que tem vigência entre as reeducandas e que são marcadas por relações de gênero. A convivência tranquila dependerá da disposição das reeducandas em cooperar espontaneamente as regras.

3.7 Relações de amizade e solidariedade

Lemgruber (1999) ressalta que nas populações prisionais há ausência de solidariedade completa em decorrência da vida cativa. Mas, isso não quer dizer que não haja solidariedade, caso não existisse a convivência seria insuportável. O mundo da prisão é complexo.

Não existe amizade dentro do presídio, existe convivência, porque a gente não é obrigado a ter amizade, mas a gente é obrigado a ter um bom convívio, então eu tento fazer o possível as vezes o impossível.
(Diamante)

Como disse a reeducanda, no presídio há dificuldades de desenvolvimento de amizades verdadeiras que poderiam contribuir para um grau maior de solidariedade. Mas, procura-se conviver harmonicamente para que haja o mínimo de conflitos entre elas.

No entanto, há solidariedade e companheirismo entre as reeducandas que compartilham entre si angústias, sofrimentos, anseios, saudades da

família. Por exemplo, como relata Turmalina ao receber a notícia que o seu marido havia sido baleado:

[...] Foi minhas companheiras mesmo que me acolheu na hora e levou pra dentro. Foram elas que cuidaram de mim, deram chá, remédio. (Turmalina)

Há empréstimos de objetos, trocas de favores, solidariedade. Safira tem uma filha e há uma reeducanda que toma conta da sua filha para que ela vá à escola localizada na Unidade Masculina. Safira considera a reeducanda que a ajuda como tia.

Vou pra escola a tarde ela fica com a minha tia [...] tia de consideração. Ela cuida pra eu ir pra aula. (Safira)

Elas me ajudam muito. Porque eu vim pra cá eu só tinha a roupa do corpo [...]Aí elas arrumou colchão e cobertas. Elas são muito boas. (Galena)

Nossa! Hoje a cantina¹⁰ está fechada. Preciso tanto de um absorvente. Você pode me dá um? (Larimar)

Outra ocorrência de solidariedade entre as reeducandas é fato de negociarem ceder as celas aos domingos para as que recebem seus companheiros e companheiras para que haja visita íntima.

as que não tem visita fica geralmente, dá um horário, aí sai aqui pra fora, fica aqui fora Fica de duas ou três horas no máximo. (Turmalina)

O artigo 5º da Constituição assegura que “todos somos iguais perante a lei. Homens e mulheres são iguais direitos e obrigações”. Partindo dessa perspectiva o sistema prisional na realidade brasileira está longe de garantir essa igualdade, pois as mulheres presas no Estado de Goiás não têm direito a

¹⁰ Cantina – a reeducanda que toma conta da cantina estava na cela de castigo por ter sido pega com celular. Assim, como punição não seria permitida a abertura da cantina, apesar de ter outra reeducanda que ajuda na cantina.

visita íntima. No presídio masculino há o espaço reservado para as visitas, quando não tem, há outras estratégias utilizadas como:

[...]da dos homens. Lá tem o dia todo, que cada um tem seu [...] E quem não tem seus barracos, pode fazer as suas barraquinhas pro lado de fora. É e aqui já não pode fazer barraca. (Turmalina)

Por estar reclusa numa unidade prisional a reeducanda é submetida a novas experiências demarcadas pela cultura da prisão e pelo convívio com diferentes tipos de pessoas, com reeducandas que foram condenadas por diversos crimes, a exemplo tem-se reeducandas que procuram resolver seus conflitos por meio de atitudes violentas, outras de maneira mais pacífica.

Aqui infelizmente somos obrigadas a conviver com certos tipo de pessoas, por ser uma ala só, um pavilhão não tem nem como não conviver [...] tem uma que nós não se bate. (Safira)

A relação é tranquila, mas tem gente que é difícil de conviver, dá muito trabalho e é difícil. (Jade)

Mas, há reeducandas que consideram como se estivessem em casa. Procuram conviver bem com todas reeducandas, embora haja temperamentos diferentes.

como se fosse na minha casa, como seu tivesse na minha casa. (Ágata, 20 anos)

3.8 O dia de visitas

Uma das intenções da pesquisa era acompanhar o dia de visita. As visitas são realizadas aos domingos das 8:30 as 17:00 hs. No entanto, a partir do momento em que se adentra à instituição, só é permitida a saída a partir das 14 hs. As reeducandas que têm companheiros no Presídio Masculino saem antes das visitas chegarem. Por volta das 7:30 elas descem ao presídio. Atualmente são 16 reeducandas que visitam seus companheiros no Presídio Masculino, sendo 01 na Casa de Prisão Provisória e 15 no Presídio Odenir Guimarães.

Uma das principais diferenças entre os presídios masculinos e femininos é a quantidade de visitantes, embora, a proporção de presos masculinos seja bem maior, mas, ainda assim, a visita no presídio feminino é escassa. Prova disso é a longa fila formada em frente ao presídio masculino, com centenas de mulheres na fila aguardando o horário de visita. Enquanto no feminino havia somente duas pessoas na fila aguardando para entrar. Um companheiro e companheira. Assim, é muito perceptível que as mulheres quando são encarceradas são abandonadas por suas famílias e companheiros. Em contrapartida, os homens quando são presos continuam recebendo visitas e

assistências de seus familiares e companheiras. No dia da visita (aos domingos) e no dia do Cobal (às quintas-feiras) a fila para a Unidade Masculina é quilométrica para visitá-los e entregar os mantimentos, os utensílios pessoais e de higiene para seus familiares e companheiros. Enquanto que na Unidade Feminina nem fila há e raramente aparece alguém no dia do Cobal.

É importante salientar os motivos do abandono das mulheres encarceradas. Em primeiro lugar por seus companheiros que, em pouco tempo, estabelecem novas relações afetivas independente de onde estejam, seja extra ou intra-muros (nas indústrias eles se envolvem com mulheres que estão na unidade feminina). Em segundo lugar seus familiares não se dispõem a se deslocar a unidade por motivos variados: financeiro, distância e disponibilidade de tempo. Como não se dispõem a aceitar vê-las na unidade prisional:

Só meu pai que não vem. Ele fica aí no estacionamento e não vem. Fala que não dá conta de ficar vendo eu nesse lugar aqui. (Topázio)

Já tem um ano que estou aqui. Minha mãe vem e entrega a Cobal, mas ela não entra. Então eu não tenho visita nenhuma [...] Ela disse que não vem. Ela já tinha avisado se fosse acontecer alguma coisa comigo e eu fosse presa um dia, ela não iria vim me ver, mas ao menos as coisas ela traz. (Ágata)

Enquanto os homens recebem visitas toda semana como se observa:

Toda final de semana minha esposa vem. Meus filhos, às vezes vem um ou outro, aí eles revezam me visitar. (Opala, 52 anos)

Recebo visita da minha esposa.

O Estado de Goiás foi o pioneiro a implantar a “revista humanizada” nos presídios e cada vez mais os outros estados estão aderindo a esse tipo de revista. Em junho/2014 o Senado aprovou por unanimidade o Projeto de Lei 480, de 2013 que proíbe a realização de “revistas vexatórias” nos presídios brasileiros. Em Goiás desde julho de 2012 os familiares não precisam mais passar pela “revista vexatória” na qual era necessário se despir, agachar em frente ao espelho, agachar diversas vezes e se submeter à revista a em órgãos

genitais. Tal procedimento era aplicado somente às mulheres, de todas as idades. As mulheres eram submetidas ao constrangimento de ficarem nuas e terem sua intimidade corporal violada, ao ponto de ter que abrir a vagina ou o ânus para que agente visualize melhor. A justificativa para essa violação seria impedir entrada de drogas, armas e celulares. No entanto, segundo o Promotor de Justiça Haroldo Caetano “o problema do ingresso de armas, celulares e drogas nos presídios não passa necessariamente pela vagina das visitantes. Existem outros caminhos e nós sabemos quais são fundamentalmente, o da corrupção que impera no sistema prisional¹¹”. De acordo, com o levantamento realizado no Estado de São Paulo pela Rede de Justiça Criminal “constatou-se apenas 0,03 % dos visitantes traziam consigo objetos como drogas e celulares.”¹²

Com a “revista humanizada” os visitantes passam por detector de metal. Há um agente masculino, uma agente feminina para realizar essa revista manual, mas somente quando há suspeita que ela é realizada mais minuciosa. Por volta das 9:00 chegou a terceira visita, era um companheiro de uma reeducanda trazendo consigo alguns alimentos. Logo em seguida uma senhora evangélica que faz pregação com as reeducandas. Essa senhora evangélica faz pregação há muitos anos em Goiânia e Região Metropolitana, principalmente nos terminais de ônibus. Em suas pregações sempre há uma rima, por exemplo: “ todo sábado é uma perdição as mulheres vão pro salão, pintam a cara e viram o cão”. De acordo com as reeducandas toda semana ela as visita.

Logo após a terceira visita minha entrada foi autorizada, pois a chefe de segurança não sabia do agendamento da minha visita. Aguardei o contato com a Direção para autorização. Ao entrar fui recepcionada por uma das reeducandas com um caloroso abraço e perguntando o motivo por eu estar lá.

11 Disponível: <http://www.dw.de/revista-%C3%ADntima-em-pres%C3%ADdios-exp%C3%B5e-visitantes-a-humilha%C3%A7%C3%B5es/a-17574112> acesso: 29 de julho de 2014

12 <http://redejusticacriminal.files.wordpress.com/2013/07/rede-boletim-revista-vexatoria-marc3a7o-17-03-2014-web.pdf> acesso: 29 de julho de 2014

Respondi que fui visitá-las. Daí pediu pra eu ficar a vontade. Outra reeducanda questionou se eu era estudante de Direito¹³.

Os demais visitantes chegaram por volta das 10 hs da manhã: mãe e dois filhos da reeducanda Esmeralda. A filha da Esmeralda atualmente com dois anos e o filho com 9 anos, em 2013. Quando realizei entrevista com a reeducanda a filha ainda estava com ela, mas agora quem toma conta dela é sua mãe. A acolhida de Esmeralda com os filhos foi bastante calorosa. Em seguida mais duas visitas para outra reeducanda, eram a irmã e a mãe carregando uma sacola com bastante alimentos. Depois outro companheiro e a filha de outra reeducanda chegou e foi chamado pelas reeducandas de “príncipe”: “Seu príncipe chegou” “isso é hora dele chegar, quase de tarde” logo outra reeducanda comenta: “essa muiê pega o boi que ele vem visitar ela todos os domingos e não falta nenhum e fica reclamando”. Outro visitante a chegar era o irmão da reeducanda Calcita. Segundo Calcita:

Ele não gosta de vim aqui, fica inquieto, impaciente, com vontade de ir embora, é muito difícil ele vim aqui.

Os últimos visitantes a chegarem à instituição por volta das 11 hs era uma mãe acompanhada com 02 crianças e dois adolescentes que eram filhos da reeducanda.

Em suma nesse dia de visita os familiares visitantes foram: 03 companheiros, 01 companheira, 03 mães, 01 irmã, 01 irmão, 07 filhos – 01 maior de 18 anos, 02 adolescentes entre 12 a 15 anos, 04 crianças entre 02 a 10 anos. Totalizando 16 familiares. Devido à situação de abandono das reeducandas são poucos familiares, companheiros/as que as visitam:

Nunca recebi visita. Ninguém vem me visitar. (Bronzita,)

Minha mãe disse que não vem. Ela já tinha avisado se fosse acontecer alguma coisa comigo e eu fosse presa um dia, ela não iria vim me ver, mas ao menos as coisas ela traz. (Ágata)

¹³ Apresentei-me na qualidade de socióloga com interesse de estudar mulheres envolvidas na criminalidade. Geralmente todas as idas a campo as reeducandas questionavam se eu era estudante de Direito.

Aqui eu vejo visita uma vez no mês, de dois em dois meses, demora muito. Minha mãe veio numa visita assistida¹⁴ foi no ano passado, em janeiro do ano passado. (Diamante)

Minha família que mora aqui se quiser me ver é 10 minutos de carro e todos são bons de condições, mas nem liga aqui pra saber: você está bem? Você está precisando de uma corda pra se matar? Então é muita revolta! Não quero saber de família não. (Pérola, 23 anos)

Embora as reeducandas alegam preferir que os familiares não as visitem. Sempre com justificativas: falta de tempo, cansaço, doença, filhos pra cuidar.

Meu filho vem. Mas, outro é muito difícil vim porque ele trabalha a noite, então durante o dia ele descansa. Ele não tem folga no final de semana. Ele trabalha de segunda a segunda. Ele só tem uma folga por mês. Eu fico com dó e falo vai cuidar de você. Eu digo que a mãe está bem. (Rubi)

Minha filha mais velha vem, Eu tive um tempo aqui essa menina mais nova fiquei sem ver ela dois anos, mas porque a mais nova tem outro filho e já tem três filhos pequenos. (Hematita, 41 anos)

Minha filha trabalha muito e dia domingo ela trabalha. Mas, ela vai tirar um dia pra vim. Mas, eu não gosto muito porque na hora de ir embora é um desespero. (Galena)

Mas, na verdade, segundo as agentes elas gostariam sim e muito que os familiares fossem vê-las: “as reeducandas sempre dizem que preferem que os familiares não as visitem, mas quando há visita elas ficam todas radiantes e muito felizes”.

Minha mãe queria vim esses dias, eu liguei nela, ela falou como que fazia pra vim aqui me ver e eu pedi pra ela não vim. Que eu não quero que eles venham a conhecer, que ela nunca conheceu um presídio, né e eu não quero que eles venham aqui. Que isso aqui pra mim é um passado. Não quero. (Turmalina)

¹⁴ Visita assistida – durante a semana, visita acompanhada por agente. Em algumas situações a administração libera esse tipo de visita

Há também casos de reeducanda cuja família não sabe que ela está presa, pois há muitos anos não tem contato com a família:

minha família não sabe que estou aqui e nem vai saber [...] 10 anos que não vejo minha família. (Rodonita, 28 anos)

3.9 Medo de ir embora

Muitas vezes, quando o indivíduo passa muito tempo dentro da instituição total e cumpre sua pena e precisa deixar a prisão, há casos em que o indivíduo tem medo de não conseguir se inserir novamente na sociedade. Embora os presos façam planos para quando saírem da prisão sentem angústia ao pensarem no que vão encontrar lá fora: se se sairão bem no mundo externo. Pois, durante o aprisionamento há o “destreinamento”, o que os torna temporariamente incapazes, de enfrentar alguns aspectos de sua vida diária.

A perda de vínculos afetivos e até mesmo não ter com quem encontrar lá fora a aguardando faz com que a reeducanda não queira deixar a instituição ao cumprimento da sua pena. Para reeducanda Azurita:

Tem hora que dá vontade de ir embora, tem hora que dá vontade de ficar por aqui mesmo [...] Porque estou tão desgostosa da vida. Morava eu e o meu irmão com três dias que eu vim presa ele morreu. [...] Depois que meu irmão morreu e minha mãe faleceu ali. Eu não quero mais morar no Pávilon. Estou sem moradia. Minha moradia agora é aqui.

Na fala da reeducanda percebe-se um sentimento de solidão. Azurita não tem filhos, sua mãe havia morrido algum tempo, e o irmão que era seu companheiro morreu antes dela ser presa.

Há também o sentimento do que o mundo lá fora reserva, por exemplo, a dificuldade de reinserir a sociedade.

A reeducanda Selenita desabafa:

a sociedade é muito preconceituosa, não dá oportunidades pra a gente, nem o próprio governo dá emprego pra gente.

O fato é que alguns editais de concursos públicos podem exigir a avaliação de vida pregressa, como também “avaliar a sua conduta social e moral no decorrer de sua vida visando aferir seu comportamento frente aos deveres e proibições imposto ao cargo público”¹⁵ como requisito essencial para aprovação do candidato. Apesar de ser possível a eliminação do candidato no concurso público, entretanto é assegurado o direito à ampla defesa como consta no art. 5º, inc. LV da Constituição Federal de 88: “aos litigantes, em processos judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes”

Nesse contexto, a importância de adoção de políticas que efetivamente reinsiram a reeducanda no convívio social e tendo por ferramenta a Lei de Execução Penal nº 7.210 criada em 11 de julho de 1984 que trata do direito do reeducando nas penitenciárias do Brasil e a sua reintegração a sociedade. Como consta no “Art. 10 – A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade”. Como consta no “Art. 10 – A assistência ao preso e ao internado é

¹⁵ <http://stj.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/8915761/recurso-ordinario-em-mandado-de-seguranca-rms-22089-ms-2006-0120894-3?ref=home>

dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade”

Mas, ao sair da prisão o indivíduo encontra dificuldades de se reinserir socialmente, no mundo do trabalho, há diversas barreiras entre elas o estigma até mesmo na própria família.

Para Ramalho (1983) “a prisão existiria para reeducar o infrator e deixá-lo apto a reintegrar-se à vida social ao fim de um período de segregação”(p.160)

No entanto, segundo Lemgruber (1999) a prisão jamais atingiu o objetivo de “ressocializar”, mas o objetivo que ela consegue realizar é o de punir.

A superlotação, as condições precárias das prisões, a falta de incentivo e cursos de qualificação profissional para orientá-los que ele possa de forma efetiva ser reintegrado à sociedade.

Ao se reintegrar à vida social e ao mundo do trabalho a reeducanda encontra barreiras:

A maioria da minha vida eu fiquei desempregada. Quando você é ex presidiária tem uma certa discriminação. Até conseguia só que quando eles pediam o atestado de bons antecedentes (Rubi)

Ao questioná-la se a empresa solicita o atestado de bons antecedentes Rubi diz:

Toda firma pede. Quando pede o atestado de bons antecedentes que sai a ficha criminal da M... eles mandam embora. Já arrumei serviço de trabalhar três dias eles descobrirem que eu sou ex presidiária e mandar embora no terceiro. Eles não gostam, tem medo. Pensa que a pessoa é perigosa. A discriminação, a oportunidade. Eles não gostam de dá oportunidade. São raros os empresários que dá pra ex presidiários. Tem o cara que tem coração e não importa o que a pessoa fez, mas têm outros que não gosta. Fala assim: se eu der oportunidade mais tarde ela me apunhala. Então eles preferem não dá oportunidade.

A ex-reeducanda ao tentar se inserir novamente no mercado de trabalho encontra resistência, desconfiança. Mas é através de um emprego que

possivelmente encontrará uma nova oportunidade de vida, assim, é necessário quebrar esse preconceito.

3.10 Reincidência

O índice de reincidência no Brasil é muito alto como demonstram alguns estudos. Para Marino (2002) “a reincidência criminal representa o fracasso do esforço social pela re-socialização dos infratores e a consolidação da sua exclusão.”(p.02)

Nas duas unidades prisionais constatou-se que realmente há um alto índice de reincidência como se observa no gráfico 7. Muitas delas não eram presas pela primeira vez. Ao questioná-las “é a primeira vez que você foi presa?”:

17 passagens de menor. Essa é a primeira de maior. (Pérola)

Não é a nona vez. (Rodonita)

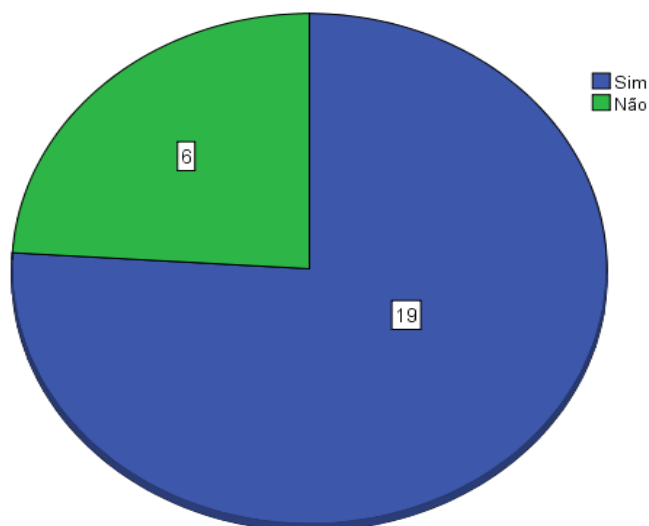
terceira vez. (Azurita)

Essa é a segunda vez. (Topázio, Bronzita)

Meus artigos são tudo tráfico. Minhas três cadeias são tudo tráfico.(Rubi)

Quarta com essa [...] a primeira foi com 157. (Galena)

Gráfico 7 - Entrevistadas reincidentes



Fonte: Pesquisa “Como vender balinha”: a presença das mulheres no tráfico de drogas.

Quando as reeducandas deixam a prisão e retornam ao convívio social, geralmente se envolvem novamente na criminalidade. O estigma de cometer novamente um novo delito acompanha a ex-reeducanda por toda a vida, assim acaba a empurrando novamente para a criminalidade. Ao encontrar preconceito na sociedade e até mesmo na própria família, isso impossibilita a sua reabilitação.

O termo estigma entre os gregos designava:

sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou de mau a cerca do estatuto moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou, fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (Goffman, 2004,p.05)

Entretanto, o conceito é mais amplo, considera o estigmatizado, além de possuidor de características físicas visível, mas também aquele cuja a identidade social inclui atributo que frustra as expectativas de normalidade.

Muitas das reeducandas justificam o retorno às atividades criminosas porque não conseguiram trabalho ao cumprirem suas penas. Porém há relatos que elas/eles reafirmam que continuarão envolvidas/os em atividades ilícitas:

Quando eu sair daqui os meus bebês¹⁶ estão me esperando lá fora pra gente continuar. (Angelita)

Pode gravar aí no seu gravador quando eu sair daqui eu vou voltar de novo [...] Minha família sabe que minha vida é essa quando eu sair eu vou continuar [...] minha vontade é entrar no PCC. Quando eu sair daqui eu vou pra São Paulo e fazer o meu batismo. (Ônix)

Eu também gostava do que eu fazia. Gosto! Se eu falar pra você que eu não gosto. Se eu falar pra você que vou sair daqui e mudar de vida eu estou mentindo. Eu vou voltar pro mesmo caminho. Eu gosto de ser assaltante, gosto de ter dinheiro fácil. (Pérola)

Nesse sentido, Misse (2010) considera a sujeição criminal:

é um processo de criminalização de sujeitos, e não de cursos de ação. Trata-se um sujeito que ‘carrega’ o crime em sua própria alma; não é alguém que comete crimes, mas que sempre cometerá crimes, um bandido, um sujeito perigoso, um sujeito irrecuperável, alguém que se pode desejar naturalmente que morra, que pode ser morto, que seja matável [...] Assim, o conceito de sujeito criminal engloba processo de rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social, especificamente ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio.(p.21-23)

O autor propõe três dimensões incorporadas na representação social do “bandido”. A primeira dimensão é a que seleciona um indivíduo a partir de sua trajetória criminal que o distingue dos demais indivíduos. A segunda dimensão seria a partir de suas experiências com outros criminosos, e até mesmo em

¹⁶ Bebês: nome carinhoso pra quem trabalha e faz entrega de drogas.

experiências em prisões. “A terceira dimensão diz a respeito à sua subjetividade e a uma dupla expectativa a respeito a sua autoidentidade” (p.24). Nessa o indivíduo explica porque segue nesse curso de ação criminal.

3.11 Trabalho prisional

O trabalho prisional surgiu no século XVI na Europa. Diversos países europeus utilizavam dessa estratégia como maneira de correção. Odete Oliveira (1984) cita em seu estudo o Sistema Aurburn que surgiu em 1821 em New York. Este sistema pretendia condicionar o preso pelo trabalho, disciplina e mutismo. Os presos eram isolados somente à noite e durante o dia trabalhavam, mas em silêncio absoluto porque o rompimento dele era motivo de castigo corporal. Com isso os presos passaram a se comunicar com as mãos. Para autora, “um dos grandes críticos do Sistema Aurburn foi o Coronel Manoel Montesinos Y Molina, precursor, na Espanha, de um tratamento penal humanitário” (p.43). O sistema espanhol de Montesinos criou uma forma de trabalho remunerado para o preso e com este sistema suprimiu os castigos corporais, humanizando a pena.

Para Lemgruber (1999), no Brasil “o trabalho prisional passa a ser considerado meio de gerar riqueza, diminuindo os custos operacionais do sistema penitenciário. Espera-se que sirva, também, para manter o preso ocupado, evitando o ócio, desviando-o da prática de atividades ilícitas” (p.135).

O que a gente planta aqui na horta é vendido. A administração diz que pra os custos do presídio. (Angelita)

De acordo com a direção praticamente 100% das reeducandas no Centro de Inserção Consuelo Nasser estão exercendo atividades educacional ou laboral. O trabalho é nas indústrias privadas localizadas no Complexo Prisional como também na própria unidade onde executam as atividades como: serviço manutenção do prédio na cozinha, limpeza, jardim, reciclagem de lixo e horta.

Segundo Drauzio Varella (1999):

Mente ociosa é moradia do demônio, a própria malandragem reconhece. Ao contrário do que se imagina, a maioria prefere cumprir pena trabalhando [...] Poderia, também, aprender um ofício e voltar para casa com alguma perspectiva. Solta-los mais pobres e ignorantes do que quando entraram não ajuda a reabilitá-los. (p.141)

. Do mesmo modo para Lembruber (1999) no período que fica preso, o recluso deveria aprender uma profissão, para que quando deixasse o presídio houvesse possibilidades de inserir no mercado de trabalho, diminuindo assim, a reincidência.

Já para Ramalho (1983), o trabalho na prisão pode dar acesso aos presos a chances de comunicação com extra-muro, principalmente, com os que exercem cargos burocráticos. As atividades mais ambiciosas, segundo o autor, são as burocráticas. Mas a administração precisa selecionar de acordo com o delito cometido, mesmo o preso sendo apto a exercer a função, pois se for considerado perigoso, está avaliação o exclui.

No Presídio de Trindade duas reeducandas não exerce trabalhos burocráticos diretamente com papéis, mas suas funções possibilitam a comunicação com extra-muro, isto é, comunicação com quem frequenta o

presídio. Por exemplo, a Reeducanda Cristal exerce atividade de recepcionista na unidade, recebe os materiais para artesanato e medicamento que as famílias levam para as reeducandas. Quanto a Reeducanda Dolomita que trabalha na cozinha que fica próximo a entrada da instituição, ela recepciona e orienta o visitante que chega na unidade seja para efetuar o pagamento¹⁷ da Cantina ou para falar na administração.

Muitas reeducandas, por exemplo, busca na atividade laborativa ou educacional como forma dos dias passarem mais rápido, e muito mais do que isso ajuda progredir a pena, com a renda adquirir artigos de higiene, sobretudo, ajudar seus familiares.

3.12 Trajetórias de vida e as marcas da violência

Muitas reeducandas chegaram a prisão trazendo na bagagem experiências de violência.

Nas análises das trajetórias de vida das reeducandas foi possível constatar em suas narrativas que elas foram vítimas de violência na infância, na adolescência e na fase adulta. Vítimas de violência: física, psicológica e sexual.

Ao solicitá-las para fazer uma narrativa sobre onde nasceram, onde cresceram e dizer o que vem a cabeça quando pensa na família. O ato de

¹⁷ No período de pesquisa de campo na instituição pude observar que a todo momento chega algum familiar, companheira/o, amigo/a para efetuar pagamento à cantina.

narrar e relembrar as reeducandas deixaram emergir suas emoções através de olhos entristecidos, vozes embargadas e olhos ludibriados.

Larimar ao relatar o período que morou na casa de sua tia com os olhos ludibriados diz que por volta dos 10 anos sofreu abuso sexual:

Tinha uns primos meus que eles mexiam comigo. Eu acho assim que um estupro é assim quando uma pessoa mexe com uma criança 7, 8, 5 anos vai lá e estupra, mas tem aquele estupro assim que eu acho assim que uma criança de até 10 anos não sabe o que que é um sexo ainda. Ai assim não é que eles me batiam, tampavam minha boca essas coisas, mas assim de uma forma eles me molestavam. O mais velho mexeu comigo umas duas vezes, agora o outro de 16, 17 era direto, mas assim não é que ele me obrigava, mas assim é que eu era uma criança, assim eu não sei explicar. Ai eu acho assim que quando eu tiver liberdade, quando eu sai sabe?..(Larimar)

Segundo Larimar, o motivo de ter ido morar com sua tia era porque sua mãe viajava constantemente para fazer “programas” em diversas cidades. Mas, quando estava na adolescência aos 14 anos sua mãe: “[...] nunca mais, depois que ela conheceu o pai do meu irmão ai ela nunca mais não fez programa”. Larimar voltou a morar com sua mãe. Embora por muito pouco tempo, pois logo engravidou e foi morar com o namorado. Conviveram juntos por oito anos.

Outro relato permeado de lágrimas:

Não tive uma infância muito boa, foi muito turbulada a minha infância. Assim porque a minha família desestruturou por causa de uma irmã minha que foi a causa da separação dos meus pais ai quando eles se separaram ai acho que assim eu fui a mais atingida porque meu pai pra mim era tudo era um espelho, aconteceu uma cena entre ele e minha irmã ai minha mãe separou dele, ai dessa época pra cá... Minha irmã transava com ele porque queria mesmo [;;;] eu não lembro quantos anos ela tinha. Eu tinha seis anos [...] ai com nove anos minha mãe me mandou pro meu pai ai eu fiquei um tempo com ele ai depois eu fui ficar com uma tia minha aqui em Trindade. Acho que mais ou menos um ano também, ai eu fiquei louca pra voltar pra casa da minha mãe ai foi quando a minha tia me levou ai eu já tinha nove anos, ai chegou em Firminópolis e não encontrou o endereço da minha mãe, me deixou na casa da minha irmã, e essa irmã minha

tinha casado, ela era mais velha do que eu, mas tem uma mais velha do que ela, aí eu morei com ela um certo tempo estudava aí foi quando ela mesmo a minha irmã ela abusou de mim sexualmente com nove anos ela foi em mim também com nove anos. Aí eu falava pra minha mãe que eu queria ir embora aí minha mãe não me aceitava na casa dela e não acreditava em mim. (Diamante)

Diamante admirava o seu pai o considerava como um espelho. Mesmo, o seu pai ter abusado sexualmente da sua irmã, ainda assim, via que a culpa não era dele e sim da irmã. Provavelmente em decorrência da sua admiração pelo o pai e por ter apenas seis anos não saber da conotação moral da atividade sexual, não conseguia reconhecer que sua irmã foi vítima de violência sexual. Diante do ideal de que a criança deve amar seus pais e esbarra na realidade de atos violentos gera um sentimento de ambiguidade. Assim, ela acaba culpando sua irmã pela violência sofrida e não a percebendo como a vítima da violência praticada: “Minha irmã transava com ele porque queria mesmo”.

Durante momento de revelação pode configurar um trauma adicional para a criança, pois terá que lidar com a desconfiança, com a dúvida de quem ouvirá sua história. Ao relatar que sua irmã também a abusava, sua mãe não acredita, nega os indícios e se recusa a aceitar que a irmã a abusava sexualmente. Diante disso não encontra amparo em quem teria o papel de protegê-la. Assim Diamante ficou numa situação de vulnerabilidade. Aos doze anos foi morar num prostíbulo.

Minha mãe não gostava muito de mim acho que não gosta não, é diferente o tratamento aí com doze anos eu sai da casa dela da casa da minha irmã aí eu fui pra casa da minha mãe sem ela querer mesmo, aí com doze anos eu sai da casa dela da minha mãe [...] Aí fui morar num prostíbulo, eu fui me prostituir [...] Eu não tinha quem me acolher na época, se fosse hoje na cabeça que eu tenho eu nunca teria feito isso. Eu fiquei me prostituindo por um tempo [...] Minha mãe nunca me aceitou em casa, eu vivi no mundo da prostituição ate os meus 21 anos

Nas duas narrativas pode-se observar a posição de poder do agressor
(a) num estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a vítima

tem intenção de estimulá-la sexualmente e são impostas à criança ou adolescente por meio de violência física ou psicológica ou por meio de ameaças e chantagens. Assim, a violência familiar manifesta-se pela transgressão do poder do adulto sobre a criança ou adolescente tornando-a como objetos, e não um ser humano em formação e descoberta.

Para Guerra (1995) a violência doméstica contra a criança e adolescente representa:

Todo ato ou omissão, praticados por pais, parentes ou responsáveis, contra crianças e adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica, de um lado, uma transgressão do poder/ dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (p.16)

Ao questioná-la se presenciaram algum tipo de violência em casa, há relatos de violência doméstica praticada por companheiros e ex-companheiros. Como relata Topázio:

Ele começou a envolver com drogas quando eu casei com ele. Num certo tempo ele batia muito em mim, bateu demais da conta! Aí foi e não aguentei e separei. Só que com a separação ele tirou tudo de mim. Até a roupa no dia que eu fui pegar minhas coisas lá, até o chinelo que estava no pé, ele tomou.

De acordo com a Lei Maria da Penha – Lei nº 11340 violência doméstica caracteriza:

Art. 5º Para os efeitos desta lei, configura violência doméstica contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

A violência doméstica contra a mulher ocorre devido a uma relação de poder e controles masculinos. Atinge as mulheres, independente da classe social, idade, cor e religião.

As reeducandas Azurita e Galena relatam a violência doméstica que sofreram por seus ex-companheiros:

[...] ele veio me bater. Tenho sinal até na minha perna até hoje [...] Porque lá a gente soca arroz no pilão e meu braço estava doendo de tanto socar arroz e aí eu chamei ele: Tonho você podia ajudar socar esse arroz. Pra que eu fiz isso, esse homem virou uma arara: já na basta eu passar o dia no campo capinando e não sei o quê e tacou uma penholada na minha perna assim que ficou. (Azurita)

[...] Nós brigava demais. Muito ignorante. Era uma pessoa muito ciumento. Não gostava que eu visitava a minha mãe, eu tinha que ficar só em casa cuidando de filhos. Chegava estava emburrado. Já me bateu demais [...] Uma vez denunciei. Eu vivia mais com olho roxo. (Galena)

Eu separei dos pais deles porque ele me batia muito. Ele é machista mesmo, violento, da natureza dele [...] Porque eu apanhei muito eu tenho nariz quebrado, uma costela quebrada, esses olhos meus só andava roxo de murro. Depois que minha mãe morreu eu desgostei de tudo e peguei meus filhos e vim embora pra Goiânia. Deixei ele pra lá. (Hematita)

Em suas narrativas relataram que presenciaram violência doméstica na família como nas falas das reeducandas:

Do meu pai com a minha madrasta brigam entre eles mesmo. Já aconteceu do meu pai bater nela, não era sempre. Já aconteceu

devido brigas de casais. Sempre a mulher avança, então infelizmente leva umas aboroadas. Mas, não dele bater, bater mesmo. (Safira)

Brigava de vez em quando meus pais. Já chegou agredir minha mãe. Mas, quando a gente era pequeno, porque agora a gente cresceu ele não faz isso mais. (Jade)

Na visão de Safira sua madrasta sofria violência porque ela quem avançava. Assim, não a reconhecendo como vítima da violência doméstica. Enquanto para Jade após crescerem seu pai já não violentava sua mãe, porque agora crescidos há como eles intervirem e defender sua mãe.

Por conseguinte, foi possível observar em suas narrativas que as reeducandas localizaram em suas experiências de vitimização, sobretudo na infância, adolescência até chegar à vida adulta. Violências praticadas por familiares, responsáveis e companheiros.

CAPÍTULO 4

4.1 Experiências de vida: da infância ao primeiro contato com as drogas

Ao analisar o perfil e a trajetória das mulheres presas por tráfico de drogas constata-se que grande parte delas provem de uma condição social vulnerável, com a infância marcada pela violência.

Pérola desde a sua concepção é uma vítima da violência, sua mãe biológica foi estuprada aos 14 anos, isto é, sofreu violência sexual. Segundo Organização das Nações Unidas – ONU “a violência contra as mulheres assume muitas formas – física, sexual, psicológica e econômica. Essas formas de violência se inter-relacionam e afetam as mulheres desde antes do nascimento até a velhice.[...] A violência contra as mulheres prejudica as famílias e comunidades de todas as gerações e reforça outros tipos de violência predominantes na sociedade. Um dado alarmante da ONU é que uma a cada cinco mulheres será vítima de estupro no decorrer da sua vida. A violência sexual atinge as mulheres independente de idade, cor, status econômico, nacionalidade. Causando danos e traumas irreversíveis nas mulheres.

Sem condições de criá-la a mãe de Pérola doou pra outra família em São Paulo, onde Pérola morou até os oito anos:

eu voltei morar com a minha mãe de novo aqui em Goiânia com oito anos, aí por eu não chamar ela de mãe. Um dia eu chamei pelo o nome no meio das amigas dela nem sei o que eu ia falar, as amigas dela tudo bêbada, porque ela é cachaceira. Elas falou assim: você tem que ensinar essa filha sua te chamar de mãe, te respeitar. Aí foi minha mãe me deu um tapa na cara. Quando ela me deu um tapa na cara, na mesma hora sai de casa com oito anos sai de casa e nunca mais voltei pra casa.

Mais tarde ao tentar tê-la novamente sua mãe biológica após batê-la a perdeu, mas dessa vez para as ruas:

Fui pra São Paulo em busca da minha mãe, mas não consegui encontrar [...] peguei uma carona de caminhão fiquei perdida nas ruas [...] pedi uma carona, pedi um favor que se ele fizesse um favor que

eu faria um favor pra ele também. Fui pra ruas de São Paulo, logo fui me prostituir roubar, usar drogas.

Ao referir “o favor” à entrevistada quis dizer trocaria a carona por “favor sexual”. Pérola ao chegar a São Paulo e perambular pelas ruas foi fazendo amizades, se enturmado com outros garotos moradores de rua e com eles aprendendo a roubar, e assim virou assaltante.

Fui aprendendo a roubar, nisso que eu virei assaltante. Usava drogava, mas só fumava maconha e cheirava cocaína, pedra não! Usava maconha e cocaína pra tirar o sono, porque nas ruas não é bom ficar dormindo o povo judia muito da gente.

Nessa fala nota-se a vulnerabilidade e situação de riscos dos moradores de rua como: violência e drogas. Sem dúvida ao estarem na rua estão mais expostos aos riscos. Desde agosto 2012 a dezembro 2013 Goiânia tem vivido uma onda de violência contra os moradores de rua registrando até essa data 41 assassinatos. A polícia justifica que grande parte dessas mortes está relacionada ao envolvimento com drogas. No entanto, não aprofunda as investigações para averiguar se, de fato a motivação foi por envolvimento com drogas, se esses crimes estão relacionados a dívidas de usuários de drogas com os traficantes. Provavelmente a falta de investigação mais aprofundada para apurar as reais intenções se dê por falta de efetivo policial e de estrutura. Outra hipótese para a causa da onda desses assassinatos seria a existência de um grupo de extermínio. No entanto, o Delegado Adriano Costa da Delegacia Estadual de Investigação de Homicídios¹⁸ descarta isso porque na maioria dos assassinatos foram utilizadas armas brancas, caso houvesse um grupo de extermínio utilizariam arma de fogo. O Delegado afirma: “esse fato de morrer tanto morador de rua é porque a situação deles é de maior vulnerabilidade. Eles estão desprotegidos e por usar droga estão mais propensos ainda a esses crimes”¹⁹. Isto é, provavelmente em decorrência de conflito entre eles.

¹⁸ Disponível: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2013/12/06/em-um-ano-41-moradores-de-rua-sao-assassinados-em-goiania.htm>. Acesso em 11 de julho de 2014.

¹⁹ <http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/12/dois-moradores-de-rua-sao-encontrados-mortos-em-goiania.html> Acesso em 11 de julho de 2014

Pérola relata os motivos dos conflitos que vivenciou no período que morou nas ruas de São Paulo:

Dá atrito, já vi gente morrer. Dá atrito mais sobre drogas. Eu já vi gente morrendo que usa crack, por causa de um pega*, por causa que um negou um peguinha pra ele e ele foi lá e meteu a faca no cara.

Muitos moradores de ruas constantemente andam armados com facas para se protegerem, não utilizam a arma de fogo porque acabam trocando por drogas:

Arma pra rua é só faca, porque a arma de fogo eles fumam a arma. Pega pedra na rua, menino de rua joga pedra e faz tudo. (Pérola)

Outro relato sobre a experiência na infância apresenta as condições precárias de moradia:

A minha mãe é de Minas Gerais, meu pai é baiano, eu nasci aqui em Goiânia ali perto da nova rodoviária ali no Ferroviário, cresci naquela favela lá, morei lá ate meus três anos de idade, três anos de idade a nossa casa caiu porque a gente morava a beira do bosteiro lá do córrego botafogo, nossa casa caiu e nós teve que mudar de lá e minha mãe veio e mudou pra Trindade a minha começou a tocar uma zona no cabaré e com nós de menor lá, e o juizado de menor atentando demais, demais. Morreu uma irmã minha de acidente de Scania na morte da minha irmã a minha mãe pegou o dinheiro da indenização e comprou um lote que é onde nós mora hoje e começou a construir com o dinheiro do cabaré [...]O juizado ficou incomodando demais ai minha mãe foi lá e largou o cabaré, nos fez uma casinha básica lá, a chuva veio e derrubou o telhado, ai ela ficou uns dois meses lá de novo pra poder erguer novamente o telhado. (Dolomita)

Dolomita relata sua condição de vulnerabilidade que sua mãe montou uma casa de prostituição em sua residência. Além de ter vivido em condições socioeconômicas desfavoráveis, sua infância foi marcada pela perda da irmã num acidente de caminhão, como também a experiências desestruturantes de

conviver diariamente num ambiente de prostituição. Apesar de garantir que só convivia, porque quem tomava conta era sua mãe. Ao dizer que o “juizado incomodava” era pelo o fato de ela e seus irmãos eram menores e não poderiam permanecer naquela situação.

Assim como Dolomita, Pérola na fase da adolescência morou numa casa de prostituição:

[...] fui viver sozinha aí eu conheci a dona da boate sentada lá na Praça eu já tinha 14 anos um corpão. A dona da boate passou e falou assim: oi! Eu: oi! Ela: parece que você está com fome? Realmente eu estava com fome. Eu falei: tô a senhora vai comprar um salgado pra mim? Ela: vou entra aí no carro. Eu já sou meia ligeira nesse ponto, não vou entrar não. Aí eu falei: me dá 2,00 reais que eu compro. Ela falou: não você vai comprar droga. Eu falei: vai indo que eu vou lá. Eu toda suja, e pensei não é possível que essa mulher vai sentar comigo na mesa. Mas, ela falou: você pode comer o que você quiser. Nossa eu comi tanta coisa! [...] Ela perguntou se eu morava na rua e não tinha família. Eu falei moro e não tenho família. Ela perguntou porque eu não saía da rua? Eu disse: que não tinha pra onde ir. Ela falou: sou dona de boate e eu estou precisando de alguém pra me ajudar na cozinha, fazer comida pra as meninas pra me ajudar, você quer morar mais eu? Eu disse: quero [...] realmente era pra cozinha. Mas, ela falou se eu quisesse me arrumar e passear lá fora eu podia. Mas, se visse polícia você corre porque eu era de menor e não podia fazer programa [...] Um dia o cara passou lá que vendendo roupa ela me chamou. Aí o homem foi interessou em mim. Ele falou pra ela que qualquer dia ia voltar e fazer um programa com essa morena aí. Ela riu e nem falou que sim e nem que não [...] Um dia estava sem sono. E falei: hoje eu quero cheirar uma cocaína eu vou ter que subir lá no salão pra ver se eu consigo. Me arrumei e tomei um banho e fiz a maquiagem. Eu já tinha um corpinho. Subi e estava cheio de cliente. Na hora que eu subi e estava cheio de cliente e me viu assim e falou: essa é nova no pedaço? Carne nova no pedaço? Ela falou: essa é minha Goianinha ela não é garota de programa não. Os cara: chama ela pra beber aqui e tal, se ela vim você vai ganhar mais. Foi nisso que eu entrei no ramo, fui beber, logo já fui fazer programa. Eu tinha 14 anos, mas não era virgem, eu tinha perdido na carona com o caminhoneiro e depois nas ruas. (Pérola)

No entanto, diferentemente de Dolomita, Pérola por estar morando num ambiente de prostituição aos 14 anos começou a se prostituir. Mas, após a polícia ir ao local por conta de uma denúncia que havia menores na casa de prostituição:

A polícia chegou lá eu tive que sair. Eu fui esconder mas mesmo assim eles falou pra dona da boate: a gente sabe que você está com uma de menor aí, a gente recebeu a denúncia, a gente não quer prejudicar a senhora. Se amanhã nós voltar e ela tiver aqui a boate da senhora vai ser fechada e a senhora vai ser presa. Moço! A mulher pôs eu pra ir embora na hora [...] Não me deu nada, só a roupa do corpo e as roupas que ela tinha comprado, deu meus cremes e ainda me deu um pedaço assim de maconha. Desejou boa sorte e tal, mas não me deu dinheiro pra nada.

Pérola deixou a casa de prostituição e sem ter pra onde ir vai novamente para as ruas onde conheceu seu primeiro companheiro e deixou de fazer programas para retornar aos assaltos. Pois desde os oito anos quando havia fugido de casa e foi morar nas ruas de São Paulo praticava pequenos assaltos:

[...] eu falei pra ele: você é assaltante? Ele: eu sou. Eu falei: também sou. Então vamos montar uma dupla quero ver se você é isso mesmo.

Da mesma forma que fosse construir um empreendimento legal em sociedade, eles se juntaram para a prática de atividades criminosas. Não apresentando nenhum tipo de reação reprovadora sobre tais atitudes criminalizadas. Na verdade, essa percepção ajuda a compreender que algumas entrevistadas constroem um tipo de moralidade diferente daquela hegemonicamente compartilhada pela ordem social.

Outro relato marcado pela experiência com a prostituição é Larimar. No entanto, ela ingressou na prostituição na fase adulta aos 22 anos por influência de sua mãe:

[...] eu tenho a experiência de quando eu tinha uma vida fácil como garota de programa, envolvida com drogas. Eu sempre ganhei dinheiro fácil fazendo programas, comprando pra fumar [...] não eu

nunca tive apoio, a minha mãe mesmo às vezes chegava em mim falava assim ‘eu vi fulano de tal falou que tal cidade tá bom pra ganhar dinheiro’, vamos dizer assim praticamente falava “vai pra lá fazer programa’ (Larimar)

Larimar antes de ingressar a prostituição sua breve infância foi marcada pela violência sexual. Como relatado anteriormente sofreu abuso sexual na casa de sua tia pelos os primos aos 9 anos. Larimar conheceu seu atual companheiro quando fazia programa aos 29 anos. Relata que ele a resgatou do mundo das drogas e prostituição: “Ele assim é tudo, foi o único homem que entrou na minha vida que é direito, que é honesto, que assim me pegou lá nas drogas, na prostituição, e assim eu contei um pouco da minha vida pra ele”.

Calcita relata sua infância marcada por dificuldades financeiras, privações:

Minha infância foi difícil. Nós só recebia 120 por mês que era só o salário escola. Só vivia do salário escola. Parei de estudar porque é difícil ou você escolhe trabalhar ou estudar. Escolhi trabalhar. Só que eu ficava trabalhando na casa da minha prima fazendo escova e cabelo esses trem. Aí você tem que escolher ou você passa fome estudando ou você trabalha. Minha mãe não podia trabalhar porque ela estava com problemas de saúde e foi difícil aposentar. Vai fazer uns cinco anos que ela é aposentada. Isso nós já sofreu muito antes dela aposentar.

Calcita optou por trabalhar ao invés de estudar. Embora, o trabalho infantil seja considerado ilegal no Brasil, a realidade é outra muitas crianças e adolescentes trabalham informalmente tendo que aceitar subempregos. Geralmente o trabalho infantil está relacionado a pobreza familiar. A necessidade de contribuir financeiramente com a família expõe esse os adolescentes a esta situação.

Turmalina evadiu de casa porque queria ir às festas, mas sua mãe não permitia porque era muito nova. Assim, após os conflitos familiares em decorrência da superproteção da mãe e da busca de liberdade, porque entendia que sua vontade não estava sendo respeitada. Decidiu então aos 10 anos vir para Goiânia:

Com 10 anos eu fugi de casa. E aí minha mãe morava no Tocantins e minha avó já morava aqui em Goiânia [...] Peguei carona na estrada [...] assim que, parece que eu já era pra ser a ovelha negra da família e aí muito cedo, eu sou filha única de mulher né e minha mãe era muito exigente assim. E não deixava eu ir pras festas, que toda vida eu gostei. Aí eu achava que aqui com minha avó seria mais fácil pra mim festar e vagabundar.

É oportuno ressaltar, que através de seus relatos e histórias essas quatro mulheres demonstram que suas vidas foram marcadas pela violência e pelo desamparo. Ambas apresentam baixo grau de escolaridade, com escassos recursos econômicos, e são marcadas por conflitos familiares.

Em contrapartida, a falta de recursos econômicos e os conflitos familiares não conduzem necessariamente as mulheres à criminalidade como demonstram os relatos:

Minha infância foi boa, eu nem precisava disso não, de fazer o que eu fiz não, quando eu queria uma coisa minha mãe tava disposta a me dar as coisas tudo que tava no alcance dela, nunca deixou faltar nada pra mim e pra minha irmã, isso aí eu não posso reclamar dela (Sugilita, 23 anos)

Eu fui criada em berço de ouro. Minha avó evangélica, meu pai também, a família parte de mãe também. Super normal. (Ágata)

Minha nunca me deu esse exemplo minha mãe toda vida trabalhou e nunca deixou faltar. Me ensinou na linha certa, eu segui o caminho errado. (Amazonita)

hoje eu estou aqui não é dizer que passei precisão, porque a mamãe toda vida foi aposentada. Minha mãe todo ano trocava nossas bicicletas e todo tipo de presente nós queríamos a mamãe dava (Topázio)

Embora, a maior parte das mulheres que chega ao sistema prisional possua uma história prévia de maus-tratos ou abuso de drogas (próprio ou de familiares próximos). Isso não significa que tais experiências possam ser

consideradas diretamente responsáveis pela sua inserção em atividades desviantes. Até porque a maioria das mulheres que são vítimas de agressão, dependentes de álcool e outras drogas não estão no sistema prisional. (Soares, Ilgenfritz, 2002, p.126)

4.1.1 As drogas

Drogas têm um sentido amplo. No dia a dia quando quer referir-se a alguma coisa negativa utiliza-se a interjeição: droga! No entanto, segundo Tiburi e Dias (2013), “a origem das drogas é a especiaria, o alimento incomum, e especial vindo de longe, das terras distantes. É o tempero e, daí também o gosto” (p.56). Nesse sentido, para as autoras é como que cozinha usando temperos exóticos em busca de gostos incomuns. Para Ruggiero (2008), “os conceitos de ‘drogas’ e ‘dependência de drogas’ são construídos por definições socialmente institucionalizadas”(p.81). Entretanto, para o autor, o conceito de droga não pode obter status científico, porque se baseia na avaliação política e moral. Nesse contexto, a palavra droga traz consigo a noção de proibição, faz alusão que se deve manter distância. Ruggiero considera droga como senha por ser avaliativo e implicar em proibição. Contudo, a condenação de certas drogas deriva de uma perspectiva puramente moralizante.

Para autoras Tiburi e Dias (2008) o proibicionismo refere-se:

A corrente política que situa as drogas como responsáveis pelas grandes mazelas e pelos sucessivos atrasos sociais, transformando-as, enquanto agentes de destruição, no grande obstáculo a ser combatido. Acredita-se, por essa corrente, que é possível acabar com o montante de substâncias psicoativas no mundo e se atingir uma “sociedade livre das drogas. (p.272)

As drogas historicamente foram utilizadas por diversas culturas com fins religiosos, medicinais, busca de prazer entre outros. Pode-se dizer que o consumo de drogas sempre existiu desde épocas mais antigas.

São consideradas drogas lícitas aquelas legalizadas, produzidas e comercializadas livremente e que são aceitas socialmente, por exemplo, o cigarro e o álcool. Há aquelas de origem farmacológica: remédios para reduzir a ansiedade, induzir o sono, medicamentos para inibir o apetite e os anabolizantes.

Enquanto drogas ilícitas são aquelas que são proibidas de serem produzidas, comercializadas e consumidas, comercializadas no Brasil. Embora, dependendo da cultura de alguns países determinadas drogas são permitidas. Dentre as drogas ilícitas: cocaína, heroína, maconha, ecstasy, crack, oxi, merla LSD entre outras.

Segundo as reeducandas primeiro contato com as drogas ilícitas se deu de diversas maneiras como observa-se nas falas:

[...] Chegando em São Paulo conheci uns meninos me levaram lá pra um tal de “Cracolândia”. Meu Deus! Quando eu cheguei lá eu entrei em Pânico aquele tanto de gente com cachimbo na mão, doidos pra mim fumar [...] nunca tinha fumado, nunca fumei porque meu irmão é traficante. Então minha mãe biológica era traficante eu via como era, porque eu morei com ela com oito anos. Eu vi como era o movimento [...] toda hora tinha um “noiado” dentro de casa, eu sabia como era o crack [...] Nós vamos te levar pro um lugar que você vai gostar lá tem drogas adoidado. Porque eu já cheirava o pó e não ficava sem maconha. Eu já tinha nove anos já tinha virado a cabeça toda. Aí entrei em desespero e não quis ficar lá e fui viver sozinha. (Pérola)

Meu primeiro contato foi com 12 anos. Uma velha de 70 anos eu tinha 12 anos. Isso foi no Sul de Minas Baependi perto de Caxambu. Onde tem uma igreja, cidade pré-histórica, uma tal de Nhá Chica [...] Ela era dona de barzinho. Eu vi as meninas tudo alegre eu falei: nossa não sei como vocês têm essa alegria, eu não vejo o motivo dessa alegria. Aí quando foi um dia a Dona I... falou: vou levar você pra vê alegria com nós. Ela me deu um cigarro quase o tamanho dessa folha. O trem que fedia que só! Isso que é alegria de vocês esse trem fedido. Ela: fuma pra você vê. (Azurita)

Comecei a usar drogas [...] maconha lá em Anicuns com 10 anos com os colegas da escola. (Ágata)

No que diz a respeito qual a primeira droga ilícita a ser consumida pelas reeducandas grande parte disseram ser a maconha:

Cigarro de maconha, eu fumava mais ele. (Turmalina)

Com meus amigos. Eu frequentava muitos lugares escondidos da minha mãe. Aí passando o tempo eu fui aprendendo a usar maconha com 12 anos. (Pirita, 20 anos)

Tinha uns 14 anos. Ninguém me ofereceu. Eu vi fumando um colega meu. Domingo ele descendo pra feira e estava com minha amiga descendo pra feira [...] eles estão fumando maconha. Eu fiquei nessa curiosidade. Cheguei lá na praça e fiquei na curiosidade. (Sugilita)

fui usuária de maconha e tinha 15 anos quando experimentei [...] meus amigos todos fumavam e eu não. Falava que eu era careta, eu comecei a fumar mesmo mais pra poder não ser careta ser igual a eles (Esmeralda)

Sobre o contato com outros tipos de drogas ilícitas relataram:

Usei todas. Essa tal de pedra que acabou com a minha vida [...] comecei a usar maconha e engatei nessa pedra. (Azurita)

Todas. Uso ainda. (Rodonita)

a maconha, merla e crack. Por dia se deixava eu usava até 50, 100 g o que colocava eu fumava.” (Amazonita)

Já usei cocaína. (Ametista)

a cocaína. Já experimentei a maconha (Safira)

Cigarro de maconha, eu fumava mais ele, aí eu comecei a fumar o crack, também junto com ele. Do nada, eu aprendi a fumar junto com ele. (Turmalina)

Eu uso maconha até hoje. Eu já cheirei pó, fumei crack. Ninguém eu vi lá Aldeia e peguei. Eles tinham um monte de caixotinho cheinho

assim. Eu vi eles fumando e fumei [...]o crack e o pó. Mas, aí eu consegui parar. (Bronzita)

Com 16 anos, aí eu cheirava muita cocaína, dei dois começos de overdose [...] Maconha, primeiro foi a maconha né aí depois eu passei pra cocaína, aí eu cheirei cocaína muito tempo até me dá esse problema aí me deu distúrbio e comecei a tomar remédio controlado aí sumi no mundo fiquei muito tempo no Mato Grosso me prostituindo em Cuiabá aí lá eu deixei as drogas e vicei no álcool no dia que eu não bebia.... (Diamante)

O primeiro contato com a ‘droga’ ocorre geralmente na adolescência. Por ser uma fase marcada por muitas mudanças: físicas e psicológicas. Surge a vontade de experimentar o novo, a curiosidade. A curiosidade natural dos adolescentes é um dos fatores que mais influência a experimentação de ‘drogas lícitas e ilícitas’ O adolescente vê as drogas lícitas e ilícitas como parte de interação social com os outros. Nessa fase, estão constantemente construindo e reconstruindo significados social do mundo a qual pertence. Assim, tentam descobrir onde se encaixam. No entanto, no caso da Diamante justificou que começou a usar drogas a partir de uma separação na qual o seu ex-companheiro leva embora o seu filho de 3 meses.

Mesmo comercializando drogas ilícitas quando estavam nas ruas, há reeducandas que asseguraram que nunca fizeram uso de drogas ilícitas. Somente após a prisão.

usei cocaína assim que eu cheguei na cadeia. Quando eu vendia eu nunca usei drogas. Nem beber, nunca fumei nada! Não gosto de cigarro [...] Na virada do ano eu vi as meninas cheirando e quis cheirar. (Ametista)

nunca usei nenhum tipo de drogas. Somente guardei uma droga na minha casa, mas nunca usei. (Cristal)

4.1.2 A inserção da mulher no tráfico de drogas

Segundo dados da Denarc²⁰ de 2013 no Brasil existem 35 mil mulheres presas. Sendo 60% dessas mulheres presas por tráfico de drogas. “Enquanto a população carcerária masculina aumenta em média 4% ao ano, população feminina aumenta 11%”. A média de idade dessas mulheres é 24 anos, ou seja, são jovens.

O comércio de drogas ilícitas tem evidenciado ser extremamente lucrativo e deixou de ser uma atividade exclusivamente masculina, pois a inserção progressiva das mulheres nessa atividade é cada vez maior, se tomarmos como indicador o número de aprisionamento de mulheres por envolvimento nessas práticas consideradas criminalizadas. Embora, provavelmente o aumento do aprisionamento tenha sido em decorrência da intensificação da repressão ao crime do tráfico de drogas.

A inserção das mulheres no mercado ilícito das drogas se dá de forma secundária a partir de suas relações afetivas como demonstram alguns estudos. No entanto, cada vez mais a mulher posiciona-se como agente de suas escolhas, agindo como protagonista, desempenhando funções de liderança seja em razão da vontade de obter renda, “dinheiro rápido” sem enfrentar longas jornadas de trabalho ou no caso de ser usuária adquirir droga para o seu consumo.

As tarefas exercidas pelas mulheres no tráfico se dão de diversas maneiras: transportando drogas (buscando ou entregando em outros estados), armazenando drogas em sua residência, trabalhando em laboratório de refino de drogas, fazendo entregas delivery e “donas da boca”. Ágata distribuía para 4 bocas e tinha aviãozinho espalhados por quatro regiões.

eram espalhados, cada setor tinha dois, três, quatro, porque não podia ficar todo mundo numa só região. Fornecia pra quatro. A gente buscava, fornecia pra as quatro e as quatro liberavam para outros meninos. (Ágata)

²⁰ Fonte: Dados obtidos diretamente de relatórios internos da DENARC

Ao analisar as narrativas das reeducandas de suas histórias e experiências apresentam que seguiram diferente/iguais caminhos até o envolvimento no tráfico de drogas.

Esmeralda relata como se deu seu envolvimento com as drogas que foi a partir de influência de amigos e percebia que os amigos usavam roupas de marcas e tinham dinheiro:

Na escola conheci muita gente diferente do meu mundo, conheci pessoas que usava drogas, vendia drogas, conheci muitas pessoas que eu nunca pensei que iria conhecer [...] eles viam que eu trabalhava e começaram a zombar de mim: 'trabalhar para! Nós não trabalha'. Eu via que eles não trabalhava e via que eles andava com roupa boa, eu via que eles tinham dinheiro para usufruir. (Esmeralda)

Diante disso, ao querer consumir roupas de marcas e ter o “dinheiro fácil” como é amplamente estimulada pela mídia a necessidade de consumir, “construir sua pessoa pelo que veste, pelo que tem, o que torna a pobreza ainda mais humilhante” (ZALUAR, 1994,p.113). Os jovens das classes mais baixas vão buscar no crime a forma mais rápida de comprar esses produtos.

Embora, outros fatores tenham levado Esmeralda a se envolver como diz:

Como eu era menor loguinho eles começaram a me chamar 'vamos fazer isso em tal lugar, você só vai com nós e só tem que levar uma sacolinha e tal' e eu comecei. Eu via minha família passando muita necessidade, cheguei a ver minha família passar fome, ver minha família ser despejada [...] Foi quando eu comecei com algumas amizades [...] Minha mãe percebeu que as amizades estavam me levando pra o mau caminho, estava sendo influenciada porque comecei a chegar com dinheiro em casa e saí do serviço.

Todavia, mesmo a família passando por dificuldades econômicas sua mãe ao perceber o ganho desse dinheiro sem explicação, mesmo Esmeralda justificando o que importava era ter o dinheiro e não interessava de onde vinha, sua mãe decidiu enviá-la para a casa de sua avó no interior por serem evangélicos e rígidos. Porém, anos mais tarde ao retornar a Goiânia:

Reencontrei algumas pessoas daquela época e estavam muito bem financeiramente muito bem! Me falaram você está nessa trabalhando, você não gosta não [...] Minha mãe adoeceu e tinha que colocar uma platina na coluna e SUS não cobria a cirurgia [...] então eu não pensei em duas fui fiz uma viagem consegui um dinheiro.

Diamante se envolveu na criminalidade aos 21 anos após conhecer seu ex-companheiro numa visita ao amigo a prisão. Depois dele cumprir a pena foram morar juntos. Ao praticaram um assalto cometeram um latrocínio. Diamante assume a responsabilidade do latrocínio:

Dentro da cadeia mesmo, ai você vai conhecendo pessoas do mundo do crime, você vai só se aprofundando eu entrei pro crime aos 21 anos ai eu comecei a pegar pequenas quantidades de drogas pra vender de crack [...] e eu comecei a usar ai eu vendia pra usar ate que eu falei nada eu só estou usando droga correndo risco de voltar pra cadeia. ai eu parei de fumar e comecei a vender, ai parei de fumar de uma vez parei, fiquei ate 2008 traficando. Só vendia crack nunca vendi outras coisas, ai em 2008 eu fui presa de novo por causa do latro, eu não estava pagando o semiaberto ai fui regredida ai eu puxei mais um anos e dois meses de fechado ai paguei mais outro semiaberto, ai foi quando eu sai, sai em 2009 da cadeia ai quando eu sai eu estava firme na igreja, crente mesmo. Mas ai começou as dificuldades os filhos né eu tinha meus netinhos também [...] Eu estava morando na rua já praticamente ai foi quando eu comecei a traficar mesmo buscar muita droga [...] Por dia eu ganhava fora o que eu tinha, assim o meu lucro era de R\$ 4 5 mil reais por dia (Diamante)

Ao questionar Diamante se algum ex-companheiro ou companheiro a influenciou comercializar drogas ela diz:

Não, senão eu já tinha virado bandida antes, mas depois disso na cadeia que você vira bandido.

Embora, Diamante admita que foi a partir do envolvimento com seu ex-companheiro que ingressou na criminalidade e cometeu o latrocínio, afirma que ele não a influenciou a traficar que foi a partir do período em que estava na prisão que obteve os contatos para ingressar nessa atividade.

Para Zaluar (1994) quase todas as mulheres envolvidas na criminalidade engrossam a chamada “cifra negra” ou taxa desconhecida de criminalidade:

[...] a razão disso é a incapacidade que as mulheres têm de participar de quadrilhas e assumir o crime como o meio de vida, colocando a arma na cintura e vestindo a identidade de criminosa. (p.74)

Em contrapartida, esse perfil tem mudado atualmente como declaram Ágata e Diamante:

como eu cresci na vida do crime, eu já vi muitas coisas, já me fizeram a fazer coisas que eu não queria, mas se eu não fizesse ou eu morria, então a gente vai aprendendo a fazer a maldade [...] Sempre andava armada, por isso que eu fui pega duas vezes [...] hoje em dia nada é difícil, qualquer lugar, qualquer esquina que você chegar aí com dinheiro “eu quero comprar um revolver, quero comprar drogas” é em tal lugar, vamos ali que eu vou te levar.(Ágata)

Eu tinha uma 380, tinha um 32 e tinha um 38 também e uma garrucha de dois canos que calçava bala de 38. Eu chegava e metia bala (Diamante)

Ágata ingressou no tráfico de drogas aos 15 anos depois que saiu da casa de sua mãe e foi morar com as amigas. Exercia um trabalho numa empresa formalmente como vendedora de roupas.

Eu sempre gostei de coisas boas e o dinheiro não estava dando. Então juntou nós três começou a vender drogas [...] eu via os caras vendendo e comprava e fumava com eles. Aí eu fui me envolvendo pouco a pouco. Logo um já me ofereceu pega isso aqui e vende e tal. Fui pegando e pegando, o dinheiro foi rendendo, foi rendendo.

Diamante já disputou território do tráfico em sua cidade, como também entrou em conflitos com outros traficantes como demonstra:

Já sim, teve guerra grande, tanto que a minha transferência pra cá foi por causa disso, na época da Operação Cidade Limpa caiu os traficantes de dentro da cadeia aí eles se viraram contra mim porque eu trabalhava sozinha e eles não, eles trabalhava de muito eles era

de cinquenta e eu era sozinha, eu fazia o serviço de cinquenta [...]De vez em quando você tinha que da uns pipoco né pra assustar, mas eu sempre fui assim tipo assim eu era muito...eu batia de frente com homem, com qualquer um, eu batia de frente.

Diamante por estar envolvida nessas atividades se considerava poderosa, ostentava:

É, eu achava no poder, sentava numa mesa do bar e juntava trinta amigos quarenta amigos e eu bancava tudo, gastava dois mil, três mil só de cerveja, ficava três quatro dia bebendo sem parar. Gastava com homem, gastava com amigo, gastava com tudo, estava nem ai (Diamante)

Ao perguntar Ágata que tipo de drogas ela comercializava quando iniciou nessas atividades consideradas desviantes:

Nós vendíamos de tudo. Vendia maconha, cocaína, crack. Mas, a gente vendia mais era o crack. Sempre é o mais vendido, mais procurado dá mais lucro, mais dinheiro. (Ágata)

Posteriormente conhece seu ex-companheiro com quem passa a conviver. Ele também era traficante, assim os dois se associam. Mas cada um toma conta de um tipo de venda de drogas:

Ele ficou com a maconha e eu fiquei com a cocaína. Ele ia pro um rumo e eu ia pra outro. A noite nós encontrávamos em casa.

Seu ex-companheiro foi perseguido na rua pela polícia que o seguiu e prendeu em casa, encontrando no local balança e drogas Ágata estava em casa no momento e também foi presa. Mas, seu ex-companheiro conseguiu deixar a prisão primeiro que ela. Ao perguntá-la se ainda estavam juntos e ele a visitava no presídio ela responde:

Não ele morreu [...] Foi 'pisada' o cara junta com a gente, faz um negócio desses e sai e acha que vai ficar por isso mesmo.

Ágata sugere que mandou matá-lo lá fora. Mais uma vez percebe-se nessa fala a mudança no comportamento das mulheres, que se tornam protagonistas da criminalidade violenta.

Rubi presa pela terceira vez pelo mesmo artigo o tráfico de drogas relata que começou a vender maconha e cocaína ainda criança aos 11 anos porque seu pai ganhava pouco e deixava a família passar necessidades:

[...] ele deixava nós passar muita necessidade. Eu comecei a traficar era menina com 11 anos. Conheci um traficante. Ele era de Pernambuco. Eu conversando com ele falando que as coisas era difícil lá em casa, ele perguntou se eu não queria vender? Ele foi e perguntou se eu não queria aprender? Eu falei: se ganha dinheiro eu quero. comecei a vender nas beira de rua. Vendia maconha e cocaína. Na época era só maconha e cocaína a. Agora que a droga se expandiu e tem tudo e qualquer qualidade. Mas, no tempo era só maconha e cocaína. (Rubi)

Esmeralda justifica que sua motivação para ingressar e permanecer no tráfico de drogas foi em decorrência de problemas de saúde na família e dificuldades financeiras:

Meus avós adoeceram [...] como eu já tinha os esquemas lá no Mato Grosso eu arrumei três pessoas que eu confiava e nós começamos a buscar lá embaixo (Estado do Mato Grosso) eu já tinha as pessoas que eu vendia aqui e procurei essas pessoas e perguntei se eu trouxesse elas queriam e todo mundo topou e quis [...]

Nesse sentido, segundo Crenshaw (2002) são impostas desproporcionalmente às mulheres muitas responsabilidades, e elas sofrem com as consequências criadas pela retração dos serviços que anteriormente eram cobertos pelo Estado. Bem como quando Estado falha em conceder “os recursos relativos aos cuidados com os jovens, doentes e idosos, as necessidades não supridas recaem, em grande parte, sobre os ombros das mulheres, a quem tradicionalmente atribuíram essas responsabilidades” (p.180). As mulheres economicamente desfavorecidas acabam tendo que carregar o peso de cuidar da família, como se observou na fala da Esmeralda.

Quando a família de Esmeralda enfrentava dificuldades financeiras todos recorriam a ela para pedir ajuda. Quando ela adquiria certa quantia de dinheiro a metade era pra ajudar os familiares:

A metade do dinheiro era pra mim e a outra metade era pra um e pra outro, para os meus primos, irmãos, avós, amigos, inclusive até o meu pai.

Mas, ao questioná-la se os familiares sabiam que ela estava envolvida em atividades ilícitas:

Eles desconfiavam, mas não tinham certeza que era do tráfico, porque eu mentia eu falava que estava namorando um cara que tinha muito dinheiro até pra não preocupar minha mãe e preocupar eles. Porque eu sabia se eles soubessem de onde viria o dinheiro eles não iam aceitar [...] Quando eu era mais nova e comecei aparecer com dinheiro em casa minha mãe fez o quê? Me tirou de Goiânia. Ela não era conivente, ela não falava assim: 'minha filha faz e não interessa de onde vem o dinheiro' ela sempre queria saber de onde vinha o dinheiro.

Esmeralda apresentava um dos seus parceiros como namorado, porque ele frequentava muito sua casa, e justificava que o dinheiro dele provinha de herança familiar e que ele fazia investimento em construção civil.

No entanto, Rubi ao justificar a mãe de onde provinha o dinheiro dizia:

meus pais vieram descobrir eu já estava com 16 anos, quando eu fiquei viúva do meu primeiro casamento. Casei com 14 anos e com 16 anos fiquei viúva. Eles não importava muito. Minha mãe falava: minha filha o que você está fazendo? Eu falava: mãe não importa não com o que eu estou fazendo não. O negócio que eu não vou passar fome nunca mais na minha vida. Comprava as coisas pra minha mãe. Minha mãe sabia que não estava fazendo a coisa certa. (Rubi)

Segundo Rubi seu primeiro companheiro só era usuário trabalhava formalmente numa frutaria. Nunca quis vender drogas na sua casa:

eu nunca escondi nada de ninguém não. Ele fumava. Era eu que vendia. Nunca vendi droga na minha casa. Minha casa era o meu sossego. Quem quer me encontrar me encontra na rua. Não levo ninguém na minha casa. Nunca fui presa dentro de casa.

Safira foi casada durante quatro anos, mas aos 19 anos ficou viúva, seu marido era assaltante. Ela sabia das atividades do marido, justificando “a gente não manda no coração”, mas o ameaçava, dizendo que iria separar caso ele continuasse envolvido nessas atividades ilícitas porque o “destino dele seria a cadeia ou a morte”. Mas, durante um período ele deixou as atividades ilícitas e passou a trabalhar como servente de pedreiro. Porém, não trabalhou durante muito tempo como pedreiro e retornou às atividades criminosas

Quando ele estava perto da morte eu avisava muito a eles seu destino vai ser cadeia ou a morte, um desses dois você pode ter certeza. Mas, tem aquela história você nunca espera a morte, você espera ir preso [...] ele morreu num assalto trocando tiro com a polícia.

O envolvimento de Safira em atividades ilícitas surgiu a partir da morte de seu primeiro companheiro. Mesmo ele sendo assaltante, ela afirma nunca ter se envolvido no crime.

Depois que ele morreu que eu comecei a me envolver. Aí eu comecei a usar drogas, comecei a farrear e beber. Transportar porque eu nunca vendi drogas, só transportava.

O fator econômico também foi o que impulsionou seu envolvimento:

Eu estava nesse mundo para esbanjar pra os meus filhos, comprar as coisas pra eles queriam roupa, calçados, mantimentos e tudo.

Safira ‘trabalhava’ no laboratório de refino de drogas. Seu ‘salário’ dependia do quantitativo de drogas que fazia e iria entregar “por semana dava 2 mil reais”. Segundo Safira, foi uma maneira fácil e rápida de ganhar dinheiro. Em 2009 ao visitar um amigo no presídio conheceu seu segundo companheiro que estava cumprindo pena por assalto. Em 2010, seu companheiro estava

foragido e ela e seu companheiro foram flagrados com drogas em uma abordagem policial, mas como Safira já tinha passagem por tráfico, assim a culpa recaiu sobre ela. Os dois são presos, mas Safira pegou uma pena maior. Durante o período em que estava presa ficou viúva pela segunda vez, o segundo companheiro foi morto também com troca de tiros com a polícia em assalto.

Contudo observou-se autonomia, isto é, o envolvimento com o tráfico de drogas a partir de suas escolhas. O mesmo se observa nas palavras de Ametista:

Eu já tinha um ano no serviço, eu peguei e conheci um motorista de caminhão que fazia carga e descarga. Aí ele pegou e me convidou. Perguntou se eu precisava ganhar um dinheiro [...] Ele vinha direto de Curitiba e ele fazia descarga de drogas aqui. Ele falou é simples só vou trazer e você vai entregar. Aí fui pegando, fazendo e entregando [...] cada peça que eu entregava era dois mil. Ele vinha de mês em mês trazia e eu entregava.

Segundo o relato da reeducanda Ametista o convite para seu envolvimento com atividades ilícitas surgiu porque ela era menor de idade, assim, ficava mais fácil, pois gerava poucas suspeitas. Entretanto, sua família não sabia do seu envolvimento nessas atividades ilícitas, ela justificava o dinheiro adicional dizendo que estava fazendo horas extras. Quando havia entrega de drogas ligava em sua casa: mãe hoje eu vou ficar pesando caminhão até mais tarde. Aí ela nem importava. Sempre eu fazia hora extra, no dizer né, eu falava que recebia mais por causa das horas extras. Sua mãe às vezes questionava de onde vinha o dinheiro se era proveniente de “coisas erradas”, mas Ametista justificava que não, e sim era fruto do seu trabalho. Porém como ninguém da família sabia de suas atividades ilícitas decidiu contar ao irmão:

Contei pro meu irmão e ele falou que iria me ajudar. Começou a me ajudar envolveu, envolveu e foi preso. Logo depois do tráfico de drogas ele começou a fazer assalto.

Casada durante sete anos seu marido só soube de suas atividades ilícitas após a separação, pois trabalhava prestando serviços em outras cidades, assim, não percebia o seu envolvimento nessas atividades. Ametista foi presa portando drogas, mesmo privada de liberdade foi pega novamente duas na prisão traficando drogas e condenada por tráfico.

Cristal considerada pela mídia a “rainha da maconha”. De acordo com a reportagem do dia 28/12/2012 foram encontrados em sua residência 120 kg da maconha. A maconha pertencia a um traficante que estava preso no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia.

Eu visitei um amigo lá na POG e ele pediu pra eu guardar. Eu guardei na terça-feira e na quinta-feira a polícia achou [...] Ele ia me dá 6 mil reais pra eu guardar. Alguém ia buscar a maconha [...] Eu conhecia ele da rua. Eu estava sem lugar pra colocar minha filha na creche aí ele perguntou se eu queria guardar que ele daria esse dinheiro.
(Cristal)

Apesar de Cristal dizer que guardava a maconha para o seu amigo, segundo a reportagem ele era seu namorado. Inclusive ela seria a terceira mulher presa por realizar esse tipo de trabalho para ele que comandava o tráfico de drogas mesmo estando no sistema prisional.

Cristal tinha um trabalho formal, trabalhava como telemarketing de uma grande empresa em Goiânia. Mas, diante da proposta de ganhar um dinheiro rápido optou por guardar em sua casa a maconha, mesmo considerando o risco de ser presa.

Ao indagar as reeducandas se consideravam o tráfico de drogas uma atividade errada. Ametista responde:

era porque dá cadeia, mas não considero não. Porque eu fazia um serviço que a pessoa me pagava e comprava, eu não roubava e nem nada [...] é ilegal porque todo mundo considera [...] é contra a saúde pública e o bicho pega.

Da mesma forma para Ágata e Angelita :

Eu achava normal. É, eu considerava como vender balinha. Se quisesse e tivesse dinheiro era na hora (Ágata)

Era como se eu vendesse pão-de-queijo. (Angelita)

Nesse sentido, como ressalta Becker, todos os grupos sociais elaboram regras que determinam posturas e tipos de comportamentos, determinando como “certos” e “errados”. Ao infringir essas regras socialmente estabelecidas o indivíduo é considerado um “outsider”. No entanto, Ametista tem uma imagem diferente de sua ação considerada pela sociedade como desviante. Assim, reagindo ao efeito negativo da “rotulação”. Isto é, Ametista consideram que comercializam um produto como pão-de-queijo. Desta maneira, considerando que sua atividade é desviante, porque ela foi presa por esse motivo. Assim, nas palavras de Becker (2008):

O desvio é criado pelas reações de pessoas a tipos particulares de comportamento, pela rotulação desse comportamento como desviante, devemos também ter em mente que as regras criadas mantidas por essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário, constituem objeto de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade (p.30)

Segundo Gilberto Velho (2003) o desviante faz uma “leitura divergente” do que é considerado desviante ou não. Como também nem sempre terá comportamento desviante, em certas situações terá o comportamento como qualquer cidadão normal. Ametista tinha um trabalho formal como secretária que não gerava suspeita até mesmo a sua família.

. Não obstante, Esmeralda considera seu envolvimento com o tráfico de drogas errado:

Considero muito errado. Porque querendo ou não a partir do momento que você está traficando a gente destrói muitas vidas porque as pessoas roubam pra comprar drogas, as pessoas matam comprar drogas, às vezes se submetem a fazer coisas até tirar a vida do ser humano por drogas, então isso pra mim é ilegal. Mas, quando não tem outra maneira de ganhar outro dinheiro rápido é fácil a gente acaba fazendo mesmo sabendo que não é legal.

Dessa forma, Esmeralda mesmo considerando a atividade errada, justifica o seu envolvimento como possibilidade de adquirir “dinheiro rápido e fácil”. De acordo com Zaluar:

O tráfico de drogas é apenas um dos meios atuais rápidos e eficazes para se chegar ao enriquecimento. O que se ganha nele não se compara com nenhum ganho salarial, seja do operário de construção civil, seja do professor, seja do empregado estatal, seja do gerente multinacional. Nem mesmo como muitas atividades produtivas ilícitas, controladas pelas legislações em vigor, e, às vezes pela política de controle de preços. Assim, hoje, o tráfico exerce atrativo para todos. (p.97)

Da mesma maneira, Safira, Rubi e Diamante também consideram a atividade errada:

Eu acho errado, droga é uma droga, ela destrói, destrói vidas, destrói famílias, destrói tudo, então ela é ilegal. Se ela fosse uma boa coisa o nome dela seria outro, seria uma coisa boa, mas não é. (Safira)

Ela é errada. Destrói muitas famílias, mas é o meio mais rápido de ganhar dinheiro. (Rubi)

As vezes assim tipo quando era uma amiga minha ou uma pessoa que eu gostava e que ia comprar droga de mim que eu via mendigando se humilhando por aquela droga ali o meu coração doía as vezes ate dava e chega chorava, mas assim não tinha consciência pra mim tudo estava bom [...] Mas, se eu pudesse montar uma ONG contra o tráfico. (Diamante)

Quanto o que teve de positivo durante o envolvimento nessas atividades consideradas ilícitas elas relataram e relacionaram o ganho do dinheiro. Porque trabalhando num emprego durante trinta dias não ganhariam a mesma quantidade:

Tem de positivo que no tempo que eu estava mexendo eu fui ajudar a minha família. Eu ajudei muitas pessoas. Então eu vejo isso como um lado positivo. (Esmeralda)

Bom que você ganha muito dinheiro. (Hematita)

Positivo é o dinheiro mais nada. (Rubi)

No entanto, quanto ao negativo relacionaram ao fato de estarem presas:

O lado negativo é onde eu estou hoje querendo ou não trouxe mais sofrimento a eles. Todos as vezes que eles veem aqui e me vê aqui eles sofrem. Eles sentem a minha falta. Eu hoje por mais que eu estou aqui e por mais que eu trabalhe em dois serviços pra poder ajudar eles também. Eu vejo que não é a mesma coisa. Eu vejo que a falta que eu faço não tem dinheiro que pague. Igual o meu menino chega aqui e fala: o mãe você não vai embora logo não. Eu não aguento mais dormir sozinho. Então assim quando ele fala isso pra mim geralmente corta o meu coração. Eu vejo que tudo que eu fiz foi tentando ajudar, mas infelizmente. (Esmeralda)

Ruim só vive assustada, correndo. Corre da polícia, corre dos bandidos mesmo. (Hematita)

Negativo é a cadeia. (Rubi)

Ao perguntar a elas se conseguiram juntar e guardar algum dinheiro durante esse períodos que estavam nessas atividades e como elas mesmas relatam ganhavam muito dinheiro

Já estava com dinheiro bom no banco e tinha falado pra ele: vai ser a última vez! Parece que o diabo só falou amém! Eu não andei mais 100 km a policia estava atrás de nós. Mas, deu o que tinha que dá. Eu paguei 38 mil pra advogado. Eu já comi quase 100 mil aqui dentro. Eu posso estar dura sem nenhum tostão. Mas, eu ainda tenho dinheiro que está guardado que dá pra montar. Mas, se eu tiver sem nada hoje a minha resposta pra a senhora seria a mesma. O Advogado cobrava 5 mil de mim cada vez que ia em Campo Grande. Vou montar alguma coisa pra mim cuidar das minhas filhas. Minhas moças são todas bonitas. Minha filha está fazendo faculdade a mais velha. (Topázio)

eu consegui comprar uma casa, chácara, carro. Mas, na cadeia você não pode falar que tem as coisas né. (Ametista)

Ao comparar com os homens, as mulheres conseguem adquirir alguns bens, guardar algum dinheiro desse período que estavam envolvidas nessas atividades consideradas ilícitas. Por exemplo nos relatos de Quartzzo e Opala:

Eu não tenho essa tendência de construir nada. Eu não acho justo eu conseguir uma casa com o dinheiro do tráfico. (Quartzzo)

eu não juntei porque fiz tudo errado, eu fiz errado. (Opala)

Enquanto as mulheres geralmente gastavam o dinheiro adquirido nessas atividades com a família, para ajudar a família em decorrência das dificuldades financeiras, os reeducandos relataram:

Às vezes você tá numa mesa e banca tudo, aí chamava 2 ou 3 e falava que eu ia pagar tudo. As vezes eu pegava um amigo meu e chamava umas meninas e ia para uma casa e bancava tudo. (Berilo, 34 anos)

Eu nunca dei valor a nada. Eu nunca dei valor ao dinheiro. (Ametrino, 35 anos)

Eu escolhia o melhor lugar, tipo o Real Privê. Eu ia num lugar e falava pra mim eu que ia escolher a melhor. Aqui em Goiânia a última vez eu gastei 4 mil reais. Por puro fascínio eu achava a mulher bonita e ela falava: quero tanto por hora. E eu: não quero nem saber quanto é, eu vou pitar lá dentro e vou fazer a festa. (Opala)

Assim, percebe-se enquanto as mulheres justificavam que gastavam o dinheiro com os filhos, com o bem-estar das famílias. Diferentemente os homens gastam em festas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

No decorrer das entrevistas ao relatarem suas histórias muitas mulheres deixaram vir à tona suas emoções, olhos embargados de lágrimas, semblantes de tristezas, especialmente quando a pergunta era: quando você pensa em sua família o que vem a cabeça? A emoção pela perda de familiares no período que estavam privadas de liberdade, a saudade dos filhos e da família. A pesquisa nos mostrou que são histórias que se entrelaçam em diferentes momentos e espaços sociais. São mulheres que vivenciariam diferentes caminhos e ao mesmo tempo iguais no envolvimento com drogas ilícitas.

São histórias marcadas de violência, privações. As mulheres envolvidas no tráfico de drogas ilícitas vêm de famílias pobres e buscam também acesso ao consumo, embora este desejo seja apenas um dos motivos de suas escolhas.

O problema ao qual dedicamos nesta pesquisa foi o aumento de mulheres envolvidas no tráfico de drogas. A hipótese inicial era que a inserção das mulheres no mercado ilícito das drogas se dá de forma secundária a partir de suas relações afetivas como demonstram alguns estudos. No entanto, cada vez mais a mulher posiciona-se como agente de suas escolhas, agindo como protagonista. A reformulação da hipótese permitiu avançar na pesquisa.

Apesar de outros fatores contribuírem para a motivação do seu envolvimento com o tráfico de drogas, por exemplo, Esmeralda e Rubi justificam seu envolvimento por dificuldades financeiras e pela necessidade de sustentar a família. Safira considera que seu envolvimento foi porque ficou viúva e também foi uma maneira de ganhar dinheiro fácil e rápido e, ao ser questionada se algum amigo a influenciou, ela afirma que não. Contudo, ambas encontram no tráfico de drogas uma opção econômica de ganhar dinheiro mais rápido. Ambas se posicionaram autônomas em suas escolhas. Assim, se contrapondo à visão da mulher se envolvendo a partir de suas relações afetivas por seus parceiros. Embora 1/3 das mulheres que estão na Unidade Prisional Centro Inserção Consuelo Nasser tenham companheiros,

namorados na Unidade Prisional Masculina Odenir Guimarães, isso não quer dizer que elas se envolveram a partir de suas relações. Porque muitas começaram a se relacionar a partir do momento que foram encarceradas, isto é, se conheceram na indústria ou escola localizadas no Complexo Prisional.

Nesse sentido, a justificativa das dificuldades financeiras seria como uma “desculpa” para essas mulheres estarem inseridas nessas atividades. Porque senão todo mundo que tem uma dificuldade financeira praticaria o mesmo crime. Para Werneck:

A desculpa, então parece ser a operadora de uma permeabilidade, de um diálogo mesmo, entre esses dois mundos. De fato, se há uma operação de que ela parece dar conta é a da migração, da descida de qualquer situação possível conflito moral estabelecida quando uma regra moral é descumprida [...] Essa faculdade responsável por uma série bastante longa de permissões, licenças, dadas cotidianamente pelos atores a si mesmos e aos outros para flexibilização nas regras, o que pode variar do mais básico dilema moral – aquela pergunta sobre alguém faminto pode roubar para comer ou a questão dos atenuantes legais para crimes. (p. 39)

Corroborando o exposto por Becker (2008) ao referir-se à ‘carreira desviante’ no estágio em que indivíduo tende a racionalizar sua posição internalizando justificativas para fundamentar sua permanência na atividade desviante. Assim, é possível perceber a racionalização que as mulheres elaboram para justificar o seu envolvimento nessas atividades consideradas desviantes: foi a única forma que encontraram para resolverem suas dificuldades financeiras. Aqueles que as criticam são por elas considerados equivocados.

As atividades exercidas por essas mulheres no tráfico eram diversas desde confecção da droga em laboratórios de refino, distribuição de drogas, seja em pequenas quantidades ou até mesmo em maiores quantidades; Mesmo quando consideravam suas atividades moralmente condenáveis, afirmavam, contudo, que era a única forma de ganhar dinheiro rápido e fácil para suprir as necessidades.

Quanto às suas perspectivas quanto ao futuro, as elaborações não são uniformes. Há quem não vislumbre outra perspectiva fora das atividades criminosas, quem faça referência ao amor aos filhos para buscar um outro caminho, fora das atividades ilícitas e mesmo quem não consiga mais construir qualquer projeto de futuro. No segundo grupo, há reeducandas que manifestam a pretensão de montar algum empreendimento como: salão de beleza e restaurante ou trabalhar num emprego formal. Querem uma vida nova longe dessas atividades consideradas desviantes.

Embora, esse seja o projeto dessas mulheres, sabe-se que a realidade é outra. O índice de reincidência é muito alto. Como foi detectado nesta pesquisa 70% delas são reincidentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary.Garcia; PINHEIRO, Leonardo de Castro; LIMA, Fabiano de Sousa e MARTINELLI, Claudia da Costa. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas*. Brasília, UNESCO, 2002.

ADORNO, Sérgio. Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira. In: MICELI (org) *O que ler na ciência social brasileira*. 1970-2002. São Paulo: ANPOCS: Ed. Sumaré, Brasília, DF: CAPES, 2002.

_____. *Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC*. 2007.

_____. *Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea*. *Jornal de Psicologia-PSI*, n.Abril/Junho,p.7-8,2002.

_____.Crime, justiça penal e desigualdade jurídica: as mortes que se contam no tribunal de júri. In: *Revista USP*, Dossiê Judiciário, n.21, 1994.

ATHAIDE, Celso; BILL, MV. *Falcão mulheres e o tráfico*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

BARCINSKI, M. 2009. Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 14(5):1843-1853. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000500026> acesso: 20 de março de 2014.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BLUMER, Hebert. *Symbolic Interacionism: perspective and method*. New Jersey: Prentice Hall, 1978.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: editora 34/Edusp, 2000.

CAMARGO, Jean Carlos Gomes. Medo e insegurança na cidade de Jataí. In: *Violência Urbana em Goiás: práticas e representações* / Organizadora, Dalva Borges de Souza. Goiânia: Editora UFG: Cânone Editorial, 2011.

- CLEMMER, Donald. *The Prision Community*. New York. Rinehart, 1940.
- COELHO, Edmundo Campos. *A Oficina do Diabo*. Organização, Magda Prates Coelho. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- COSTA, Elaine Cristina Pimentel. **Amor Bandido**: as teias afetivas que envolvem a mulher ao tráfico de drogas. 2ª Ed. Maceió. EDUFAL, 2008.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus, 1995.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, 1º semestre 2002, p. 171-88.
- CUNHA, Manuela Ivone P. da. *A prisão feminina como 'Ilha de Lesbos' e escola do crime*: discursos, representações, práticas. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 1991
- DRAPKIN, Israel. *Manual de criminologia*. São Paulo, Bushatsky, 1978.
- DUBET, François. As desigualdades multiplicadas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 17, 2001.
- _____. *A Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget. 1994.
- _____. Sobre a violência e os jovens. *Cadernos de Ciências Humanas*. Especiaria. v. 9, n. 15 jan/jun, 2006. p. 11-31
- FANDINO MARINO, Juan Mario. Análise comparativa dos efeitos da base socioeconômica, dos tipos de crime e das condições de prisão na reincidência criminal. *Sociologias* [online]. 2002, n.8, pp. 220-244. ISSN 1517-4522. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222002000200010>. Acesso: 11 de julho de 2014
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- _____. *Qualidade na Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre, Artmed, 2008.
- FRINHANI, Fernanda de Magalhães Dias e SOUZA, Lídio de. *Mulheres encarceradas e espaço prisional: uma análise de representações sociais. Psicol. teor. prat.* [online]. jun. 2005, vol.7, no.1. Disponível: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/article/viewFile/1027/744>. Acesso em 10 de outubro de 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOLDSTEIN, P. *The drugs/violence nexus: a tripartite conceptual framework*. Journal of drugsissues, 14. 1985.

HAGUETTE, Teresa M. *Metodologia Qualitativas na Sociologia*. 9ª Edição, Petrópolis. Vozes, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. "De que gênero estamos falando? In: *Sexualidade, gênero e sociedade* ano1. Nº 02 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

IBGE. *Censo Demográfico 2000: famílias e domicílio*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/familias/tabfambr1122.pdf>

Acesso em 15 de setembro de 2013

IBGE. *Censo Demográfico 2010: famílias e domicílios*. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Familias_e_Domicilios/tab1_1.pdf acesso em 25 de agosto de 2013.

KERLINGER, Fred N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: EDUSP, 1980.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: *Teoria Social Hoje*. (org Anthony Giddens e Jonathan Turner). São Paulo: Unesp, 1999.

LEMGRUBER, Julita. *Cemitério dos vivos*. 2ª Edição, Rio de Janeiro. Forense, 1999.

MARCONI, M A; LAKATOS, E M. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA – EXECUÇÃO PENAL. *Dados do DEPEN sobre estatísticas dos presídios no estado de Goiás*. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRNN.htm> acesso em 02 de agosto de 2013.

MISSE, Michel. *Sobre a Acumulação Social da Violência no Rio de Janeiro*. In: Porto Alegre, Revista Civitas, Vol. 8 no.3, set-dez 2008 (p. 371-385).

_____. *As Ligações Perigosas: Mercado Informal Ilegal, Narcotráfico e Violência no Rio*. Rio de Janeiro: Lumen Júris Editora, 2006.

_____. *Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro*. Estudos avançados. Vol 21 n.61 São Paulo, set-dez, 2007 (p.136-157)

_____. *O Movimento: A constituição e reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência. Drogas e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

_____. *Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido"*. São Paulo. Lua Nova, 79:15-38, 2010

NUNES, Jordão Horta. *Interacionismo simbólico e dramaturgia: a sociologia de Goffman*. São Paulo/Goiânia, Humanitas/Editora da UFG, 2005.

OLIVEIRA, Odete Maria. *Prisão um Paradoxo Social*. Santa Catarina. Editora: UFSC, 1984.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/unase/sobre/situacao/>>. Acesso em 06 de setembro de 2013

PARANT, Colett. Au-delà du Silence: les productions féministes sur le << criminalité >> et criminalisation des femmes In: *Déviance et société*. 1992, vol 16 nº 3 pp. 297-328.

PISCITELLI, Adriana. Re-Criando a (categoria) mulher? In: *A prática feminista e o conceito de gênero*. ALGRANTI, Leila (Org). Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n.48).

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, vol 11, nº 2, jun/dez, 2008. pp.263-274

RAMALHO, José Ricardo. *Mundo do crime: a ordem pelo avesso*. Rio de Janeiro. Graal, 1983.

RESUMOS JURÍDICOS. *Lei de drogas (Lei 11.343/2006)* Disponível em <http://permissavenia.wordpress.com/2009/12/11/lei-de-drogas-lei-11-34306/> Acesso em 16 de setembro de 2013.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. S.O.S Corpo. Recife, 1993. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1919> Acesso em 14 de agosto de 2013

RUGGIERO, Vincenzo. *Crimes e Mercados: Ensaios em Anticriminologia*. Rio de Janeiro. Editora Lumen Juris, 2008

SHAW, Clifford R, MCKAY, Henry D. Differential Systems of Values. In: *Classics of Criminology*. 1942. (p.143-150)

SOARES, Bárbara Musumeci; ILGENFRITZ, Iara. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Gramond, 2002.

SOTTANI, Silvana M. Ribeiro. *O Interacionismo: Gênese, Afinidades Eletivas e Desdobramentos Recentes*. 314 pág. Dissertação de mestrado em Ciências.

Juiz de Fora, MG. 2008. Disponível em <http://hdl.handle.net/123456789/70>. Acesso em 18 de dezembro de 2012.

SOUZA, Dalva Borges; FRATTARI, Najla Franco. Padrões de Homicídios na Região Metropolitana de Goiânia. In: *Homicídios nas Regiões Metropolitanas Brasileiras*. (org. ANDRADE, Luciana Teixeira de, FREIRE, Flavio Henrique M. A, SOUZA, Dalva Borges) Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

STEFFENSMEIER, Darrell J. *Sex Differences in Patterns of Adult Crime, 1965-77: A Review and Assessment*. Social Forces, 1980 Vol 58 1080-1108.

TIBURI, Marcia; DIAS, Andréa Costa Dias. *Sociedade fissurada: para pensar as drogas e a banalidade do vício*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

VARELA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo Companhia das Letras, 1999.

VELHO, Gilberto. O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social. In: *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social* organizador Gilberto Velho. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.

VOEGELI, Carla Maria Petersen Herrlein. *Criminalidade & violência no mundo feminino*. 1ª ed. (ano 2003), 3ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2013: Homicídios e Juventude no Brasil*. Rio de Janeiro, CEBELA, 2013. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf Acesso: em 27 de agosto de 2013.

ZALUAR, Alba. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro. Revan: Ed, UFRJ, 1994.

Noticiais

FERNANDES, Leiticia. Em Goiás, 'módulos de respeito' reduzem tensão. *O Globo*, 11 de jan. de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/em-goias-modulos-de-respeito-reduzem-tensao-11275669> Acessado em: 06 de maio de 2014.

GARCIA, Daniela. Mulher morta em linchamento é a 20ª vítima de "justicamentos" só neste ano. *Correio Braziliense*, 06 de abr. de 2014. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2014/05/06/interna_brasil,426209/mulher-morta-em-linchamento-e-a-20-vitima-de-justicamentos-so-neste-ano.shtml Acessado em: 02 de junho de 2014.

JORGE, Éder. Jornal destaca artigo de juiz sobre novo presídio de Trindade. *AESMEGO*, 16 de dez. de 2009. Disponível em: <http://asmego.org.br/2009/12/16/jornal-destaca-artigo-de-juiz-sobre-novo-presidio-de-trindade/> acessado em: 06 de maio de 2014.

MELO, Rosana. Boato no Whatsapp faz polícia negar serial killer. *O Popular*, 30 de mai. De 2014. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidades/boato-no-whatsapp-faz-pol%C3%ADcia-negar-serial-killer-1.560849> Acessado em: 05 de julho de 2014.

PEREIRA, Igor Augusto. Trindade inaugura unidade prisional. *Tribunal de Justiça do Estado de Goiás*, 15 de dez. de 2009. Disponível em: <<http://www.tjgo.jus.br/bw/?p=25905>> acessado em: 05 de maio de 2014.

RBA, Rede Brasil Atual. <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/06/senado-aprova-fim-da-revista-vexatoria-em-presidios-8837.html>. Acessado em 19 de agosto de 2014.

RODRIGUES, Galtier. Sistema prisional: presos divididos por tipo comida. *APPEGO*, 15 de abr. de 2014. Disponível em: <<http://www.appego.com.br/papiloscopistas-goias/8678-sistema-prisional:-presos-divididos-por-tipo-de-comida>> Acessado em: 20 de julho de 2014.

_____. Relatório vê fraude em marmitas. *O Popular*, 13 de abr. de 2014. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidades/relat%C3%B3rio-v%C3%AA-fraude-em-marmitas-1.521538?parentId=ojcTrailTitlePane_7_218528_1335442978_5249849_2> Acessado em: 22 de julho de 2014.

ZAGO, Adriano. Delegado nega boato sobre serial killer. *O hoje*, 30 de mai. De 2014. Disponível em: <http://www.portalohoje.com.br/homologacao_20052013/cidades/delegado-nega-boato-sobre-serial-killer/> Acessado em: 05 de julho de 2014

Outras fontes

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Direitos e deveres das mulheres presas*. Disponível em: <<http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/41/Documentos/cartilha-mulher-presa.pdf>> Acessado em: 29 de julho de 2014.

INFORMATIVO REDE JUSTIÇA CRIMINAL. *Boletim temático: revista vexatória*. Disponível em: <<http://redejusticacriminal.files.wordpress.com/2013/07/rede-boletim-revista-vexatoria-marc3a7o-17-03-2014-web.pdf>> Acessado em: 29 de julho de 2014.

PEDRAS PRECIOSAS BRASILEIRAS. Disponível em: <http://www.pedraspreciosasbrasileiras.com.br/pedras.php?categoria=galeria> Acessado em 10 de agosto de 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *LEI Nº 7.210, DE 11 DE JULHO DE 1984*. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm> Acessado em: 24 de julho de 2014.

UNICEF. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_01.pdf> Acessado em: 25 de julho de 2014.

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro de entrevista semiestruturado

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Qual é o seu nome?
2. Qual Idade?
3. Até que série você estudou?
4. Em que bairro você morava antes?
5. Qual seu Estado Civil?
6. Tem filhos? Quantos?
7. Qual idade de seus filhos?
8. Quem toma conta de seus filhos?
9. Qual a profissão de seus pais?
10. Qual a escolaridade de seus pais?
11. Você tem religião? Qual? A partir de quando ingressou nessa religião?
Qual igreja?
12. Faça uma narrativa de onde você nasceu, onde você cresceu e de onde sua família é?
13. Você tem irmãos?
14. Qual a idade de seus irmãos?
15. Qual a profissão de seus irmãos?
16. Como é sua relação com pai, mãe, irmãos, filhos, maridos?
17. Alguma vez você já presenciou algum tipo de violência dentro da sua casa?

18. Quando você pensa em sua família o que lhe vem à cabeça?
19. Qual idade começou a trabalhar?
20. Qual era a sua atividade de trabalho antes de ser presa? Você gostava de seu trabalho?
21. Qual é era sua renda?
22. Qual é a renda familiar?
23. Quantos empregos já teve?
24. Quanto tempo ficou em cada emprego?
25. Já ficou desempregada? Por quanto tempo?
26. No seu bairro já houve algum curso de qualificação profissional? Você participou de algum? Quais?
27. Você trabalha aqui no presídio? Qual atividade?
28. Caso tenha filhos: você sempre conseguiu comprar tudo que você precisou para seus filhos?
29. É a primeira vez que foi presa?
30. Por qual motivo da sua prisão?
31. Você recebe visita? Quem a visita?
32. Alguém da sua família já cometeu algum crime? Qual grau de parentesco? Atualmente está preso?
33. Como é o seu dia a dia desde a hora que você levanta até hora de dormir? Tem horários?
34. Como é a sua relação de amizade com outras presas?
35. Como se dá a distribuição dentro do presídio: idade, delito, com filhos ou por tempo?
36. Você usa ou usou algum tipo de droga?

37. Quantos anos tinha quando teve o primeiro contato com as drogas?
38. Como se deu seu envolvimento com as drogas. Você teve alguma influência familiar, parceiros, amigos ou pessoas conhecidas?
39. O que você começou fazendo no envolvimento com drogas ilícitas?
40. Você considera o tráfico de drogas uma atividade errada? Por quê?
41. Você já envolveu em outras atividades consideradas erradas? Quais?
42. Você considera a venda de CD/DVD na rua errado? Por quê?
43. Você se achava poderosa por está envolvida em atividades consideradas criminosas?
44. O que o dinheiro do mercado de drogas ilícitas lhe proporcionou? (caso responda produtos perguntar a marca)
45. Alguém da sua família é envolvida com drogas e álcool?
46. Você conhece alguém que já morreu por envolvimento com as drogas? Qual idade? Algum grau de parentesco?
47. O que você acha que sua família, amigos, conhecidos e vizinhos pensam sobre seu envolvimento com drogas? Isso te incomoda?
48. Você considera correr algum tipo risco a partir de seu envolvimento com o mercado de drogas?
49. O que tem de positivo e negativo no seu envolvimento com o mercado de drogas?
50. Qual o seu projeto de vida em relação ao futuro?

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/CEP



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Marcilaine Martins da Silva Oliveira, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Sociologia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa** ou sempre que julgar necessário para sanar possíveis dúvidas, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Marcilaine Martins da Silva Oliveira no telefone (inclusive pode ligar a cobrar): (62) 9208-2578

Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA: Título do Projeto: *“Donas da Boca?” a presença das mulheres no tráfico de droga.*

Pesquisadora Responsável: Marcilaine Martins da Silva Oliveira
Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás
Telefone para contato (inclusive pode ligar a cobrar): (62) 9208-2578

Esta pesquisa tem como principais objetivos: 1) estimar e compreender a inserção gradativa das mulheres no mercado de drogas ilícitas; 2) caracterizar quem são as mulheres inseridas no mercado de drogas ilícitas quanto a:

estrato social, sexo, idade, ocupação, vínculo com o mercado de trabalho, inserção escolar e familiar; 3) perceber o grau de autonomia dessas mulheres na determinação das suas escolhas; 4) perceber quais são os mecanismos de racionalização utilizados pelas mulheres para justificar as suas atividades criminosas. Serão realizadas 25 entrevistas com mulheres nas dependências da instituição prisional, por meio de gravador digital e por escrito. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. O benefício de sua participação contribuirá para o conhecimento gerado pela pesquisa e poderá gerar políticas públicas para mulheres, especialmente mulheres envolvidas no tráfico de drogas. É possível que aconteçam riscos e desconfortos decorrentes de sua participação na pesquisa em compartilhar informações pessoais, no entanto, as informações não serão repassadas a outras encarceradas, a agentes e nem aos seus superiores. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e analisadas em conjuntos com as de outras voluntárias e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Em caso de dano pessoal, diretamente causado pela participação da pesquisa, a participante tem direito de pleitear indenização. Porém, não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Nome e Assinatura da pesquisadora _____

Marcilaine Martins da Silva Oliveira

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____,

RG _____,

CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo ***“Donas da Boca?” a presença das mulheres no tráfico de droga***, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) Marcilaine Martins da Silva Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento, se for o caso).

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____